Adriana de Oliveira Silva

**A folia do Divino:
experiência e devoção em São Luís do Paraitinga e Lagoinha
(Versão revista e corrigida da dissertação)**

**São Paulo
Agosto 2009**

Adriana de Oliveira Silva

**A folia do Divino:
experiência e devoção em São Luís do Paraitinga e Lagoinha**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.
Orientador: Prof. Dr. John Cowart Dawsey**

De acordo

A handwritten signature in dark ink, reading "John C. Dawsey". The signature is written in a cursive style with a large initial "J" and a distinct "C" for "Cowart".

John Cowart Dawsey

**São Paulo
Agosto 2009**

SILVA, Adriana de Oliveira. *A folia do Divino: experiência e devoção em São Luís do Paraitinga e Lagoinha*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. John Cowart Dawsey (presidente)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Profa. Dra. Maria Lucia Aparecida Montes (titular)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Prof. Dr. José Amálio de Branco Pinheiro (titular)

Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

Este exemplar revisado corresponde à versão corrigida da dissertação de mestrado, defendida perante a Banca Examinadora em 10/11/2009. A versão original se encontra disponível no Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

De acordo

A handwritten signature in dark ink, reading "John C. Dawsey", is written over a horizontal line.

John Cowart Dawsey

Ao Divino Espírito Santo

Resumo

Nesta etnografia, a devoção ao Divino Espírito Santo é abordada por uma trilha menos explorada. Em vez de postar-se no centro do arraial em homenagem ao *Santo*, diante da igreja matriz, segue-se viagem com a bandeira e os cantadores da folia do Divino em seu giro peditório de casa em casa. Elege-se também a antropologia da experiência como princípio de composição para um giro teórico em que a *experiência* dos devotos e a do Divino Espírito Santo são os aspectos mais importantes a serem discutidos.

Palavras-chave: giro da folia do Divino; festa do Divino; antropologia da experiência; ritual; liminaridade e *communitas*; reciprocidade; barroco.

Abstract

In this ethnography, the Holy Spirit devotion is approached by a less explored trail. Instead of staying fixed in the center of the festival in honor of the *Saint*, in front of the major church, the researcher goes into the journey with the *bandeira* and the singers of the *folia do Divino* in their begging peregrination house to house. The anthropology of experience is elected as the composition principle for a theoretical journey in which the *experience* of the devotees and that of the Holy Spirit are the most important aspects to be discussed.

Palavras-chave: Holy Spirit peregrination; Holy Spirit feast; anthropology of experience; ritual; liminality and *communitas*; gift, baroque.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a John Cowart Dawsey por ter aceitado orientar este trabalho, o que fez com imensa generosidade e competência. Em diferentes fases da pesquisa, sua leitura e escuta – sempre atentas e originais – abriram-me muitas possibilidades ao mesmo tempo em que me ajudaram a explicitar o que de fato eu gostaria de abordar nesta pesquisa.

Aos colegas do NAPERDA (Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama), coordenado por John Cowart Dawsey, em especial, Carolina de Camargo Abreu, Giovanni Cirino, André-Kees de Moraes Schouten, Danilo Paiva Ramos e Marcos Vinicius Malheiros Moraes pelo convívio estimulante e feliz em meio a discussões teóricas, performances e muito riso.

Agradeço aos meus interlocutores em campo, em especial, Marcelo Henrique Santos Toledo pelo apoio e ideias para a realização da pesquisa de campo. Agradeço também aos foliões da festa do Divino de São Luís do Paraitinga de 2008 e 2009, e aos foliões da festa do Divino de Lagoinha de 2009. Sou imensamente grata a todas as famílias que me deram pouso e que me foram sutis ao responder questões muitas vezes obtusas. Aos devotos das casas de giro, cujo contato foi breve mas muito profícuo para esta pesquisa.

Às professoras Maria Lucia Montes e Rose Satiko Gitarana Hikiji, participantes da banca de qualificação, pela sinceridade e generosidade com que comentaram meu relatório, alertando-me sobre vários reducionismos interpretativos e, desse modo, livrando-me de discussões infrutíferas para dedicar-me ao que eu realmente achava importante aprofundar.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Ana Claudia Duarte Rocha Marques, Marta Rosa Amoroso e Júlio Assis Simões pela leitura rigorosa do meu projeto de pesquisa na banca de seleção, mostrando-me as falhas e abrindo possibilidades para enfrentá-las; Vagner Gonçalves Silva, por me estimular a retomar o trabalho de campo iniciado na graduação em jornalismo e pelas sugestões valiosas para redigir um projeto de

pesquisa em antropologia; Heitor Frúgoli Jr., por também me incentivar a retomar a pesquisa, dizendo-me que muito já havia sido escrito sobre a festa do Divino, mas que eu encontraria uma trilha fecunda; Márcio Ferreira Silva, pelo estímulo ao sempre querer saber como estava indo a pesquisa de campo, e também pelo curso de Antropologia Clássica, em que lembrava aos alunos que, embora grande parte das pesquisas na antropologia (e noutras disciplinas) tenham sido feitas com punhaladas nas costas dos antecessores, provavelmente essa estratégia é a menos interessante; Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer pelos comentários e conselhos empolgados sobre os projetos de pesquisa dos colegas e o meu na disciplina Seminários de Projeto; Fernanda Âreas Peixoto e Fernando Brumana pelo maravilhoso curso sobre os autores que concentram sua atenção na discussão de lugares, acontecimentos e circunstâncias *liminares*, entre eles, Victor Turner; Lilia Moritz Schwarcz, cujo curso Uma História da Antropologia, que assisti ainda como aluna especial, contribuiu muito para que eu quisesse transformar meus encontros furtivos com a antropologia numa relação de longa duração; Rose Satiko Gitarana Hikiji pelo estímulo em todas as fases desse trabalho, desde a redação do projeto até o final da redação da dissertação, e também pelo curso maravilhoso de Antropologia Visual; e Sylvia Caiuby Novaes pelas indicações bibliográficas sobre o choro ritual.

Aos colegas da minha turma de mestrado: Adalton José Marques, Alexandre Kishimoto, Ana Martha Tie Yano, Caio Pompeia Ribeiro Neto, Camila Gauditano de Cerqueira, Enrico Spaggiari, Florbela Almeida Ribeiro, Gabriel Pugliese Cardoso, Gláucia da Silva Destro de Oliveira, Paula Wolthers de Lorena Pires, Renato Adura Martins e Thais Chang Waldman. Sem falsa modéstia, nós somos um grupo muito especial. Somos especiais pelo interesse, estímulo e carinho com que lidamos com as pesquisas uns dos outros.

Alexandre Kishimoto, Camila Gauditano, Carolina de Camargo Abreu, Giovanni Cirino, Lilian Saggio pela leitura primorosa e instigante de grande parte desta dissertação, em suas diferentes fases, evidenciando os pontos fortes e fracos

do trabalho, oferecendo-me inúmeras sugestões de como destacá-los ou desenvolvê-los.

Ao jornalista e professor Marcelo Coelho, meu primeiro orientador nessa busca pelo Divino, agradeço a graça e seriedade com que me orientou em 2003 e pelo estímulo em aprofundar a pesquisa na antropologia. Ao professor Luiz Henrique de Toledo, por ter me apresentar a antropologia de modo tão instigante no curso de jornalismo. Ao professor Amálio Pinheiro, pela leitura atenta e paciente da etnografia do giro da folia quando esta ainda era amontoado de relatos e descrições sem nenhuma sistematização, confirmando escolhas e me mostrando outras possibilidades.

A Laura Bacellar pela revisão do projeto de pesquisa. A Edméa Garcia Neiva e Rodrigo Danesi pela leitura da etnografia em sua forma ainda fragmentária e por sua confiança em que “aquilo” se transformaria sim numa dissertação.

Ao terapeuta Gilberto José Picosque pela leitura e escuta amorosa, crítica e estimulante desta pesquisa, que acabou se tornando um atalho bem interessante para saber mais sobre quem eu sou.

À minha família, especialmente José, Virgília, Luciana, Aninha, Igor, Xaninha, Anima e Bia, pelo amor e carinho, embora eu tenha ficado tanto tempo ausente.

E, finalmente, agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela concessão da bolsa de mestrado, indispensável para realização desta dissertação, e também pela oportunidade de usufruir de sua competente avaliação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. A FORMA DA DEVOÇÃO	18
Estar lá	18
Perseguindo pessoas sutis com questões obtusas	23
Cantoria e choro na praça matriz	26
Cantoria e choro nas casas dos devotos	28
O giro da antropologia	29
... e o giro da folia	34
A forma da devoção	39
2. O GIRO DA FOLIA	42
A cavalo	42
Cheiro de terra e flor	43
Land Rover e Saci	44
Visitando as primeiras moradas do dia	45
Sinal da cruz e afago	47
Um altar	48
A folia convida para a grande festa	49
Prendas para o Divino	50
Mais prosa e café	54
Sobre a cantoria	55
Sem cantoria nem prosa	61
Empacada no giro	62
Pausa para almoçar... ..	63
... e agradecer o pouso	64
Visitando mais moradas à tarde	65
Rede de comunicação e de amparo	68
O pouso do Divino	70
Chegando à casa do pouso	72
Cantoria para pedir pouso	74
Os convidados vão chegando	76
O folião e suas máscaras: franciscano, malandro, biscateiro	77
... e trabalhador remunerado	78
Reza para agradecer a janta do Divino	79
Depois da janta do Divino	80
... é hora de contar milagres	81
... e mais milagres	82
Império	84
Afogado	87
Hóstia popular	92

3. POR QUE ELES CHORAM?	93
O poder do fraco.....	93
Por que eles choram?	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

APRESENTAÇÃO

Dizem que em cidadezinha de interior ninguém exerce mais poder do que o padre e o prefeito. São Luís do Paraitinga parece confirmar o dito, exceto em dia de festa. De festa do Divino Espírito Santo.

Seu Zé Lau, mestre da Companhia de Moçambique São Benedito, de Catuçaba, distrito de São Luís do Paraitinga, gargalhava alto ao contar que a repórter que fazia a cobertura da festa para a TV Vanguarda, a Globo do Vale do Paraíba, pediu para ele posar para o cenografista:

– O padre tava dando entrevista e mandou eu dar o fora dali. Mas a moça da televisão pediu pra eu ficar e mostrar como se dança o moçambique. Daí eu mostrei pra ela pra que é que serve o paiá!

Paiás são correias com guizos pendurados, usadas abaixo dos joelhos ou acima dos tornozelos. Com elas, os dançadores marcam o ritmo do moçambique cada vez que batem o pé no chão, enquanto entoam versos em louvor a São Benedito, entrechocando bastões, simulando lutas e exibindo coreografias. Ex-roceiro e ex-pequeno proprietário de terra, seu Zé Lau guarda os paiás e os instrumentos musicais que usa nas apresentações da companhia na casa de pau-a-pique no sítio onde trabalha como caseiro. É ele quem providencia o figurino dos integrantes do grupo: túnicas brancas, enfeitadas com fitas vermelhas cruzadas no peito e nas costas, e casquetes brancos decorados com fitas e sinhaninhas coloridas.

Durante as festas, as sociedades brincam com o perigo e paralisam o fluxo da vida cotidiana,¹ papéis são suspensos ou invertidos,² diferentes segmentos da sociedade se reúnem,³ contradições sociais são explicitadas.⁴ Em meio à dança, comilança, voltas no parque de diversões e nas rezas da novena, a vida se torna mais intensa na pacata São Luís do Paraitinga. E personagens e elementos estruturalmente arredios, como seu Zé Lau e seu paiá, ganham o centro da cena.

¹ Dawsey, 2006a.

² Damatta, 1988; Amaral, 1988.

³ Del Priori, 1994; Abreu, 1999.

⁴ Brandão, 1978, 1980, 1981, 1985.

Seria um jogo de subversão da ordem estabelecida, ainda que apenas durante os nove dias de festa? Talvez.

Instigante foi perceber que a gargalhada zombeteira diante do poder instituído e da religiosidade oficial é encenada com muita solenidade, alegria e choro praticamente o ano inteiro: com a missão de preparar a próxima festa anual, mal termina a celebração do Divino na praça matriz, os devotos reiniciam o ciclo de andança da bandeira, organizando rezas, jantares e bailes para acolher o Santo em peregrinação – são os animados pousos do Divino que encham de festa as noites do giro da folia.

Seguindo a intuição provocada pelo choro convulso dos foliões do Divino diante da igreja matriz, decidi abordar a devoção ao Divino Espírito Santo por uma trilha menos explorada. Em vez de fixar-me no arraial em homenagem ao Santo na cidade, decidi seguir viagem com a bandeira e os foliões do Divino em seu giro precatório (para pedir esmola), votivo (para cumprir promessas) e rogatório (para suplicar as graças do Divino e abençoar) pela zona rural e urbana.

Um esclarecimento se faz então necessário. Antigamente, em Portugal, *folia* designava uma dança rápida, ao som do pandeiro ou do adufe, acompanhada por cantos.⁵ E a participação animada desses grupos de cantores alegres nas festas do Divino era tão importante e lucrativa que muitas vezes a expressão *folia* do Divino era usada para designar a festa em todo o seu conjunto. Embora possam ser tomadas como sinônimas, as palavras *festa* e *folia* serão utilizadas nesta dissertação para especificar elementos distintos da experiência de devoção ao Divino. *Festa* será usada preferencialmente para indicar a celebração oficial do Santo sob as asas da Igreja católica, sem, no entanto, pretender afirmar que a incorporação da festa pela instituição se dê sem conflitos;⁶ e, *folia*, para referir-se ao grupo de homens que sai em esmolação de casa em casa sob um olhar ainda mais ambíguo do poder eclesiástico.

No presente trabalho, ao mesmo tempo em que se distingue folia como um dos vários elementos que compõem a festa, o diálogo com os interlocutores em

⁵ Cascudo, 2001.

⁶ Abreu, 1999; Ravelli, 1998.

campo revela que sua andança é o lastro da celebração do Divino: a participação na festa na cidade se torna uma experiência ainda mais significativa quando é o ponto de culminância de um movimento mais duradouro, profundo e inclusivo – festejar a chegada do Divino Espírito Santo na própria casa.

Giro empírico e giro teórico

Para comentar a devoção ao Divino Espírito Santo com base no recorte empírico escolhido – o giro da folia – servi-me da antropologia da experiência como o princípio de composição de um giro teórico informado pela disciplina.

Grosso modo, o que estou chamando de antropologia da experiência é a abordagem formulada por Victor Turner, com base no conceito de *Erlebnis* (*experiência vivida*) cunhado por Wilhelm Dilthey. Com ela, Turner enfatizou o tipo de antropologia que ele sempre fez: a análise da ação, da ação simbólica, da performance, em suma, o exame do que os homens fazem, contrapondo-se às análises antropológicas divorciadas da experiência concreta. Para Turner, uma experiência marcante exige uma forma de expressão, pois os significados obtidos a duras penas precisam ser ditos, pintados, dançados, dramatizados, ou seja, “postos em circulação”.⁷

No caso da festa e da folia do Divino, penso que essa busca pela explicitação e circulação da experiência devocional é radical. Desse modo, com base na etnografia, a leitura empreendida nesta dissertação acaba por explicitar a forma da devoção como a verdade da experiência de devoção ao Divino. Isto porque a sua forma, isto é, seu modo de pôr significados em circulação, é a própria presentificação do Espírito Santo por meio de sequências rituais marcadas pelo excesso de estímulos sensoriais, indispensável para promover um estado permeável ao sagrado.

A forma da devoção na festa do Divino é uma profusão de atrações: ouvir as alvoradas e os foguetórios; regalar-se com o afogado e o café com paçoca, comida farta, sagrada e gratuita; saborear as iguarias vendidas pelos barraqueiros:

⁷ Turner, 2005, p. 180.

sanduíche de linguiça, sanduíche de pernil, acarajé, cachorro-quente, pipoca, doces, pinga, cerveja; dar voltas no parque de diversões; dançar com os grupos de congada e moçambique, de cavalo-marinho e catira; e ainda ter fôlego para correr dos bonecos João Paulino e Maria Angu; e também rir das muitas quedas dos homens do pau de sebo; além de acompanhar os volteios das meninas na dança de fitas; e, durante a cavallhada, torcer para os cristãos e talvez mais para os mouros, além de fugir do chicote dos Mateus (palhaços da folia de Reis) em suas roupas de chita; e, também, participar das procissões e das missas da novena do Divino.

Já a forma da devoção no giro da folia do Divino é a andança de casa em casa, a chegada muitas vezes repentina da divindade, numa profusão de altares, imagens, rezas, cantorias, comidas, bebidas; numa sucessão de moradas percorridas num tempo e espaço dilatados, em que tanto o choro quanto o riso têm um lugar cativo na expressão da fé no Santo. A presença de um espírito dramático é evidente na festa e no giro. Graças ao número espetacular de folguedos, em muitos lugares, a festa do Divino é chamada de teatro do Divino.⁸

Nessa perspectiva, o giro da folia pode ser considerado a festa de presentificação do Divino que se estende durante o ano inteiro, ao mesmo tempo em se configura como uma espécie de fiadora da celebração oficial na cidade. Além disso, ao promover uma andança devocional praticamente ininterrupta, o giro parece mimetizar um tempo espiralar em que a vida social é concebida num contínuo dar, receber e retribuir que, como veremos, também é o dom do Espírito Santo.

No entanto, referindo-se ao giro da folia, durante a novena do Divino de 2008, dom Carmo João Rhoden afirmou:

– *É fácil* levar a bandeira de lá pra cá. *O difícil* é ter a verdadeira fé!

Proferida diante de uma igreja vermelha de bandeiras, a queixa do bispo de Taubaté soou esdrúxula. Mas ninguém pareceu se abalar. Terminada a missa, devotos em procissão carregaram suas bandeiras até o império, a folia fez a cantoria e o bispo sorriu.

⁸ Abreu, 1999.

– Caprichado, muito caprichado, o bispo comentou observando a decoração do império.

Antes, o bispo havia explicado que o ritual diante do altar do Divino era apenas uma finalização da missa, pois a celebração ao Espírito Santo já havia ocorrido na igreja.

A consideração da folia como mero folclore explicita a invalidação meticulosa das formas de religiosidade das camadas populares. A ideia de que há *variedades* e não *graus* de cultura (ou religiosidade) ainda não desbancou a noção de um refinamento intelectual (e espiritual) resultante de um processo civilizador. Seguindo a folia do Divino, ouvem-se trechos de um diálogo truncado entre a elite eclesial e o povo, que tenta reiterar que os primeiros têm *religião* e, os segundos, *folclore*.

A possível contribuição dessa dissertação é tomar a devoção ao Divino durante o giro da folia como caso empírico privilegiado para discutir algo caro à antropologia: o pressuposto de que o que caracteriza a unidade do homem é a sua aptidão praticamente infinita de inventar modos extremamente diversos de vida e de organização social e, no caso desta pesquisa, de experiências com o sagrado. Isso porque o estudo antropológico busca constituir arquivos da humanidade em suas diferenças significativas e assim tornar possível um alargamento do universo do discurso humano.⁹

Ao propor uma leitura do giro da folia com base na suposição de que a verdade da experiência de devoção ao Divino é a sua forma, o objetivo desse trabalho é indagar se o significado do giro da folia não se faria por meio de uma teologia, ou melhor, de uma pneumatologia vivida, constituída por uma experiência performativa do Espírito Santo, numa imitação solene e carnavalizante do próprio percurso e discurso Dele, para qual a abertura aos sentidos do corpo é condição essencial.

Assim, em vez de privilegiar a análise de uma cosmologia ou de uma teologia subjacente à devoção ao Divino, neste trabalho, procura-se explicitar que é

⁹ Geertz, 1989a.

justamente a devoção encarnada e festiva, e, ao mesmo tempo, tão perseguida e deslegitimada, a expressão e a própria misericórdia de Deus.

Esta dissertação está dividida em três partes. No primeiro capítulo, é apresentada a região onde a pesquisa foi realizada. Depois, discutem-se as oportunidades abertas ao tomar o giro da folia como percurso empírico privilegiado para a pesquisa da experiência de devoção. Necessariamente imbricada ao recorte empírico, inscreve-se a escolha da antropologia da experiência como abordagem teórica profícua para explicitar a forma da devoção ao Divino.

No segundo capítulo, empreende-se um relato etnográfico com rápidas visadas interpretativas do giro da folia. Lançando mão da situação narrativa de *um dia com a folia*, a etnografia é apresentada como uma justaposição das falas dos interlocutores no campo empírico e no campo teórico.

No último e terceiro capítulo, são retomados alguns trechos etnográficos para refletir sobre os motivos para o diálogo truncado entre a elite eclesial e os devotos do Divino e, também, para aprofundar a discussão teórica sobre o significado do giro da folia na devoção ao Espírito Santo.

1. A FORMA DA DEVOÇÃO

Estar lá

*As moças de antigamente conseguiam seduzir com artimanhas bobas:
um olhar maroto, uma piscadela ou um vestido mais assanhado.
Assim também é São Luís do Paraitinga. Nesse lugarejo encravado
entre as cidades paulistas de Taubaté e Ubatuba, no Vale do Paraíba,
não há shopping center, cinema ou restaurante chique.
Mas o jeitão de cidade antiga é bem capaz de atrair muitos visitantes,
gente que deseja saborear o prazer de sentar no banco da praça
e ver o movimento ou presenciar a animação da
Festa do Divino Espírito Santo.¹⁰*

Ingênua, sedutora e festeira... Sobre essa cidade de dez mil habitantes diz-se que em dia em que não se ouvem fogos e não há festa é porque alguma coisa está errada. A “cidade das mil festas” é perita em festas de santo – São Benedito, São Sebastião, São Pedro, São Roque, Nossa Senhora Aparecida, Santa Cecília, a Semana Santa, a festa do Divino... Muitas seguem o calendário da Igreja católica e são celebradas na cidade. Outras são organizadas e realizadas nos bairros rurais, e desvinculadas ou frouxamente controladas pelo clero local.

Além das festas do catolicismo popular, alguns atores locais e forasteiros provem uma identidade diferenciada da cidade com base no casario colonial da época dos barões de café, tombado pelo Condephaat,¹¹ e do carnaval de marchinhas.

Organizado anualmente, o festival de marchinhas é uma iniciativa para valorizar os músicos da região. Compositores de fora podem participar, desde que suas músicas enfoquem a cidade, a cultura e os personagens luizenses. Entre os jurados estão alguns especialistas forasteiros e famosos e entendidos em cultura popular, como Antônio Nóbrega, Suzana Salles, Chico César e Zeca Baleiro. Assim é festejado um carnaval de blocos e cordões com foliões fantasiados de roupa de chita e boneções de corpo de balaio de taquarapoca e cabeça de papel machê, que

¹⁰ Introdução da reportagem “Caipira com muito orgulho”, *Horizonte Geográfico*, 2002.

¹¹ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.

cantam e dançam casos e gentes luizenses pelas ruas do centro histórico. O tradicional carnaval de marchinhas de São Luís do Paraitinga é uma retomada recente de uma manifestação cultural do século XIX. Proibido pela Igreja católica em 1920, esse carnaval de rabo e chifre só foi restaurado¹² em 1980.

Ainda no âmbito musical, mais recentemente Suzana Salles e amigos começaram a organizar a Semana da Canção Brasileira, um evento anual que reúne um festival para a descoberta de novos talentos, oficinas, debates e shows com artistas consagrados, num espírito de formação de músicos e ouvintes. Na terceira edição da Semana, houve homenagens à música caipira, já que 2009 foi o ano do centenário do nascimento do autor de *Você vai gostar*, o músico e compositor, luizense, claro, Elpídio dos Santos. Ao leitor, um convite: escolha a interpretação da canção do Elpídio que mais lhe agradar (eu escolhi a da Inezita Barroso) e abra bem o ouvido porque o galo também já começou a cantar – estamos em São Luís do Paraitinga:

**Fiz uma casinha branca
Lá no pé da serra
Pra nós dois morar
Fica perto da barranca
Do rio Paraná
A paisagem é uma beleza
Eu tenho certeza
Você vai gostar
Fiz uma capela
Bem do lado da janela
Pra nós dois rezar
Quando for dia de festa
Você veste o seu vestido de algodão
Quebro meu chapéu na testa
Para arrematar as coisas do leilão
Satisfeito eu vou levar
Você de braço dado
Atrás da procissão**

¹² Schechner, 1985.

**Vou com meu terno riscado
Uma flor do lado e meu chapéu na mão
Vou com meu terno riscado
Uma flor do lado e meu chapéu na mão**

Além desses exemplos de especificidade cultural, a paisagem da região favorece o turismo ecológico, defendido em oposição ao consumo fast da natureza. A poucos quilômetros do centro histórico de São Luís do Paraitinga, no Núcleo de Santa Virgínia, no Parque Estadual da Serra do Mar, pratica-se o ecoturismo.

Jornalistas, forasteiros e luizenses não são os únicos convencidos da abundância cultural da região. Em 1981, devido à expressividade e à quantidade de suas manifestações culturais tradicionais, São Luís do Paraitinga recebeu do Condephaat o título de “A mais brasileira das cidades paulistas”.

E o município é expert em criar movimentos para preservar não apenas a cultura local, como também, a nacional. Em 2003, para citar um último exemplo da prodigalidade cultural luizense, foi fundada a Sosaci (Sociedade dos Observadores de Saci) contra o “imperialismo cultural” representado pelos “x-men, pokémon, ralóins e jogos de guerra [...]”. O abaixo-assinado para a instituição do dia 31 de outubro como o “Dia do Saci e seus amigos”, aprovado pelo Ministério da Cultura, é paradigmático:

Por que “ralóins”, duendes e gnomos? Nós, brasileiros, temos nossos próprios mitos, que não ficam nada a dever a esses importados, comerciais, que são usados para anestesiar a auto-estima do nosso povo. Respeitamos os mitos dos outros, mas não queremos que eles sejam usados pela indústria cultural como predadores dos nossos. [...] O Saci, a lara, o Boitatá, o Curupira, o Mapinguari e muitos outros brasileiros legítimos estão aí para serem festejados, sem espírito comercial, como nossos legítimos representantes no mundo do imaginário popular e infantil. Viva essa turma boa! [...]¹³

Avistei os telhados das construções antigas do centro histórico de São Luís do Paraitinga durante uma viagem de carro com um amigo a Parati. Não chegamos

¹³ Cf. o “sítio” (e não o “site”, faça o favor!): www.sosaci.org.

a entrar na cidade, mas Sérgio me falou com empolgação sobre o carnaval de marchinhas de lá:

– É autêntico! Um carnaval de marchinhas de rua espontâneo, livre da espetacularização do carnaval carioca e de ter que pagar o preço extorsivo dos abadás do carnaval da Bahia!

Comecei a reunir reportagens e trabalhos acadêmicos sobre a cidade sem saber ao certo o que faria com eles. E eram muitos.

Um desses textos fez irromper em mim a necessidade de ir conhecer e pesquisar a cidade, então o utilizei aqui como síntese das outras reportagens:¹⁴ “A alma da terra: uma viagem aos rincões do Vale do Paraíba, São Paulo, onde vivem ainda os herdeiros de um Brasil simplório, astuto e cheio de graça”, publicada em 2002 na revista *National Geographic*, sob a retranca *Mais Brasil: Caipiras*.

Reportagens como a de Ed Viggiani são curiosas por simultaneamente confirmarem e negarem a situação dos caipiras paulistas tal como descrita por Antonio Candido¹⁵ há mais de cinquenta anos. Tocar viola, pitar um cigarro de palha enrolado na hora e com capricho, e ter muito tempo para prosear e festar *ainda* faz parte do cotidiano de alguns brasileiros, dos luizenses. Seus hábitos e moradias são simples: “[...] o caipira pouco tem e pouco precisa”, o jornalista atesta. Com texto e imagens primorosas, Viggiani demonstra que a vida dos luizenses é caracterizada por valores intrinsecamente *caipiras*, resistentes às mazelas provocadas pela modernidade. Ali vive uma comunidade caracterizada pela autenticidade, solidariedade, simplicidade e o bom humor, sem individualismo nem artificialismo. Parece que os últimos e *bons selvagens*, digo, *caipiras*, não estavam extintos, mas vivendo felizes em São Luís do Paraitinga.

Para nosso pasmo e reconforto, num mundo individualista e sem Deus, esses caipiras são capazes de construir uma experiência em comum e preservar sua

¹⁴ Além do texto de Viggiani, entre as reportagens lidas naquela época estão: “Caipira com muito orgulho”, Flávia Pegorin (texto), Maurício Piffer (fotos), revista *Horizonte Geográfico*, Ano 15, Edição 83, 2002, e “A cidade das mil festas”, Daniel Nunes Gonçalves (texto), vários (fotos), *Terra*, junho, 2000. Entre os trabalhos acadêmicos, destaco a dissertação de mestrado de Marcelo Henrique Santos Toledo, *Espaços individuais e coletivos de sacralidade nos meios populares*, de 2001. A festa do Divino também mobiliza a atenção de cineastas como Ugo Giorgetti, que, em 1996, filmou o docudrama *Divino 96: São Luís do Paraitinga*.

¹⁵ Candido, 2001.

devoção religiosa. “Eles são felizes”, conclui o jornalista temendo por seu desaparecimento: “É possível que o caipira autêntico tenha o destino da assombração e não chegue ao final deste século, talvez nem mesmo ao fim da década. Com toda certeza, porém, o espírito do caipira estará para sempre na alma de milhões de brasileiros”.

Larguei minha mochila no primeiro hotelzinho que enxerguei da rodoviária, a pousada Caravela. Depois, atravessei uma ponte sobre o rio Paraitinga e em poucos minutos estava no centro histórico da cidade. Fiquei admirada. São Luís do Paraitinga parece mesmo tão caipira como mostram as reportagens. E estranhamente sentia-me numa cidade cinematográfica de novela de época da Rede Globo – tudo parecia perfeitamente caipira. Os casarões preservados, o coreto na praça, a igreja matriz, e muitos turistas.

Fiquei mais intrigada em pesquisar a festa do Divino do que o carnaval de marchinhas porque muitas vezes em campo ouvi que a festa é a manifestação cultural mais importante e autêntica da cidade, pois sua razão de ser é a população local e não os turistas, como o carnaval. Viajava sozinha, com gravador e caderno de campo. De janeiro a abril, visitei a cidade em finais de semana alternados e passei os nove dias da festa por lá. Fazia graduação em jornalismo e a pesquisa iniciada em 2002 resultaria num livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso.

Hospedei-me em diversas pousadas, onde o contato com os proprietários e turistas me deu várias pistas das contradições que encontraria pela frente. Logo percebi que os intelectuais, os empresários locais e os turistas são os que mais defendem a alcunha de caipira, enquanto os caipiras, (im)propriamente ditos, nem sempre mostram orgulho ou pensam em si mesmos como caipiras. Seus filhos estudam na *capital*, Taubaté; os adolescentes não se vestem de modo diferente dos adolescentes da cidade grande ou daqueles vistos na TV; os homens ainda apeiam de cavalos para resolver assuntos na cidade ou tomar uma pinga num bar da praça matriz e alguns se parecem mais com peões de rodeio do que com os antigos tropeiros do Vale do Paraíba.

Também vi o mais *típico*, aquilo que havia conhecido pela reportagem do Viggiani: os pousos do Divino onde, depois de rezar muito, o povo se reúne para comer o afogado (carradas de carne de boi cozida por horas em panelões sobre fogões de tijolo vorazes por lenha e armados no chão; as capelinhas na roça onde os devotos *simplórios* rezam para diversos santos; tomei pinga e fumei alguns cigarros com luizenses prosadores que me disseram que ali é o melhor do mundo.

No livro-reportagem,¹⁶ apresentei uma São Luís do Paraitinga mais complexa e tensa do que a pacata cidadezinha do interior de Ed Viggiani. Quis entender mais sobre os conflitos de interesses, não só entre a população local e os turistas, como entre o próprio povo luizense durante a organização e a celebração de uma manifestação cultural da dimensão da festa do Divino. Quis saber mais sobre como a chamada modernidade destrói e constrói tradições luizenzes.

O resultado foi uma narrativa espirituosa, mostrando fragmentos do que o povo luizense ou qualquer outro tem de melhor – suas incertezas e esperanças. Por outro lado, as minhas inquietações eram tantas (São Luís não tem nada de pacata...) que, por meio do diálogo com vários interlocutores, acabei falando sobre muita coisa ao mesmo tempo – construção da tradição, autenticidade, políticas de turismo, mercantilização da cultura, desenvolvimento sustentável, cercas invisíveis entre turistas e população local, nostalgia e idealização da vida no campo etc., tendo como pano de fundo a preparação e a realização da festa do Divino. O livro-reportagem ficou interessante mas muito abrangente.

Perseguindo pessoas sutis com questões obtusas

Para o mestrado, precisava ser mais assertiva. No projeto de pesquisa, previ observar as relações entre o sagrado e o profano, uma vez que a distinção e a ambiguidade entre esses termos faz parte da experiência dos participantes da festa do Divino. Essa perspectiva me pareceu oportuna, pois, no diálogo com meus interlocutores percebi que, na maioria das vezes em que um luizense de fato ou de

¹⁶ Silva, 2004.

direito (nascido ou radicado na cidade) deseja expressar a importância da festa e da devoção ao Divino, narra em primeiro lugar, e com muito mais entusiasmo, a distribuição do afogado e o giro da folia do Divino, e os divertimentos todos, para depois se manifestar sobre a novena.

Presumi então ser conveniente investigar, para além de seu aspecto secular e de diversão, o aspecto devocional de realizações culturais consideradas profanas – como o afogado e a folia do Divino – em vez de, também, *a priori*, destituir ou reduzir sua importância como um drama plástico realizado pelos devotos para retratar e atingir sua fé,¹⁷ apesar e por causa da presença de atores e espectadores supostamente sem interesses devocionais e sim políticos, econômicos, estéticos ou de entretenimento. Somado a isso, em vez de enquadrar personagens centrais e promotores da festa, planejei conversar com pessoas com pouco ou nenhum controle, investimento de bens e atuação, ou seja, personagens sem importância evidente.

A delimitação desses objetivos aparentemente deixou minha pesquisa mais focada. Porém, ao recomeçar o trabalho de campo, percebi que não conseguia avançar muito nas conversas sobre o sagrado e profano, e que privilegiar o diálogo com personagens *liminares* em vez de personagens *centrais* não garantiria, necessariamente, uma compreensão mais profunda da festa.

Perguntar o que é sagrado e o que é profano simplesmente não funcionou. Mesmo quando formulada para interlocutores com quem eu já tinha proximidade, obtive respostas padronizadas como “o sagrado é a parte da festa do Divino realizada pela Igreja católica e, a profana, pelo povo, pela prefeitura, pelo festeiro”; “a parte religiosa são as novenas, as alvoradas, as procissões e, o profano, o afogado, a congada, o moçambique, a dança-de-fitas, as rodas de jongo, a cantoria de brão, João Paulino e Maria Angu, o pau-de-sebo e a cavalhada, a quermesse e os shows de artistas convidados no coreto”; “É só olhar o programa da festa, está tudo explicado: os eventos religiosos e os eventos sociais”.

¹⁷ Geertz, 1989c.

Tentar trazer a questão sobre o sagrado e o profano para um contexto mais pessoal, “o que significa o sagrado e o profano na sua vida, na sua experiência”, tornou a indagação ainda mais esdrúxula. Obtive respostas como: “o sagrado é a fé no Divino, o profano é a vida”. Talvez eu não tenha sabido compreender essas respostas, talvez elas sejam apenas aparentemente padronizadas, mas intuí que indagar sobre o sagrado e o profano não era uma pergunta a ser feita.

Era preciso encontrar um modo mais eficaz de abordar esse tema. Em vez de perguntá-la diretamente aos meus interlocutores, observá-los? Observá-los em quais situações? Na igreja, nos folguedos da festa, no império, em suas casas? Prestando atenção em que, precisamente? Mantive a questão em suspenso. Sabia que ainda não tinha um foco bem definido. No entanto, isso parece fazer parte do ritual de passagem que cada etnografia impõe ao pesquisador. Na visão de Geertz:

... [a antropologia] é uma ciência estranha, cujas afirmações mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas.¹⁸

Continuei fazendo pesquisa de campo, conversando com gente que eu conhecia e conhecendo novas. Qual é o significado profundo da festa do Divino? O que significa na vida das pessoas, ao rés do chão, celebrar com tanto ardor a descida do Espírito Santo sobre os homens? Quem eu devo ouvir para sabê-lo?

Que tipo de compreensão eu busco, afinal?

Até aqui, interesse de pesquisadora sensível ao que ouve e vê em campo.

Até que um dia...

... a irrupção de um choro convulso entre os homens da folia me fez tremer. Sem que eu pudesse explicar, naquele instante, o choque que a visita inesperada à casa de dona Madalena havia me causado começou a fazer sentido.

¹⁸ Geertz, 1989a, p. 20.

Cantoria e choro na praça matriz

Quase dez horas da noite de domingo e uma parte do céu de São Luís do Paraitinga permaneceu por mais de vinte minutos iluminada por fogos de artifício. Diferentes cores, formatos e estrondos deslocaram a atenção de todos para o céu. Era o final da festa do Divino Espírito Santo de 2008. O próximo festeiro já começa com um grande desafio – a chuva de fogos de artifício de 2009 precisa ser no mínimo tão duradoura e ensurdecadora quanto esta promovida pela família Borriello de Andrade. Faz parte da tradição.

A atenção geral se voltava para o céu. Aqui na terra, quatro homens apequenavam-se diante do coreto da praça Oswaldo Cruz, circundada pela igreja matriz e os principais edifícios do patrimônio histórico-arquitetônico luizense.

Braz, Dito, Diogo e Luiz Fernando choravam um choro espremido. Rostos vermelhos sobre camisas vermelhas, calças e sapatos pretos. Mãos que seguravam violas, triângulo e caixa, debilmente conseguiam disfarçar as lágrimas que teimavam em escapar dos corpos tensos. Abaixavam a cabeça. Evitavam cruzar o olhar, para manter o choro pequeno.

Coruja não chorava. Espichava os olhos para os fogos. Também vestia camisa vermelha, calça e sapatos pretos. Em vez de instrumentos musicais, tinha nas mãos a bandeira. A pombinha branca no tecido vermelho, fotos, bilhetes, fitas coloridas com nozinhos votivos presos ao mastro. O branco e o vermelho puídos dos dez meses de afagos e beijos dos devotos de dezenas de bairros.

Um arrepio parecia envolver os homens. No entanto, Coruja resistia ao choro. Continuava apoiado na bandeira – o céu acima. De vez em quando, descia o olhar para os companheiros, balançava a cabeça e voltava a buscar as estrelas cadentes produzidas pela mão do homem.

A claridade e o estrondo dos fogos não cediam, intensificavam-se. A emoção aumentava. O arrepio se transformava em energia densa.

Os olhares enfim se cruzaram e o choro espremido irrompeu. Corpos rígidos se tornaram convulsos. Gemidos e soluços começaram a relaxar corpos tensos. Choro e fogos agora estouravam no mesmo compasso. Braz, Dito, Diogo e Luiz

Fernando se abraçaram formando uma roda, apoiando-se uns nos outros. Desembaraçaram juntos um choro imenso ali na praça central de São Luís do Paraitinga.

Coruja balançou a cabeça e me disse:

– É... só nós sabe o que é carregar a bandeira por esse mundão de Deus...

A iminência do choro já estava lá em cima, no coreto da praça, onde a folia se apresentou para o público. Lágrimas brilhavam nos olhos de Braz, Dito, Diogo e Luiz Fernando enquanto eles entoavam versos em louvor ao Divino Espírito Santo.

Subiram lá pequenos depois da ilustre Orquestra de Violas e Violões Itaboaté encerrar seu show com bis no calçadão diante a escadaria da igreja matriz apinhada de gente cantando:

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui
Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo eu estou aqui

Braz, Dito, Diogo e Luiz Fernando estavam lá em cima, sóbrios, quase imóveis a não ser pelos movimentos indispensáveis para cantar e tocar. Olhos fixos à frente, evitando o olhar do outro. Ao lado dos companheiros de jornada, Coruja segurava a bandeira, imóvel.

Cantar versos em louvor ao Divino Espírito Santo no coreto da praça Oswaldo Cruz era a participação solene da folia como último evento antes da queima dos fogos para encerrar a grande festa, depois da despedida magoada do padre, afastado da paróquia luizense pelo bispo de Taubaté.

Dizem que ele teria cometido alguns deslizes: teria deslizado dinheiro dos fiéis para debaixo da batina... teria deslizado também a mão em perna de moça durante a confissão... Deslizes, apenas deslizes padrescos...

Grave mesmo foi o padre tentar substituir o afogado – a comida sagrada, farta e gratuita da festa do Divino – por cestas básicas. Foi ter mudado o dia da

feira de São Benedito e outras coisas que, de fato, ultrajam a tradição devocional e festiva luizense.

Cantoria e choro nas casas dos devotos

Chega a folia e o dono da casa se põe a chorar. Agarra a bandeira, reza alto, atropelando a cantoria. Noutra morada, uma senhora de olhos cobertos por manchas pretas de tombo e cirurgia espera a morte. Depois da cantoria, diz que agora sabe que vai se curar.

Uns choram quando a bandeira chega e mais ainda quando ela vai embora. Outros insistem para que os foliões fiquem mais um pouco, mais uma prenda, mais um cafezinho, mais um pedaço de mandioca cozida. Uma ordem na cozinha e o arroz com feijão e mistura se multiplicam para aplacar fome de folião. Se não tivessem prato certo na casa do pouso, aceitariam.

Mais um copo de café, outro de água, mais um muito obrigado, um Deus que abençoe, chapéu na cabeça e estão de volta ao giro. São muitas as casas a esmolar.

Por um ano ou quase – dependendo da presteza do acordo entre padre, festeiro e mestre de folia – cinco homens saem em jornada como emissários do Divino Espírito Santo. Ao percorrer a área rural e urbana nas proximidades de São Luís do Paraitinga e Lagoinha, até Taubaté, de um lado, e Cunha, de outro, eles passam de casa em casa tangendo prendas e devotos das roças e cidades para homenagear o Divino na cidade.

Nessas ocasiões, pedidos e agradecimentos ao Divino vão sendo colocados na bandeira, que vai ficando cada dia mais pesada. De certo modo, a folia rivaliza com o padre, pois traz a bandeira e a pombinha, a quem o povo atribui o poder de distribuir bênçãos. Assim, nem sempre é preciso ir à igreja para demonstrar fé, pedir uma graça e obter uma dádiva.

Mais do que apenas seguir a andança dos devotos, seguir o giro da folia implica perfazer a peregrinação de uma divindade, cuja experiência imanente é andar pelo mundo, rendendo homenagem para então se fazer celebrado.

O giro da antropologia...

– Você vai com a gente, né? Só indo pra saber por que é que a gente fica desse jeito [chorando convulsivamente]. Não dá pra explicar.

Foi o que me disse Ditinho, o contramestre da folia de São Luís, quando ele e seus companheiros me abraçaram em despedida diante do império. Missão cumprida, eles iam tomar uma cerveja com a família e os amigos.

Acompanhando os foliões em pousos temporãos para a festa do Divino de São Luís de 2008, pude observar a alegria e a comoção causada pela chegada da bandeira às casas dos devotos e passei a considerar a possibilidade de sair com eles nas andanças peditórias para a festa de 2009.

– Tem que saber se quer ir mesmo. A gente fica 25 dias em andança e apenas cinco na nossa casa. Depois volta de novo pra andança. E a gente vai longe. Não dá pra voltar a qualquer hora. Dormimos onde o povo arruma. Todo mundo trata a gente bem, mas às vezes é difícil. E o seu marido? O que ele acha de você ir com a gente?

A irrupção de um choro convulso entre os homens da folia em meio à explosão de fogos de artifício no encerramento da festa do Divino confirmou minha intuição de que folia seria um lugar revelador, às margens da festa, para testemunhar a experiência de devoção.

Trata-se talvez do encontro daquele desvio metodológico que caracteriza a obra de Victor Turner: a atenção do antropólogo se volta aos ruídos e elementos estruturalmente arredios. Para se compreender uma estrutura, é preciso encontrar um lugar de onde se possa detectar os elementos não-óbvios das relações sociais, é preciso, portanto, estar atento à antiestrutura de uma estrutura.¹⁹

Talvez a própria folia possa ser lida como a antiestrutura da festa do Divino. Trata-se de algo movediço e liminar. A folia é movediça no tempo: atua antes, depois e durante a festa do Divino – transita o ano inteiro e não apenas nove dias, instaurando um tempo liminar para além da festa. Também é movediça no espaço:

¹⁹ Turner, 1976.

percorre a área urbana e a rural, perfazendo um movimento espiralar, já que constituído por múltiplos centros – as casas dos devotos – constelando, portanto, um percurso muito mais inclusivo do que a festa, cujo centro teimosamente é tido como sendo a igreja matriz. Por fim, a folia é movediça em sua natureza: de modo ainda mais radical do que a festa, seu giro embaralha, ao mesmo tempo em que torna caducas, classificações como o sagrado e o profano.

Em sua andança teórica, Turner se deparou com o conceito de *Erlebnis* (*experiência vivida*) de Wilhelm Dilthey, e com base nele formulou uma antropologia da experiência em resposta ao modelo de sistema social estático e fechado construído pela ortodoxia estrutural-funcionalista.²⁰

No artigo “Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência”,²¹ Turner explora a distinção de Dilthey entre *mera* experiência e *uma* experiência. A *mera* experiência é a aceitação passiva dos eventos e constitui uma experiência individual, pois não demanda a comunicação com o outro. Já *uma* experiência se destaca da uniformidade da passagem do tempo, formando uma *estrutura da experiência*, que requer a articulação intersubjetiva da experiência. Isso significa que *uma* experiência tem uma estrutura temporal, ou seja, implica um processo constituído por estágios. E, exatamente por ser um período destacável do tempo, apresentando um começo e um fim, a experiência se transforma numa expressão, tornando-se, portanto, compartilhável. Isto porque, como Turner enfatiza, os significados obtidos a duras penas devem ser ditos, pintados, dançados, dramatizados, ou seja, *postos em circulação*. Daí o uso do conceito de performance como parte inerente à antropologia da experiência, uma vez que *uma* experiência para Dilthey e Turner se completa por meio de uma expressão.

Também citando Dilthey, Turner descreve os cinco momentos que constituem a estrutura processual de cada *Erlebnis*, *experiência vivida*: 1. algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2. imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; 3.

²⁰ Bruner, 1986, p. 3.

²¹ Turner, 2005, p. 178.

emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4. o passado se articula ao presente numa relação musical, tornando possível a descoberta e a construção do significado; 5. a experiência se completa através de uma expressão.²²

Desse modo, é plausível dizer que o choro dos homens naquela noite de encerramento da festa emerge com um índice privilegiado de uma experiência marcante. Caberia então problematizar: por que fazer parte da folia provoca um choro copioso? Por que a visita e o canto da folia incitam o choro? O que expressaria esse choro? O que acontece nas visitas e pousos do Divino? Do que se lembram os devotos quando a bandeira chega? O que é esquecido? O que passam a compreender mais profundamente? Que histórias são contadas? Que milagres? De quais transformações as pessoas vão se dando conta durante a peregrinação da bandeira?

A antropologia da experiência ocupa-se com o modo como as pessoas experienciam sua cultura, ou seja, com a forma como os eventos são percebidos pela consciência [e pelo corpo]. Para Dilthey, a experiência não significa apenas cognição ou um caldo diluído da razão,²³ mas também sentimentos e esperanças. Além disso, a experiência não se apresenta para nós apenas verbalmente e sim por imagens, associações e impressões.

A dificuldade em escrever uma etnografia sobre a experiência, como salienta Bruner,²⁴ é que só podemos experienciar nossa própria vida. Não somos capazes de conhecer completamente as experiências do outro, embora tenhamos muitas pistas e sinais, e façamos implicações o tempo todo. Além disso, ao compartilhar experiências, todos nós reprimimos e transformamos eventos ou não estamos completamente conscientes deles ou não somos hábeis para articular alguns aspectos do que foi experienciado.

Como então ultrapassar as limitações da experiência individual? Dilthey responde essa questão do seguinte modo: transcendendo a esfera limitada da experiência interpretando suas expressões, ou seja, o que é dado na vida social.

²² Dawsey, 2005a, p. 164.

²³ Bruner, 1986, p. 4.

²⁴ Bruner, 1986, p. 5.

Para Bruner, a relação entre experiência e suas expressões é sempre problemática e, portanto, um dos grandes desafios da antropologia da experiência. Trata-se de uma relação claramente dialógica e dialética, uma vez que, por um lado, a experiência estrutura expressões, pois compreendemos outras pessoas e expressões a partir da nossa experiência. Por outro, as expressões também estruturam a experiência, já que as narrativas dominantes de um período histórico, seus rituais, festas, obras de arte etc. definem e iluminam nossa experiência. A experiência é, portanto, culturalmente construída, assim como sua compreensão pressupõe a experiência.

Para Dilthey, essas relações de interdependência não são um dilema insolúvel, e sim essenciais para a natureza dos dados nas ciências humanas. Que a experiência estrutura expressões e expressões estruturam a experiência é para Dilthey o círculo hermenêutico: “nosso conhecimento do que é dado na experiência é alargado pela interpretação das objetificações da vida, e a interpretação, por sua vez, só é possível ao prumar as profundezas da experiência subjetiva”.²⁵

A expressão nunca é um texto isolado e estático. Sempre envolve uma atividade processual, uma forma de ação enraizada numa situação social, com pessoas reais, em uma cultura particular, em um determinado período histórico.

A escolha de seguir com a folia não implica forjar contrastes e interpretar a celebração da festa do Divino na praça matriz como mero *espetáculo* para fruição dos turistas ou da elite urbana local e a peregrinação dos cantadores um momento de devoção festiva mais *autêntico*, já que num ambiente *rústico* – pequenas propriedades rurais longe dos olhos do padre, uns diriam *perdidas*, outros, *preservadas* no meio do mato, quando não enxotadas para periferia de Taubaté, Guaratinguetá, Aparecida e outras cidades do Vale do Paraíba.

Seria mais fácil considerar a festa na cidade como simples espetáculo, caso meus interlocutores, o tempo todo, não enfatizassem a festa como a razão de a folia esmolar, o desejo de participar da preparação de uma celebração farta e

²⁵ Dilthey apud Bruner, 1986, p. 6. (Trad. do autor)

pomposa, e de encontrar o império do Divino e a igreja matriz especialmente enfeitados para a devoção ao Santo.

Além disso, se através do desvio metodológico de seguir com a folia pelas roças em vez de ficar na cidade no período da festa eu pretendesse encontrar um ambiente mais homogêneo e arcaico para pesquisar uma forma mais elementar da devoção ao Divino, a estratégia teria sido desancada no primeiro mata-burro da zona rural luizense. Esta exhibe terras de roçado de subsistência, plantações de milho e de feijão, pastos para o gado leiteiro, piscinas e quadras de futebol, fazendas de eucalipto clonado e de criação de avestruz, várias capelinhas católicas e dezenas de templos protestantes.

Faz algum tempo que as moradas simples dispõem de luz elétrica, essencial, como ouvi mais de uma vez, não para esquentar a água do banho, que isso o fogão a lenha sempre deu conta, nem para conservar alimentos na geladeira, que a região é fria mesmo, e sim para ver televisão e conectar o computador.

O esforço não foi transferir a pesquisa de campo da cidade para a roça e sim acompanhar o giro da folia como um aspecto de longa duração da festa do Divino para além dos dias oficiais de celebração. Em pesquisas posteriores, pretende-se, inclusive, acompanhar a folia em sua peregrinação tanto na zona rural quanto nas áreas urbanas.

Uma vez que as decisões metodológicas trazem em seu bojo as escolhas interpretativas, e vice-versa, a antropologia da experiência, tal como formulada por Victor Turner, emerge nesta pesquisa como o princípio de composição para um giro teórico informado pela disciplina antropológica. Com base na noção de experiência, seguir o giro da folia ocasionou visitas teóricas junto a Clifford Geertz, Marcel Mauss e ao próprio Victor Turner dos escritos anteriores aos da antropologia da experiência.

Deste último²⁶ são emprestados os conceitos de *communitas* e liminaridade para descrever um giro que promove estados de liminaridade socialmente instituídos, em que as normas que regem os comportamentos das pessoas na

²⁶ Turner, 1974.

estrutura social são temporariamente suspensas, propiciando uma relação de comunhão entre elas.

A prenda de Mauss nesse giro é a própria teoria da dádiva para explicitar a sucessão ruidosa e animada de pousos-potlatch em bairros rurais e periferias do Vale do Paraíba.

A visita à abordagem teórica de Geertz se dá no terceiro e último capítulo desta dissertação. O autor surge como um comentador da antropologia da experiência, enfatizando que a interpretação do significado precisa deixar o domínio abstrato das ideias para entrar no domínio concreto da experiência, pois, para Geertz, a cultura é *contexto* e não *conteúdo* — é um conjunto de textos no qual outro texto pode ser descrito.

Vali-me da noção de barroco para imbricar essas incursões teóricas umas nas outras na descrição do giro da folia. O barroco aqui é tomado como forma de sensibilidade e visão de mundo, como um operador ou mesmo devorador de diferenças e incongruências que, ao se alimentar de aspectos culturais ameríndios, africanos e europeus, serve de lastro a uma cultura festiva, no Brasil, hoje mais visível nas expressões da cultura popular,²⁷ como a devoção festiva ao Divino Espírito Santo.

... e o giro da folia

Depois de algumas negociações, os integrantes da folia de Lagoinha concordaram que eu os acompanhasse na andança. Anteriormente, eu havia tentado seguir com os foliões chorões da festa de São Luís. No entanto, a tensão causada por um acidente de carro com o festeiro, grave o suficiente para que ele passasse a bandeira à outra pessoa da comunidade, inviabilizou minha saída com eles.

Outro entrave, talvez o maior, foi o fato de a folia de São Luís peregrinar num Fiat Uno: como alojar mais uma pessoa (e ainda por cima mulher) num carro

²⁷ Montes, 1997a.

de passeio que já carregava cinco homens, seus instrumentos musicais, malas e tudo o que é necessário levar para passar 25 dias sem voltar para casa?

Para viabilizar essa parte essencial da pesquisa etnográfica, o historiador luizense Marcelo Toledo me apresentou aos cantadores da folia do Divino de Lagoinha, que neste ano esmolavam a cavalo.

Frequentando os pousos do Divino, fui tecendo um diálogo com Dirceu, mestre da folia e festeiro da festa de Lagoinha; Flávio, seu filho e alferes da bandeira; Levi, contramestre; Onorfo, tocador de caixa; Josi, tocador de triângulo, e Hilton, carguereiro, responsável pelos animais de montaria e pela bagagem. Fui contando meus interesses de pesquisa até confessar a necessidade de seguir com eles na andança em vez de encontrá-los apenas nos pousos, como já vinha fazendo.

Diante da minha persistência, eles concordaram. Concordaram porque – como me confiaram depois – não acreditaram que eu me juntaria a eles em longas jornadas a cavalo, pousando cada dia numa casa em condições que só se fica sabendo na hora.

Compartilhei ininterruptamente da lida de folião por seis dias, período ínfimo diante dos dez meses da jornada. No entanto, essa breve estada movediça permitiu uma abertura proveitosa para testemunhar a experiência da devoção ao Divino Espírito Santo.

Participar da rotina de trabalho da folia – a chegada na casa do pouso, a cantoria, a reza, a janta do Divino, as conversas, danças e jogos; a saída no dia seguinte para esmolar nas casas próximas à casa do pouso para ali retornar à tardinha – deu-me a oportunidade de observar vários momentos de trocas de dádivas em meio à religiosidade festiva. De relance, ver-se-ia muita festa e pouca religiosidade, caso a primeira não se exprimisse pela segunda, e vice-versa; caso uma lágrima não brilhasse aqui e ali; caso milagres não fossem narrados; caso o sagrado não fosse mesmo coisa deste mundo.

Acompanhei a folia ininterruptamente de 8 a 13 de fevereiro na zona rural de São Luís do Paraitinga.

No dia 8 de fevereiro, num domingo, coloquei-me na companhia dos foliões no pouso na casa do seu Luís de Oliveira Coelho e da dona Antonia Figueira Coelho no bairro da Ponte Preta. Ele veio de Cunha, ela, de Pouso Alto, Minas Gerais e levaram a vida como pequenos agricultores. Seu Luís também trabalhou como pedreiro. Agora são aposentados da roça e da obra, mas têm muito trabalho no ministério da paróquia luizense. Casa de vermelhão no chão e paredes livres de forro que então se ofereciam como passarela suspensa para a gata vira-lata, xodozinho do seu Luís. Na frente da casa, dona Antonia guarda a beleza de um imenso jardim de flores e cores. Num canto dele, um rancho florido e aconchegante onde os foliões, cachorros e sapos descansavam depois da janta. Atrás da casa, a criação de galinhas, um pequeno roçado e mais flores. Fui acomodada no quarto da frente, que dava para a sala de estar. Dormi um sono velado pelas bonecas da neta que dona Antonia criou, hoje já crescida e morando na cidade grande. Os foliões foram alojados noutro quarto e na sala de jantar. Minha presença certamente fez a estada dos foliões nas casas de pouso menos espaçosa porque em todas me ofereceram um quarto separado do deles.

O segundo pouso, no dia 9, segunda-feira, foi na casa do João Aurélio. Esse filho de mineiros é um pequeno produtor de leite e vive com a mulher e o filho de cinco anos num sítio no bairro da Fábrica, assim chamado por ter alojado a primeira fábrica de tecido do estado de São Paulo. O rapaz já chegou a tirar quinhentos litros de leite por dia, mas hoje a produção caiu para duzentos. Diz que fica caro e não compensa manter uma produtividade tão alta. Duzentos litros é o que ele consegue tirar com apenas um ajudante. Segue o costume dos pais que sempre deram pouso para a folia do Divino. A casa era grande e clara. Suíte no quarto do casal e do filho. Chão de lajota clara, cozinha e banheiro azulejados. Armário de aço na cozinha, guarda-roupa de MDF nos quartos. Sob o protesto choroso pelo desalojamento, dormi na suíte do menino. Os foliões dormiram numa casa sobressalente na propriedade.

Na terça-feira, dia 10, foi a vez do tradicional pouso na casa da Dona Benedita, no bairro da Barra II. Festivo e emocionante devido à morte abrupta de

seu segundo marido, lembrada com pesar pela viúva e pelo filho de onze anos. Morreu moço, atropelado no asfalto, quase em frente de casa. Chegava do serviço, andava no escuro. O carro não viu.

Outro pouso bem tradicional foi também na beira do asfalto, no dia seguinte, na quarta-feira, 11. Os filhos dizem que era mais animado quando a mãe era viva. “Mas o pai faz questão de manter o pouso aqui, então a gente se reúne e faz tudo pra ele, porque ele já está velhinho”. Fizeram uma grande feijoada no quintal da casa. Agricultor e pecuarista, dono de uma grande propriedade no bairro da Ponte Pedra, seu Jovem também teve fábrica de bloco de concreto e foi comerciante. No bairro da Várzea dos Passarinhos, limítrofe entre cidade e roça, o vizinho de quintal do seu Jovem paga INCRA enquanto ele paga IPTU.

12 de fevereiro, quinta-feira, pouso na fazenda da família Lopes Figueira no bairro dos Damiões, também conhecido como bairro da Maria Lopes, ambos nomes de antigos moradores. É uma fazenda centenária, onde se produziu muito leite. Hoje, apenas um dos filhos mora lá para manter a sede, já que suas terras deixaram de ser produtivas. A família recebe a folia para cumprir a promessa feita aos pais de que sempre ofereceriam pouso ao Divino enquanto vivessem.

O sexto pouso, 13 de fevereiro, sexta-feira. Foi no bairro da Nossa Senhora da Liberdade do Mato Dentro, também chamado de Ponte Nova. Adriana e o marido são empregados da fazenda de um magistrado de São Paulo, que produz mais dois mil litros de leite por dia.

O contrato feito entre os foliões e eu era que eu observasse tudo sem atrapalhar a andadura do giro com entrevistas, pois eles estavam muito corridos, a passagem de casa em casa precisava ser rápida, senão não daria para esmolar em todas. Porém, o fato de ser mulher e de estar munida de caderninho e caneta e filmadora, por vezes, fez com que os devotos se aproximassem para saber o que eu fazia ali no meio dos homens da folia. Era a minha grande oportunidade de ouvir mais sobre eles, ainda que rapidamente.

Desse modo, mais observei do que conversei com os devotos do giro e muitos dos trechos reproduzidos aqui foram escritos de memória, com base nas

anotações breves do que eu via e ouvia e ia completando à noite, antes de dormir. Aproveitei também os momentos de andança entre uma casa e outra e as conversas durante os pousos para aprofundar algum ponto.

Além disso, conversei mais longamente com alguns foliões e outros interlocutores fora do giro da folia, quando pude gravar entrevistas. Por isso, o leitor não vai encontrar aqui histórias de vida e sim uma profusão de falas de diversos interlocutores, cujos nomes eu preferi embaralhar ou mesmo omitir, tanto porque não desejei revelar suas identidades quanto por não ter podido saber seus nomes e mais detalhes sobre suas vidas.

No entanto, há um personagem, seu Dorvo, cuja história de vida eu decidi apresentar aqui, ainda que de modo um tanto destoante do conjunto do relato etnográfico, não só porque tive a oportunidade de conversar com ele várias vezes, mas também porque é ele quem prepara, há quase vinte anos, o banquete do Divino – o afogado.

A andança da folia do Divino envolve rituais nas casas de giro e nas casas de pouso. As casas de giro são aquelas por onde os foliões passam cantando durante a manhã e a tarde para anunciar a festa do Divino e pedir prendas para sua realização. Também cantam para agradecer a esmola e abençoar os devotos e sua morada. O que tradicionalmente os pesquisadores chamam de ritual da folia são a cantoria de pedido e agradecimento de esmola, o beija-bandeira e a passagem desta por toda a casa pelas mãos do morador. As casas de pouso são as moradas onde a folia fica hospedada durante um dia para fazer o giro nas casas nas imediações. Ali os foliões jantam, dormem e almoçam no dia seguinte. Os “rituais” são a cantoria de pedido e agradecimento de pouso, o beija-bandeira, a reza antes do jantar no dia do pouso e do almoço no dia seguinte e a passagem da bandeira pela casa. Neste trabalho, considera-se como ritual, além das sequências descritas acima, tudo o que acontece durante a passagem da folia: a prosa, o canto, a dança, a comilança, a pinga, o choro e o riso.²⁸

²⁸ Peirano, 2001; 2006. Para a autora, a decisão do que é e do que não é ritual deve ser do pesquisado. A concepção de que um evento é diferente, especial e peculiar tem que ser “nativa”. Como veremos, ainda que por vezes alguns interlocutores tentem distinguir os elementos sagrados dos profanos, todos os eventos

A forma da devoção

O bispo de Taubaté, de novo. Intrigou-me outra queixa feita por dom Rodhen na mesma missa da novena do Divino em que ele sugeriu que a andança com a bandeira seria inútil para atingir a verdadeira fé: ele criticou os cientistas em geral por não se cansarem de fazer teses para deslegitimar a experiência de Deus na contemporaneidade e afirmou ainda que os cientistas que se empenham nessa tarefa com mais ardor são os sociólogos e os antropólogos!

Decidi levar a sério a queixa do bispo e determinei que, para discorrer sobre os aspectos teológicos implicados na devoção ao Espírito Santo, iria me fiar especialmente por textos de autores clérigos, ou seja, por discursos sem a mediação de cientistas e, muito menos, dos hereges cientistas sociais.

Na minha andança pelos caminhos de uma teologia eclesial, deparei-me com a dissertação de mestrado do padre Jair Peres de Pinho²⁹ que, para minha surpresa, atesta a importância da religiosidade popular e, particularmente, da festa do Divino, como experiência legítima do Espírito Santo, uma vez que se trata de uma experiência concreta do mistério da comunhão.

A pesquisa teológica de Pinho se baseia na leitura da Bíblia e, especificamente, na análise dos textos dos santos padres. Entre estes, o autor cita São João Crisóstomo, um dos padres mais conhecidos da Igreja grega, que sublinha a força do Espírito Santo, quando é promulgada a nova lei, no Novo Testamento – as tábuas distribuídas eram bem superiores às primeiras, pois os apóstolos não desceram do monte levando, como Moisés, no Antigo Testamento, tábuas de pedra nas mãos; eles vinham trazendo o Espírito Santo nos seus corações, tornado-se, por meio da graça do Espírito, uma lei e um livro viventes.

Ora, não é justamente esse tipo de comunhão que os devotos do Divino promovem durante a festa do Divino e – em especial, no giro da folia, quando se reúnem para receber a bandeira em suas casas e seus corações, isto é, o Divino Espírito Santo, com muita festa, esmola e reza?

que compõem a festa e o giro da folia são vistos como essenciais para a devoção festiva ao Espírito Santo, à exceção da opinião do bispo, evidentemente.

²⁹ Pinho, 2003.

Se é assim, por que o bispo de Taubaté diz que é *fácil* levar a bandeira de lá pra cá e que o *difícil* é ter a verdadeira fé?

Uma das respostas possíveis é dada por Pinho:³⁰ desde a Idade Média tem ocorrido “um esquecimento do Espírito Santo na doutrina católica”. Esse esquecimento implicou a deslegitimação progressiva da vivência cotidiana do mistério da comunhão, em favor de uma atitude cristomonista (a exclusividade de Cristo), sobre a qual a Igreja católica passou a se basear, fundada então na hierarquia e na autoridade. Ao assumir para si o papel de representante do Cristo entre os homens, a Igreja católica passa a impingir uma posição subalterna aos fiéis, já que os dons da salvação se tornam acessíveis quase que exclusivamente por meio do clero.

Ao contrário da Igreja católica e do bispo de Taubaté, parece que os nossos devotos em São Luís do Paraitinga e região não se deixam abalar pela desaprendizagem do mistério da comunhão no Espírito Santo.

Embora seja muito crítico e conhecedor das (des)interpretações teológicas promovidas pela Igreja católica, sendo padre, Pinho talvez não possa, ou não queira, desvencilhar-se de uma atitude um tanto hierárquica que, no entanto, como ele mesmo demonstra, não provém de Deus. Como padre, apesar de seu pleno reconhecimento da festa do Divino como expressão genuína do Espírito Santo, ele termina por afirmar que os preparativos, a distribuição da comida, as visitas da folia de casa em casa e os divertimentos convergem para o Domingo de Pentecostes, durante o qual o momento de encontro da comunidade culmina com a missa, uma vez que a Eucaristia é a fonte, o centro e o cume de toda a vida da comunidade cristã.

De fato, para a Igreja católica, é na Eucaristia e, pela ação do Espírito Santo, que o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo. Desse modo, a Eucaristia é algo que foi dado por Cristo para a comunhão com Ele e dos homens entre si, numa comemoração reiterada da última ceia que Ele celebrou com seus

³⁰ Pinho, 2003, p. 60.

discípulos antes da crucificação. Ou seja, trata-se de uma celebração de agradecimento a Deus pela obra redentora de Cristo.

Nas páginas seguintes, o leitor poderá constatar que, neste aspecto, a experiência dos devotos do Vale do Paraíba não parece destoar radicalmente da do padre. No entanto, a experiência do mistério da comunhão para os devotos revela suas especificidades, principalmente durante o giro da folia do Divino que, mais do que a festa, e esta é a aposta central desse trabalho, assume a forma da experiência do Espírito Santo em sua andança *entre* os homens, e não *sobre* eles.

2. O GIRO DA FOLIA

A cavalo

Por volta das sete horas da manhã, os foliões já estão de pé. O cargueiro acorda antes, para apanhar os animais no pasto, verificar ferimentos, cascos, ferraduras e selar a montaria. O pessoal da casa se põe de pé com ele, ou até mais cedo, para preparar um café da manhã reforçado para os bem-vindos hóspedes. Lá pelas oito da manhã, os foliões já estão todos prontos, rodeando a mesa. Já tinham ido até o pasto ajudar o cargueiro com os animais, observado o céu para saber se ia chover e confirmado os caminhos e as casas por onde iriam esmolar.

– Não faz muito tempo, nem tinha carro aqui. Era só cavalo, carro de boi. Faz pouco tempo o carro que chegou. Não tinha estrada, não tinha nada.

– Hoje tem que ir pra cidade comprar as coisas. Antes passava ano sem sair da roça. A vida era debulhar milho pra tratar das galinhas, dos porcos, arrancar mandioca, fazer um remendo na roupa trapenta.

– A vida hoje é mais fácil. Eu fiz só quatro anos de escola. Mas meus filhos são todos estudados, graças a Deus.

– A folia do Divino sai sempre a cavalo. Se bem que hoje tem folia que vai de carro. Vocês estão certos de seguir a tradição. Tem folia que esmola de carro, mas o certo é a cavalo: assim, de longe, dá pra ver a bandeira chegando.

– Carro é uma complicação só, e dá muita despesa. Já pros animais, basta arrumar pasto, o que não falta por aqui. Pro carro, são trinta reais de combustível por dia pra esmolar o mesmo tanto de casas, sem contar que precisa levar galão cheio de gasolina pra encher o tanque quando vamos esmolar num lugar retirado. Virge, mas isso não é nada. O pior é quando o carro não chega, não passa pelas pinguelas, não sobe barranco brabo ou quando quebra.

Tomam o café claro, bem adoçado e quentinho, especialmente quando há fogão de lenha, com ou sem leite, acompanhado de bolo branco, bolo de óleo, pão com manteiga e queijo branco ou, simplesmente, da cangalhinha – um tipo de biscoito de farinha de trigo e água, levemente adocicado, barato e gostoso, bastante comum no Vale do Paraíba e muitas vezes distribuído na casa da festa como o biscoito do Divino.

A produção de leite é a principal atividade econômica da região e muito do leite, manteiga, queijo e requeijão oferecidos aos foliões são feitos na própria casa.

– O papo tá bom, mas é melhor ir indo. São muitas as casas a esmolar.

Cheiro de terra e flor

Em comparação aos dias de festa na cidade e ao burburinho das casas devotas nos pousos do Divino, a peregrinação dos foliões é calmaria.

A bandeira segue à frente. Atrás dela, o assobio e a cantoria tranquila dos homens da folia. O som dos cascos dos animais na terra ou no asfalto, os latidos dos cachorros nos portões, os relinchos dos cavalos nos pastos que vão cumprimentando os animais da tropa, o mugido preguiçoso do bando de bois que lentamente vão abrindo passagem para os cavaleiros foliões. Entre os pios dos passarinhos e o farfalhar das folhas, o celular do Dirceu ruge:

– É a dona Benedita dizendo que está tudo pronto pro pouso na casa dela hoje.

A bandeira segue à frente. O vento, a chuva. O sol queimando a pele. Goiabeiras de fruta vermelha e branca, iguaria para os animais da tropa e para nós também. O borbulhar da correnteza do Paraitinga, Paraibuna, Paraíba, Claro, Prata, Ribeirão Turvo e Chapéu e os peixes na água doce. Conversas sobre o tempo, mudanças de percurso, comentários sobre o pouso de ontem, o riso das bebedeiras do dono do pouso, a comoção pela generosidade no trato. Cheiro de terra, da terra molhada, do estrume dos cavalos, dos jacintos. Os animais nos pastos, as casas, os morros verdes e as cores das flores.

Land Rover e Saci

Poucos carros cruzam a estrada de terra. Já na estrada de asfalto, os carros são muitos, rápidos e perigosos. Na intenção de ajudar, buzina, assustando os cavalos. Tensão e muita atenção: é sempre um risco atravessar o asfalto a cavalo, embora seja imprescindível para chegar a alguns bairros da zona rural de São Luís do Paraitinga.

Numa dessas andanças tensas no asfalto, uma Land Rover diminui a velocidade, buzina. Placa de São Paulo. Os foliões acenam pondo a mão no chapéu. O carrão acelera e estaciona à frente, fechando a passagem. Esbaforido, sai de lá um homem de bermuda, tênis e boné olhando pelo visor da máquina de fotografar. Faz muitas fotos. E, por fim, diz:

– É muito lindo isso que vocês fazem. Não parem nunca!

O mestre da folia segura a aba do chapéu em agradecimento.

De volta à estrada de terra, as plantações de milho, feijão, cana, eucalipto. Os trechos de mata preservada. O piado forte do jacu de pescoço pelado e papo colorido, o buraco do tatu, a pegada de três dedos da capivara, a pegada de um pé só do Saci.

– Saci? – entrei no jogo.

– Sim. Tem Saci por esses matos, você não sabia?

– Tem mesmo? Tá brincando?

– Gente da cidade grande não acredita, mas é verdade!

– Acho que acreditam mais do que a gente da roça! Formaram até uma ONG, a Sosaci, aqui em São Luís.

– É verdade isso?

– É, a Sociedade dos Observadores de Saci.

– Que besteirada! Fizeram isso mesmo, é?

– Sim, e passaram a comemorar o Dia Nacional do Saci no dia 31 de outubro, antes dia do Halloween nos Estados, e aqui também. Agora tem até o Grito do Saci, grito de independência contra a americanização da cultura brasileira... No dia das

bruxas, eles queriam ir às escolas pra contar as histórias do Saci pras crianças... e também estão organizando a contação de histórias de Saci pros turistas...

- Que besteirada! Quem inventou isso, hein?
- Gente da cidade grande misturada com gente daqui mesmo.
- Que besteirada!

Visitando as primeiras moradas do dia

Ao se aproximarem de uma morada, a caixa toma a dianteira junto à bandeira. O dono da casa sorri da janela.

- Bom-dia! Somos a folia de Lagoinha. Viemos trazer o Divino.
- Vamos chegar.

Despacha-se para o terreiro, de onde observa os foliões apearem e prenderem os animais na cerca de bambu, madeira ou arame farpado. A bandeira conduz o alferes à frente e a folia avança na direção da casa. O dono toma a bandeira e a saúda com um afago e o sinal-da-cruz depois de tocar a pombinha na coroa do estandarte. Aperta a mão dos foliões, convidando-os para entrar.

Os foliões encontram alguma beira para pousar os chapéus. Liberam as violas das capas de courino. A caixa e o triângulo são transportados sem proteção, exceto quando chove canivete e são envolvidos em sacos plásticos pretos, como no dia do pouso do Divino na casa da dona Antonia e do seu Luís, no bairro da Ponte Preta. Lá o pouso só estava cheio porque não se pode falhar com o Divino. Tinha gente muita, mas faltava gente:

– Eu estava chorando porque meus filhos não estão todos aqui comigo nessa hora tão bonita da cantoria da folia. Estão espalhados pelo mundo, em Ubatuba, em Guarulhos, desabafa dona Antonia.

Os cantadores se põem em roda diante da bandeira e do dono da casa e sua esposa, acomodados ao lado da cristaleira na sala, onde santos, garrafas de bebidas finas, troféus de pesca e de futebol, galinho do tempo, enfeites de vidro colorido são dispostos sobre toalhinhas de crochê ou panos de saco pintados à mão. Muitas

vezes, há um aparador especialmente dedicado às poderosas imagens dos santos e à pombinha, o Divininho. Ou estes pousam solenes em cima da televisão.

Dirceu e Levi dedilham e retesam cordas. Ajustam a afinação entre as duas violas e, depois, entre as violas e a caixa. As notas vão se espalhando, as conversas mingando. Onorfo experimenta a caixa enquanto Levi aperta os parafusos do arco, movimentando um milímetro para cima e outro para baixo o nó da linha que dá afinação à caixa. Josi aguarda o final da temperação dos outros instrumentos – o dele está sempre pronto. Uma pausa, silêncio de instrumentos e pessoas. Josi percute a vareta de metal no triângulo. Onorfo, a baqueta na caixa. E é com as badaladas metálicas do triângulo e o toque macio do couro da caixa que a cantoria da folia se inicia. Entram então as duas violas e, por fim, as vozes. São quatro vozes distintas, duas graves e duas agudas. O mestre e o contralto (tocador de triângulo) fazem as vozes graves, o contramestre e o tipi (tocador de caixa), as agudas.

Nas casas do giro, a divindade chega quase sempre de repente, rendendo homenagem aos devotos. Na andança da folia, é a divindade quem peregrina e visita os devotos, não apenas de um modo inefável, mas por meio de uma experiência imanente. Durante a andança dos foliões, pode-se dizer que Espírito Santo ganha um corpo – a bandeira e a pombinha –, e também uma voz – a cantoria. Um corpo e uma voz sensíveis e sempre em trânsito.

Em termos teológicos, a comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si seria a principal experiência do Espírito Santo, pois na Trindade, além de ser a comunhão do Pai e do Filho, o Espírito é a comunhão do Pai e do Filho com a humanidade. Essa comunhão é expressa na narrativa bíblica de forma radical na Encarnação do Filho de Deus: por obra do Espírito Santo, divindade e humanidade se encontram para formar uma e mesma pessoa.

É plausível dizer que a ação de ir até o devoto em vez de apenas esperar que ele venha até a divindade seja uma experiência própria do Espírito Santo: a narrativa bíblica descreve um Espírito que se derrama sobre os seguidores de Jesus Cristo. Em Pentecostes, inicia-se uma nova época da atuação do Espírito no mundo.

Se antes Ele iluminava e inspirava apenas alguns, agora se comunica aos apóstolos e a todos os crentes. Por isso, a igreja – aqui ainda principalmente entendida como união sólida daqueles que haviam se entregado a Jesus e não apenas como um edifício ou uma instituição – vive em virtude do dom do Espírito e sua variedade de manifestações carismáticas.

O Espírito se faz presente e permanece em Jesus, depois do batismo. Jesus se torna Cristo quando é ungido pelo Pai, momento em que a realidade trinitária se perfaz. Com essa unção, Jesus inicia um novo período na história da salvação. Por suas palavras e ações, Jesus se manifesta como o portador por excelência do Espírito Santo. E nós só O teremos enquanto ligados ao Jesus Cristo. O Espírito continua sendo doado não só através do batismo e da imposição das mãos, como também pela fé e pela oração – basta acercar-se de Jesus Cristo, o portador dos dons de Deus. Consequentemente, todos os homens têm em si o Espírito Santo. Pode-se inferir que, por meio da andança de casa em casa, a folia do Divino fornece o momento de interrupção do cotidiano em que os devotos se recordam e celebram a presença divina no mundo e neles mesmos ao participarem de um ritual que mimetiza a própria ação do Espírito Santo.

Sinal da cruz e afago

Geralmente, utilizada para distinguir um grupo, a bandeira do Divino simboliza a fraternidade. Em seus aspectos gerais, bandeira dos devotos do Divino é sempre igual, pois não se trata de significar indivíduos rivais diante do Divino e sim de irmãos. O tecido de seda vermelha, a cor litúrgica de Pentecostes, presentifica as línguas de fogo que envolveram as cabeças dos discípulos que, reunidos em Jerusalém, esperavam a vinda do Espírito depois da volta de Jesus aos céus e ao Pai. Já pombinha branca da qual partem sete raios, os sete dons do Espírito Santo, bordada no céu vermelho da bandeira, rememora a cena do batismo de Jesus: “Tendo todo o povo sido batizado e Jesus também tendo sido batizado, e orando, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sob forma corporal, como uma pomba sobre Ele” (Lc 3,21).

Os devotos beijam e tocam com a ponta dos dedos a pombinha bordada no tecido ou a pombinha de prata pousada sobre o mastro da bandeira. Depois, tocam a testa e o peito para se encherem de Espírito. Por dom do Espírito Santo, ao beijarem a pombinha saboreiam a Palavra de Deus como a Verdade; ao tocarem a testa com os dedos recém-consagrados pela pombinha invocam a inteligência para compreender cada vez melhor a Mensagem de Cristo; e ao peito/coração, para poder amar a vontade de Deus em relação aos homens.

Por que o Espírito Santo apareceu como pomba e não como águia ou outro pássaro ou outro ser? Os teólogos³¹ afirmam que o Espírito Santo desceu sobre o Cristo na forma de pomba para demonstrar o tipo de poder que Jesus iria assumir – o da mansidão e da misericórdia, e não o da violência e da força.

Um altar

Os altares nas casas dos devotos exibem uma superabundância de santos nada clássica e sim barroca, por meio de “imagens sempre em tropel numa desenfreada fúria festiva”.³² Pois, ao contrário da procissão do Divino, na qual o padre regula a quantidade de santos – hoje só saem em cortejo o Divino e a Nossa Senhora – no altar dos devotos os santos se adensam, e não só entre seres celestiais como entre tantas coisas outras, demonstrando que o Divino está mesmo entre nós. No giro, uma mulher é surpreendida no tanque pela visita da folia. Desculpa-se pelo avental, pelas mãos molhadas. Sorri. Pede, por favor, para o grupo entrar ao tomar a bandeira das mãos do alferes. Coloca-se com a bandeira no vão entre o altar, modelado sobre um móvel de canto coberto por uma toalha de estampa vermelha e branca, e a estante da sala. O altar não é tão grande, mas exhibe várias Nossa Senhora. A maior delas está disposta próxima à parede forrada por um tecido azul claro e branco, que oferece um céu para o altar. A santa está enfeitada com fitas coloridas e seu corpo escora uma Bíblia em pé e aberta deixando escapar de dentro o São Benedito e o Santo Antônio com o menino no colo, em forma de

³¹ Pinho, 2003, p. 51.

³² Sarduy, 1989, p. 9.

santinhos. Ali também se alojam uma flor azul numa forma plástica oval cheia de água: um presente em homenagem ao dia das mães. Sob os braços abertos da Nossa Senhora das Graças, as flores, o óleo Singer, as velas, o documento, a conta pra pagar, o relógio e o isqueiro. Ainda há um quadro da Nossa Senhora da Rosa Mística com a rosa vermelha ao centro, a branca à esquerda, a dourada à direita. A estante ao lado guarda a tevê, o capacete, o aparelho de som, a pipa, o *SBP* terrível contra os insetos e a garrafa de *Natu Nobilis*.

A folia convida para a grande festa

Quando a folia encerra a cantoria, o alferes faz o convite para a festa e pede a prenda. Único folião que goza do conforto do sofá enquanto os outros fazem a cantoria em pé, o alferes se põe a receber as esmolas. Muitas notas de cinco e dez reais são oferecidas ao Divino. Muitos devotos se desculpam por oferecer pouco, especialmente quando podem contribuir apenas com algumas moedas. O mestre sempre reconforta dizendo que toda contribuição é bem-vinda, que não importa a quantia de dinheiro e sim a fé no Divino.

As prendas são anotadas em dois cadernos amarelos pautados. Na primeira página de cada um, lê-se a autorização do padre da paróquia para a folia esmolar para a festa do Divino de Lagoinha de 2009. Para evitar fraude, todas as páginas seguintes exibem o carimbo da paróquia. Num caderno são anotados os valores em dinheiro, o tipo de alimento e a quantidade – 5 kg de arroz, uma lata de óleo, 1 kg de sal – e aves que o devoto vai oferecer ao Divino quando um ajudante designado pelo festeiro voltar de carro de casa em casa para arrecadar as prendas. No outro, são anotados apenas os bezerros, os bois e as vacas doadas. Esses aí serão retirados com um caminhão, também sob a responsabilidade do festeiro, um ou dois meses antes da festa. No terreiro de vários devotos é comum encontrar o animal mais vistoso já separado para o Divino.

A tradição prescreve que a festa do Divino seja feita por várias pessoas. Por isso é sempre melhor ter um festeiro à moda antiga, sabedor de todos os detalhes envolvidos para melhor coordenar o trabalho em equipe. Além de trabalhar muito,

o festeiro corre o risco de ter prejuízo e ter que colocar dinheiro do bolso, se não tiver cabeça boa. Uma parte do que a folia arrecada é usada diretamente na preparação da festa, no entanto, a maior parte é vendida e, com o dinheiro obtido, compra-se o que for necessário. Tudo é computado à mão nos cadernos assinados e carimbados pelo padre da paróquia. Um pg. diante do nome do devoto e da prenda indica que ele está quite com o Divino. A arrecadação das prendas é só o início da preparação da festa. É preciso alguém que saiba organizá-la, que entenda os costumes da região, que conheça as pessoas, os cozinheiros, os marceneiros, os boiadeiros, os comerciantes e todo mundo envolvido.

Depois de receber a prenda, o alferes agradece verbalmente, e, a folia, cantando.

Prendas para o Divino

O giro da folia é um *caranguejar* – como ouvi mais de um interlocutor descrever – um deixar-se enveredar pelas estradas de terra e de asfalto, parando de casa em casa, num movimento que implica volteios e volutas – para usar termos caros ao barroco – e não um percurso retilíneo em direção a um ponto central: é “o espaço da viagem, a travessia da repetição”,³³ repetição da cantoria que segue de casa em casa espantando os infortúnios.

No caso da folia, é a divindade que se dispersa, que se espalha pelo mundo. O Divino não escolhe o caminho mais fácil, não calcula o lucro de ir ou não ir. Simplesmente segue.

A folia segue, incluindo tudo e todos – a casa pobre e a rica, a esmola farta ou pouca. Surpreendi-me ao ver que de onde eu esperava pouco, veio muito, e vice-versa. Mauss já havia dito que a generosidade tem pouco a ver com o que se tem e mais com a aprendizagem de se dispor a dar.³⁴

A experiência das primeiras comunidades cristãs demonstra que a existência do Espírito e a vivência da Palavra levavam seus membros a oferecer esmolas e a

³³ Sarduy, 1989, p. 63

³⁴ Mauss, 2003.

ajudar os pobres, e que nessa ação nascia uma nova maneira de entender e viver a comunhão no Espírito Santo. A narrativa bíblica fornece vários exemplos de que a experiência que o povo fez da presença do Espírito de Deus como estando entre os homens implica a autodoação destes entre si para expressar uma relação de amor, e, no Novo Testamento, implica a própria reunião da comunidade. A esmolação de casa em casa para fazer uma festa grandiosa para o Divino implica o reconhecimento da presença de Deus e, conseqüentemente, a necessidade de distribuir dádivas, seja na forma de prendas para a festa, seja na hospitalidade para com a folia que traz a divindade.

– O Divino que não se intimida com as distâncias, com as dificuldades do caminho. Se tem que ir até a casa mais distante, no lugar mais pobrezinho, não importa, tem que chegar lá. E, a cavalo, chega mesmo. Nem que seja pra folia fazer a cantoria e não receber nenhuma esmola: o que importa é levar o Divino. Com um pouquinho de todos, dá um festão lá no final, e dá pra tratar do povo um bocado de dia.

Tratar do povo significa oferecer comida sagrada, farta e gratuita pelo máximo de dias possível durante a festa, uma ação de reciprocidade que também é reiterada praticamente o ano todo na comunhão da janta do Divino nos pousos de folia.

Para incluir a todos, a folia do Divino cruza fronteiras políticas. A extensão do percurso da folia não se restringe aos limites intermunicipais. Tanto a folia de Lagoinha quanto a de São Luís esmolam pelos bairros de seus municípios e também de Natividade da Serra, Redenção da Serra, Taubaté, Guaratinguetá e Aparecida. A inclusividade é a política da folia do Divino.

Carlos Rodrigues Brandão³⁵ foi provavelmente um dos primeiros antropólogos a relacionar a teoria da dádiva maussiana à ação das folias, usando o esquema das três obrigações (dar, receber e retribuir) para explicar o sistema ritual da folia de Reis. O mesmo sistema pode ser utilizado aqui para sintetizar o que fazem os foliões do Divino durante sua peregrinação: pedem e recebem bens

³⁵ Brandão, 1977, 1981.

materiais para si mesmos (alimento e hospedagem) e para os outros (prendas e dinheiro para a festa), e retribuem com dádivas sociais (valorização moral do gesto do doador) e espirituais (bênçãos e pedidos de proteção divina).

Com base no sistema de prestações totais maussiano, Brandão foi perspicaz em explicitar o dinamismo das festividades religiosas populares em vez de considerá-las apenas como resíduo da tradição no mundo contemporâneo. No entanto, sua compreensão da folia como expressão possível apenas num tempo e num espaço social camponês não parece expressar a experiência de devoção dos participantes do giro da folia no Vale do Paraíba: além da roça, a folia do Divino inclui também a cidade.

É mais natural reconhecer no meio rural um tipo de sociabilidade em que o código da dádiva parece ser o código predominante, pois na roça muito ainda é trocado, o dinheiro não se impõe como a única moeda, um porco abatido ainda é dividido com todos. Nessa perspectiva, a peregrinação peditória do Divino pela zona rural pode representar um tempo *arcaico*, em que o código da dádiva se manifesta com maior clareza, pois, nas sociedades arcaicas, segundo Mauss, não há um instante em que não haja obrigação de convidar os amigos, de partilhar com eles os ganhos de caça e de colheita que vem dos deuses e dos totens, de redistribuir tudo o que vem de um potlatch de que se foi beneficiário.³⁶

Além disso, a narrativa bíblica descreve o Pentecostes num tipo de sociedade que hoje caracterizamos como sociedade rural: a descida do Espírito Santo acontece durante uma festa judaica que celebrava os cinquenta dias após a Páscoa, uma festa agrícola na qual se apresentava a Deus as primícias, os primeiros frutos da natureza.

Esse tempo arcaico, no entanto, pode ser pensado como um tempo futuro ou um tempo em que as coisas ainda estão para acontecer, constelado por meio da passagem da folia. Não que a sua passagem se configure apenas numa relação de contiguidade ou causalidade com a narrativa bíblica, mas também numa escuta convencionalizada como “câmara onde o eco precede, por vezes, a voz”,³⁷

³⁶ Mauss, 2003.

³⁷ Sarduy, 1989, p. 21.

instaurando um tempo e espaço em que engastam a memória ancestral dos cultos às divindades pré-cristãs dos portugueses e também das divindades afro-ameríndias,³⁸ numa linguagem sensível e estética, já que marcadamente corporal e ritual.

De qualquer modo, como o próprio Mauss ressaltou, a troca de dádivas não se restringe às sociedades arcaicas. Ao contrário, em seu *Ensaio sobre a dádiva*, ele postula haver descoberto a dádiva como uma das rochas sobre as quais as sociedades atuais são erigidas.

Em vez de promover uma sociabilidade essencialmente rural, a folia parece devorar tudo o que vai encontrando em seu giro – eucalipto, leite, monoculturas e plantações de subsistência, carro e cavalos, turistas e gente da terra, a cidade grande. Isso porque, ao mimetizar o movimento da dádiva, ela faz com que os homens e seus bens se relacionem entre si em vez de permanecerem indiferentes uns aos outros.³⁹

Como Mauss ensina, o código da dádiva se expressa pela relação, pela reunião com o diferente, com aquilo que é estranho, pois, ao receber o estranho, torno-me anfitrião e, por isso mesmo, futuro hóspede de quem hoje eu hospedo, tornando-me parte de uma circulação perpétua de dádivas. Em vez da autonomia e do isolamento das comunidades, a folia se alimenta de uma inclusividade cada vez maior e mais abrangente. Em vez de resistência ao outro, nutre-se da inclusão do outro. Consequentemente, o giro da folia acaba por reunir, reiteradamente e num mesmo sistema ritual, aqueles que permanecem em sua área de origem e aqueles que dela migraram devido à impossibilidade de viver da produção agrícola ou por outros motivos que não os de ordem econômica.

Pode-se dizer que o giro da folia mimetiza a circulação da dádiva: a vida social não é só circulação de bens, mas também de pessoas, nomes, palavras, visitas, títulos, festas. Essas trocas não são apenas materiais, pois os bens carregam em si valores espirituais.⁴⁰ Ao mesmo tempo, o giro da folia mimetiza o modelo

³⁸ Montes, 1997a.

³⁹ Mauss, 2003.

⁴⁰ Mauss, 2003.

divino, já que assume a forma de um momento de reciprocidade entre os homens promovida pela chegada do Espírito Santo com a folia, possibilitando uma comunhão com Deus. Trata-se de uma forma que não é mera ideiação e sim uma forma sensível, expressiva, que assume um *éthos* barroco citando, carnavalizando e fazendo uma bricolagem com os fragmentos e resíduos das cosmologias e teologias disponíveis em estruturas de longa duração do imaginário.⁴¹

Mais prosa e café

– Só um minuto, que eu vou passar um café fresquinho.

– O sobrenome do senhor também é Benfica? Então, eu conheci o seu pai. Um senhor de cabelo e barba cheia e branca, que mora numa casa branca perto de uma capelinha, que tem um roçadinho nos fundos?

– É ele mesmo. Como ele está? Faz mais de ano que não vejo ele. Não tinha essa hortinha, não.

– Está forte, disposto. Recebeu muito bem a folia. Proseador ele, não é mesmo? Falou que tinha um filho que também morava na roça, mas que era longe.

– Nesse calorão, um refrigerante geladinho é bom demais! Vou apanhar lá na cozinha.

– Quem é o festeiro da festa de Lagoinha?

– Sou eu mesmo.

– E como está indo a esmolação?

– Ah, está indo muito bem. Todo mundo está ajudando bem. E, assim que a esmolação terminar, vou pôr R\$ 12 mil na mão do padre, que foi o que eu tratei com ele. O que sobrar, eu ponho na festa.

– Tá certo. Mas a maioria das folias só paga depois.

– Eu já prefiro pagar a igreja antes de tudo, pra evitar confusão. Muitos festeiros deixam pra depois da festa, e aí pode não sobrar dinheiro e o padre chiar.

– Melhor evitar dor de cabeça, não é mesmo?

⁴¹ Montes, 1997a.

Dirceu planeja arrecadar cerca de R\$ 120 mil durante o giro da folia, que começou em setembro de 2008 e foi até junho de 2009. A festa do Divino em Lagoinha foi celebrada entre 3 e 12 de julho.

Hoje, raramente o festeiro participa do giro da folia, o que era (e ainda) é prova de sua devoção e, conseqüentemente, da sua obrigação de fazer uma boa festa do Divino. Não vai mais com a frequência de antigamente porque hoje é raro ser dono do próprio nariz.

– Como é que você vai dizer no emprego que fez promessa e que precisa de uma licença de quase um ano pra sair em esmolação na folia?

Em geral, na retaguarda como ajudante na logística da viagem da folia, por vezes o carguereiro acumula o cargo de alferes da bandeira, conduzindo a bandeira em nome do festeiro, e, verbalmente, apresentando a folia, pedindo e agradecendo as esmolas, como vi acontecer na folia de São Luís. Para a festa de 2009 de Lagoinha, o festeiro foi o próprio mestre da folia, mas isso é raro atualmente.

– Esperem um pouquinho que um faço um suco num instante. É só misturar o pozinho e adoçar.

– Como vai indo o trabalho?

– Agora tá difícil. Eu batia leite, batia uns dez litros, às vezes vinte, trinta e o caminhão-tanque vinha pegar. Agora precisa do tal do refrigerador, que é muito caro. Então bato muito menos leite hoje.

– Dura a nossa vida, rapaz. Bater leite é uma canseira só, mas eu gosto do trabalho.

– Nós também batemos leite. Tenho uma fazendinha de gado leiteiro lá em Cunha. Agora que saímos na folia, os irmãos desse moço aqui é que estão cuidando de tudo lá. Dá trabalhão enorme esmolar, se não é a família toda ajuntar, eu não tava aqui na folia. Mas o Divino ajuda nós tudo, não é mesmo?

Sobre a cantoria

Para saber mais sobre a cantoria da folia, acompanhada por um amigo historiador luizense, também fui até a casa de Chiquinho, mestre de folia de Cunha,

filho do seu Lico, um dos grandes e mais antigos mestres de folia. Eu havia conhecido Chiquinho num pouso de folia em São Luís há alguns meses, pois sendo mestre experiente e de confiança, ele sempre é convidado por algum festeiro para fazer o giro da folia para as festas do Divino de outros municípios do Vale do Paraíba.

Chegamos à casa de Chiquinho e ele nos disse que quem sabia de tudo mesmo sobre a cantoria da folia era o pai. Então nos levou até a casa do seu Lico, mas quem acabou me dando a entrevista foi o próprio Chiquinho. O pai apenas pontuava com um aceno de cabeça, fumando tranquilo seu cigarro, a fala empolgada do filho.

– Em Cunha não tem folia. Por quê? Porque o padre não quer! Diz que não precisa, que não carece, que dá mais trabalho controlar o trabalho da gente, e arranjar os cavalos ou os carros e tudo. Mas o que ele não sabe é que isso a gente arruma fácil é só pedir pra um e pra outro. Todo mundo quer ajudar. O problema é que ele não precisa do dinheiro para fazer a festa. A festa aqui em Cunha tem patrocínio. Faz parte do calendário de inverno. Tem dinheiro certo, não precisa esmolar pra fazer. Mas aí não respeita a tradição do povo, que é sair com a bandeira e ir em tudo o quanto é casa pra esmolar. O povo quer fazer a festa, quer a bandeira andando, não quer só ir na festa e pronto. Se bem que de vez em quando os folião brigam, e a coisa é feia, porque eles bebem demais por aí nos pouso, dá alguns problemas. Mas com a nossa folia aqui não tem erro. Somos todos da família, somos todos irmão. É só mandar, que eu monto uma folia de bons cantadores, que fazem a jornada sem arrumar confusão. Aqui tem muito folião bom, e não é porque eu sou daqui que estou falando isso. É porque tem mesmo. Só na minha família são quatro, e eu tenho um sobrinho que tá aprendendo já. É pena que o padre não queira que a folia esmole aqui.

E o povo gosta de ouvir a cantoria de folia:

– Quando querem ver a folia cantar bastante, o pessoal dá esmola picado, um por um. E o mestre tem que cantar para agradecer todas as prendas. Os outros três foliões ali só acompanham. O mestre é que tem que saber todas as cantorias.

Cantoria pra pedir pouso, pra agradecer o pouso no dia seguinte, a comida, a esmola, o pasto pros cavalos, tem que agradecer tudo. Tudo o que se passou lá no pouso tem que agradecer na cantoria.

Chiquinho explica que o mestre canta as estrofes bem devagar para os outros foliões terem tempo de decorar os versos por ele improvisados no instante da cantoria.

– Esses versos não estão escritos porque cada mestre canta de um jeito, e canta diferente também dependendo do dia. É tudo mais ou menos a mesma coisa, mas cada mestre tem uma inspiração. Eu aprendi a cantar com meu pai e com meus tios, mas hoje canto diferente deles. Canto do meu jeito mesmo. Eu canto com uma trovação, meu pai canta com outra. A trovação é a rima. Cada mestre tem a sua rima, os seus versos, os que acha melhores de cantar. Quando eu chego num pouso, eu canto:

*Boa noite, meu senhor
Boa noite, Deus quem dá
Receba o Espírito Santo
Que veio lhe visitá*

– Esse é o primeiro verso chegando num pouso, que mais ou menos todo mestre canta. Se for de tarde, é boa tarde, se for de noite, é boa noite. Não muda muito. Quando me avisam que é um pouso de promessa, tem o verso certo pra cantar:

*O Divino veio de longe
Ele veio em sua casa
Ele veio pra pousar e abençoar sua família
E cumprir sua promessa*

– Ou então:

*O Divino desceu do céu
Num raiar de luz
Vai levar sua promessa
Pra Deus Jesus*

– O mestre e o contramestre cantam os dois primeiros versos:

*O Divino desceu do céu
Num raiar de luz*

– Aí é a hora de entrar o tipi e o contralto.

*Vai levar sua promessa
Pra Deus Jesus*

– Se o mestre e o contramestre cantaram vinte casas, o tipi e contralto cantaram só dez, porque, se o mestre e o contramestre cantam os quatro versos todos, o tipi e o contralto só cantam os dois últimos. Eles dão resposta aos versos, prolongam e cantam gritado o final de cada verso.

*A bandeira hoje é vossa
O senhor pode guardar
Amanhã se Deus quiser
O senhor torna entregar*

– Três ou quatro palavras só em cada verso... Você viu como é curto o verso? Mas na folia as palavras são prolongadas, por isso demora pra cantar. Então o mestre vai cantar conforme o altar. Se for pra Nossa Senhora eu canto assim:

*Que encontro tão bonito
Nós tivemos nessa hora
Encontrô o Espírito Santo
Com a Virgem Nossa Senhora*

– Se cantar *toda imagem é sagrada*, serve pra tudo o que tiver no altar:
Nossa Senhora, São Benedito, São Francisco:

*Que encontro tão bonito
Nós tivemos nessa viagem
Encontrô o Espírito Santo
Com todas as poderosas imagem*

– Viu? Com esses quatro versos só, já cantei pra todas as imagens do altar. E tá certo assim. Ninguém pode reclamar que ficou faltando. Mas a gente também gosta de fazer a cantoria comprida, quando não tá cansado demais.

Em comparação com a da folia de Reis, a performance da folia do Divino é mais enxuta. Não há uma sequência ou evoluções específicas para a entrada na casa do pouso, não há arcos enfeitados com folhas de bambu para os foliões cantarem. O toque da caixa anuncia a presença da folia e se cala assim que os cachorros assumem a tarefa. No entanto, cuida-se para que a bandeira seja a primeira a chegar diante do dono da casa, daí o alferes ir sempre à frente.

– Se não tiver muito santo, diminui bastante a cantoria. É cantar uma estrofe só pro altar. É mais rápido. A folia de Reis é totalmente diferente da folia do Divino. Nos Reis, quando você chega no altar, tem que cantar pra todos os santos, não tem jeito. No Divino, chega numa casa do giro e canta quatro ou cinco estrofes só. Nos Reis, canta umas vinte.

O dom para cantar folia:

– Não é qualquer um que é bom mestre. É preciso ter cabeça, é preciso matutar. Se o mestre errar, os outros erram também. Se o contramestre for bom, pode salvar a cantoria. Se o mestre erra, ele acode, canta por cima e conserta. Porque, na verdade, ele é que nem o mestre, já é mestre, só que não assumiu ainda.

Por que não é simples entender o que canta o folião do Divino, essa cantoria comprida e lenta?

– Por que é uma cantoria estilo latim, vem lá do latim. Por isso é que não dá pra entender.

Seria um tipo mistério a não compreensão imediata da letra da cantoria da folia? Verdade apenas revelada, inacessível à razão? Em si mesma, artigo de fé, dogma contraposto à reza, à súplica declamada e compreensível? Ao contrário da reza, a cantoria da folia não se deixa acompanhar pelas palavras. De certa forma, estas viram melodia. São ouvidas apenas. Ninguém canta junto. Exceto as crianças, que balbuciam a letra, balançando o corpo, caso nenhum adulto as repreenda. Parecem saber a letra de cor ou a criam na hora. Imitam baixinho os graves e agudos dos foliões. Principalmente os agudos, fazendo graça, balançando a perninha no sofá ou se escondendo entre risadinhas atrás do espaldar.

Num pouso do Divino no bairro da Fábrica, um homem que já foi mestre de folia pergunta ao Dirceu porque sua folia não canta de um modo mais *declarado* para que as pessoas possam distinguir o que eles cantam. Dirceu diz que isso não é preciso:

– Todo mundo sabe o que a folia canta mesmo que não entenda as palavras. Ouve desde pequeno, sabe que a folia está ali para abençoar, pedir prendas e agradecer. Todo mundo sabe!

Até crente sabe. Ao toque da caixa, também tem gente que olha pela fresta da janela e finge que não tem ninguém em casa.

– É crente, que não recebe a bandeira, mas não quer passar por desmancha-prazer, daí se esconde, um folião explica. Custava sair e dizer que não recebe a bandeira?

– Antes, quase toda casa tinha alguma coisa para oferecer aos folião. Agora não é sempre assim. Tem muito crente por aqui.

– Na roça a gente conhece. A gente sabe quem recebe e quem não recebe. Aqui no bairro da Água Santa, por exemplo, não tem crente, então você pode chegar em toda casa. Quando você sabe que é crente, nem vai. Mas tem crente bom também. Às vezes a gente erra, né? Bate e sai uma pessoa evangélica: “eu não

recebo, minha religião é outra, mas se você quiser tomar um cafezinho, uma água, tá liberado”. Tem muita gente boa, tem muita gente ruim.

Embora a peregrinação da bandeira tenda à *communitas*⁴² universal, pois, em princípio, deve incluir todos em sua passagem, ela não deixa de ser modelada pela estrutura dos sistemas religiosos dentro dos quais foi gerada e perdura. Segundo Turner, a fraternidade ou *communitas* total não se sobrepõe completamente às fronteiras culturais das estruturas religiosas institucionalizadas. Isso talvez ajude a explicar porque a folia não visite as casas de devotos não-católicos, embora muitos destes participem da hospitalidade e da comensalidade dos pousos. Com Turner, podemos dizer então que, se peregrinação da folia não elimina divisões estruturais, ela as atenua, retira-lhes o ferrão.⁴³

Sem cantoria nem prosa

— Tava quase saindo. Estou morrendo de pressa. Da cantoria não carece.

O devoto toma a bandeira do alferes e desaparece entre um cômodo e outro da casa. Bandeira na mão, a pressa arrefece e a reza silenciosa se encomprida principalmente no quarto do casal.

— O importante é passar a bandeira. A cantoria é boa, mas o principal é benzer a casa com a bandeira – Dirceu explica aproveitando a brecha de tempo para se abanar com o chapéu e descansar um pouco olhando as galinhas ciscando no terreiro.

Principal objeto de devoção do Divino, a bandeira não é apenas contemplada de longe. Em vez de protegida por uma moldura envidraçada, é de pronto oferecida ao dono da casa. Nas mãos deste, a bandeira transita esvoaçando bênçãos pela morada e pelos corpos dos devotos.

Antes de peregrinar pela casa pelas mãos do dono da casa, a bandeira é beijada por todos os moradores. O avô se ajoelha, se benze, os olhos molhados. A

⁴² Relação entre sujeitos totais temporariamente emancipados de suas diferenciações estruturais numa situação liminar. Cf. Turner, 1974.

⁴³ Turner, 2008.

mando dele, a neta adolescente dá um beijo rápido nas fitas da bandeira e um risinho.

Depois da casa toda abençoada, é preciso sair ao terreiro, levar a bandeira para benzer a horta, os pés de fruta e os pés de flor, a galinhada, a porcada, a boiada, a cachorrada e tudo o que houver.

Disseram-me não se deve passar a bandeira no banheiro.

— Porque não se leva o Santo a um lugar onde se faz o que ninguém quer olhar, não é?

Dizem que é raro, mas vi devoto levando.

— É gente que não conhece a tradição!

Empacada no giro

Num dia, deram-me o burrinho preto, o animal mais manso da tropa. Ufa, cair não vou! Nem sair do lugar. O bicho era tão manso que nem se mexia. Não adiantava eu me arvorar. Foi pôr o pé no estribo e o bicho compreender que essa não era a minha especialidade. Peste! Parecia que ria dos meus esforços desajeitados em cima dele. Apertava-o entre as pernas, empurrava o quadril pra frente nos moldes aprendidos nas aulas de casquete e culote no parque da Água Branca. Arf! Dois anos e aprendi foi nada! Aprendi sim, ao menos não caio do cavalo. Em vez de entrar na marcha, o animal alternava o peso entre braços e pernas, aprumando-se para descansar melhor.

Vi os homens adiantados, já passando a porteira, saindo da propriedade onde haviam cantado, e eu ali, na empacação suada.

Levi volta, solidário.

— Esse aí só anda bem com espora e chicote.

Botas largas, emprestadas já, nem pensei em arrumar espora e chicote. Deu-me um chicote de vara, comprido e mole.

— É só bater com vontade que o burro anda.

Ainda que o chicote prestasse, não teria coragem de castigar a mansidão do bicho. Cansada de suar em vão, implorei pela eguinha branca que eu tinha montado no dia anterior. Levi foi falar com o Dirceu.

– Josi, troca de montaria com a moça.

Sorri amarelo para o Josi. Fazer o quê? Ficar para trás, atrapalhando, eu não podia. Subi feliz na eguinha saída no trote a esmo. Andadura dura mas anda. Correndinho. Não sabe marchar ao passo. Trota toda descompassada. Mas solavanco é melhor do que não sair do lugar. A bandeira deve ir sempre à frente. Muitas vezes tive que segurar minha eguinha para não ultrapassar o alferes. Sem querer redimir minha falta de perícia na montaria, em geral, os animais que formam a tropa da folia são animais difíceis, emprestados por seus proprietários para amaciarem a andadura e a personalidade durante a longa peregrinação, quando são montados quase diariamente. Dizem que o animal que esmola com o Divino fica manso e bom de montar.

Pausa para almoçar...

É quase meio dia, e os foliões se dirigem para o almoço na casa do pouso. Já esmolaram por umas dez casas e acham que já rendeu. A comida cheirosa e fumegante espera no fogão. Uma pinguinha, um copo de vinho para abrir o apetite, depois de beber bastante água para matar a sede. Muitas vezes a janta é feita em excesso para ser servida também no almoço no dia seguinte. Mas se tiver bastante gente para ajudar, é feita comida nova para os foliões.

Depois do almoço, pausa para conversar, beber mais uma pinguinha ou um copo de vinho, tirar um cochilo de meia hora, fumar um cigarro de palha com tranquilidade e conversar. E antes de voltar ao giro pelas casas do bairro, café com bolo, bisnaga, pão francês ou sovado. Folião é muito bem servido, pois servir bem os foliões faz parte da promessa com o Divino:

– As pessoas tratam nós dando do bom e do melhor. Dá até dor de barriga, porque cada dia é um tempero, e sempre muita carne.

... e agradecer o pouso

Por volta das duas e meia da tarde, depois do lanchinho e antes de voltar ao giro, os foliões agradecem o pouso. Enquanto a folia canta, as pessoas da casa vão se avizinando da bandeira. Terminada a cantoria, chega a hora de a dona Maria benzer as pessoas e a casa com a bandeira. Toca o estandarte com os dedos, agora consagrados, esfrega os dedos na testa, em um ombro, no outro, no peito. Numa mão, apanha um pedaço do tecido vermelho, reza com os lábios, os olhos e a outra mão voltados pra cima.

– Vem cá menino!

Puxa um pedaço do tecido da bandeira, transforma-o num véu sobre a cabeça do menino, que se balança pra lá e pra cá, desejoso de voltar ao pega-pega com os primos e amigos interrompido pela benzeção. Dona Maria reza longo, de olho fechado, sem pressa.

– Vem aqui Zezinho, vem também Juninho!

A fila de menino para a benzeção com a bandeira vai formando um cortejo de risinhos e psius, beliscões e ais.

Numa das casas do giro naquele bairro, a bandeira havia sido passada com vagar e carinho em cada parte do corpo esquelético de um menino deitado no sofá e, depois, na cadeira de rodas ao seu lado. A cena é emocionante. A gente fica torcendo para que o menino se levante e ande. Mas não é disso que se trata. A bandeira, esse manto que cobre a cabeça e o corpo de bênçãos, protege o corpo das agruras do mundo, não importa se o corpo do menino permaneça visualmente do mesmo jeito.

O sudário de Cristo, abandonado no momento de sua ressurreição, constitui a prova de sua humanidade e de sua divindade. E é justamente esse resíduo do corpo santo – corpo este que se dissipa para atingir o céu e ressurgir – que se configura em objeto de devoção em direção ao qual os devotos se precipitam em peregrinação num gesto de presentificação da divindade. Talvez a bandeira do Divino possa ser compreendida também como o Sudário de Cristo que, por sua vez,

segue sua andança por entre os homens, deixando-se manchar pelas lágrimas e suor dos corpos dos devotos.

Dona Maria chora principalmente em seu quarto, rezando diante da foto do marido finado. Depois, lembra-se de mais um lugar na casa para visitar com a bandeira, mais um altar num canto, mais uma pessoa que faltou benzer com o tecido da bandeira.

– Eu já estou terminando. Já, já, eu devolvo a bandeira para os senhores folião. Eu sei que vocês precisam ir embora agora, diz numa voz trêmula.

E novamente fecha os olhos. E reza mais um pouquinho...

– As pessoas recebem a gente de coração. Do mesmo jeito que as pessoas da casa ficam tristes, nós também fica. Porque quando a gente chega de tarde, você viu aqui ontem, é uma alegria pra todo mundo: “O Santo chegou, o Santo chegou!”. Depois chega a hora de ir embora, ficam tudo triste as pessoas da casa. A gente fica triste porque pega uma amizade tão grande com a família, e depois tem que ir embora. Mas aí chega noutra morada e começa tudo de novo.

Visitando mais moradas à tarde

Um homem idoso e sozinho fica superemocionado e agradecido quando a folia chega. Agarra a bandeira. Reza alto enquanto a folia canta. Parece em transe. No entanto, de repente, passa a bandeira para o alferes e pega a carteira para mostrar seus documentos. Diz que está sozinho, mas que é um homem honrado. Diz que está naquela situação porque foi picado por uma cobra, porque foi contaminado por fungicida, e que nenhum médico conseguiu curá-lo. Os foliões continuam cantando enquanto o homem tenta impor sua voz para contar seu infortúnio. Quando a folia termina a cantoria, o homem implora para que eles fiquem, se alimentem e passem o dia com ele. Mas é preciso seguir, o que fazem os foliões com expressão de pena e também de riso.

– Esse homem é louco. Não se impressione com o que ele diz, me disse um dos foliões.

– Tá parecendo. Mas não tem muita gente contaminada aqui com o veneno pra matar o toco do eucalipto? Não é a tal capina química, que se vale de muito agrotóxico e de pouca mão de obra, e tem que contaminado o lençol freático por aqui? Ele deve tá falando disso, não é?, interpretei.

– Ah, é isso aí sim, pode ser mesmo que o homem se intoxicou com o veneno do eucalipto, completou um folião.

E outro emendou:

– Mas a cobra que picou ele e deixou ele assim bem louco deve ter sido outro tipo de cobra, não dessas aí que andam pelo mato!

Noutra morada, a senhora manca, com os olhos fundos e o rosto com manchas pretas.

– Eu caí de cara no chão, me machuquei muito, tudo dói. Mas Deus teve pena de mim por isso vocês vieram aqui. Olha, não é fácil o que eu estou passando, mas agora eu sei que vou ficar boa.

Reza baixinho segurando a bandeira. A filha chega com o neto, dizendo que ela realmente ficou muito mal, internada na UTI. O neto fica observando a folia cantar e, depois que eles param, toma o centro da sala e conta em tom de aventura, o que se passou com a avó.

– Ela ficou na frente da porta para o cachorro não sair de casa, mas ele correu por cima dela e ela caiu de cara no chão.

Noutra morada ainda, ao ouvir o toque da caixa, a mulher corre para trás da casa. Vai até a mangueira buscar o marido para receber o Divino. Enquanto isso, na soleira da porta, os foliões discutem as providências com a bandeira:

— Quando chegar em Cunha, precisa livrar um pouco a bandeira desse monte de pedido e foto.

– Não precisa. Vai assim até o final, que é assim que deve ser.

– Ihhhhh, que frescurada, hein? Bandeira mais leve é mais fácil de carregar.

– Deixe quieto, pai. Quem carrega a bandeira sou eu. Não me importo com o peso.

– Ih! Ele quer ser mais tradicional do que a tradição. Você vai ver. Tem um monte de cara assim por essas roças. Tem um tal de Renatinho... Ih, esse um faz tudo certinho, tudo perfeitinho. Um purgante!

O marido chega à sala e toma a bandeira do alferes. Sorriso largo, o homem enxuga a testa com o dorso da mão grossa da lida com o gado. Desculpa-se da demora, da sujeira da roupa, do barro da bota sete léguas, da feição de quem é surpreendido pelo Divino na lida diária.

Noutra morada, a roupa do devoto está coberta da terra do roçado, do cimento e da tinta da construção civil, o avental e as mãos molhadas da roupa no tanque. Roupa bonita e perfume, só mais tarde para ir ao pouso do Divino nos Coelho, e, em maio e julho, para ir à festa do Divino na cidade.

A festa do Divino em São Luís segue o calendário da Igreja católica. É comemorada no dia de Pentecostes. Em Catuçaba, no dia do padroeiro da cidade, São Pedro. Em Cunha e Paraty, durante o festival de inverno. Em Lagoinha, em julho, seguindo o calendário agrícola.

Enquanto a folia canta, o dono da casa segura a bandeira, reza baixinho, olha a foto da criança no tico-tico, do casal gay, da casa branca de porta e janela azul, do carro, do cachorro. Muitas delas têm explicações e pedidos no verso. O homem vai afastando os fios de fita da cortina de bilhetes com pedidos e agradecimentos dobradinhos para serem lidos só pelo Divino. Observa as chupetas, os cigarros colocados pelos devotos durante o giro. E ali vê gente nunca vista antes e fica sabendo um pouco dela. Vê um bilhete ou foto de alguém conhecido, revê gente de muito tempo sem falar. O contato com os objetos votivos presos à bandeira faz emergir a experiência de pertencer a um todo maior, de compartilhar uma experiência de devoção.

– Eles põem as fotos pra esmolar com a gente o ano todo. Com a foto amarrada na bandeira, eles ficam mais perto do Divino e daí aumentam as chances do pedido ser atendido. Fazem um pedido de para o Santo curar, arrumar serviço. Eles põem a fotografia na bandeira para andar com nós o ano inteiro até receber a

graça do Divino. Outros colocam a foto justamente porque já receberam a graça do Divino.

E são muitas as fotografias. Foto do marido que parou de beber, da mulher que espera curar-se de uma doença no ventre, da criança com pneumonia. Foto do boi no pasto que não quer engordar, da galinha no terreiro que cisca mas não bota. Foto do homem desempregado da lavoura que conseguiu um emprego na indústria de celulose e da família feliz reunida: que o Divino mantenha o emprego e a alegria. O Divino não é Santo Antônio, mas tem devoto que pede um noivo ou noiva para se casar. Um pedido corriqueiro é de saúde para si e os familiares, afinal o Divino tem o poder de adiar o encontro com a *magra*, a morte.

Rede de comunicação e de amparo

A andança da folia instaura uma rede de comunicação, ligando lugares, parentes e amigos. Também promove a inclusão de gente que não pode sair de casa por causa das juntas doídas, da vista turva, da cabeça pesada, por não enxergar mais, por não aguentar mais, por não ser mais convidada, por não ter mais ninguém, por não poder deixar o roçado, a criação, a criançada.

Ao passar de casa em casa, levando o Divino, notícias da festa e de outros devotos, a folia propicia uma consciência mais aguda de pertencimento a um todo maior, criando uma abertura para uma experiência de *communitas*. Pode-se dizer que o giro da folia provoca uma suspensão momentânea dos papéis cotidianos, uma vez que ao chegar numa morada o que faz a folia senão imediatamente desviar a atenção das pessoas de tudo o que elas estejam fazendo para ouvir a cantoria e experimentar algo maior; para lembrar e inscrever um desejo, uma preocupação ou uma alegria nas notas da cantoria, no tecido da bandeira, na conversa com os foliões; para acreditar e rogar por num novo tempo, um tempo de igualdade entre os homens?

Para Turner, situações liminares podem ser consideradas o *não* diante das configurações estruturais, e simultaneamente, a fonte de todas elas. Não é por

acaso que ele identifica na liminaridade, na marginalidade e na inferioridade estrutural as condições em que geralmente são criados os mitos, os símbolos rituais, os sistemas filosóficos e as obras de arte, e, por que não, a experiência da fé dos devotos durante a passagem da folia. Ele também descreve a liminaridade como uma situação de reflexão que rompe com a força do costume e abre espaço para a especulação, permitindo brincar de malabar com os aspectos da existência.⁴⁴

O giro da folia reitera a chama do Divino Espírito Santo. Em sua passagem, os foliões repetem de casa em casa que é o povo o responsável pela festa, que esta só está sendo realizada porque eles existem. Ao convidá-los para a celebração do Divino na praça matriz, a folia dignifica a presença e a prenda de cada devoto – não importa se apenas algumas moedas, um gole café, um copo de água ou um muito obrigado.

Ao promover uma relação de *communitas*, no entanto, o giro não impinge uma homogeneização radical. Há igualdade num certo plano – a folia passa em todas as casas. Porém, os devotos não são nivelados nem totalmente despidos de suas marcas diacríticas. Ao contrário, são particularizados e homenageados por sua singularidade. É certo que a visita da bandeira à casa devota configura um estado de comunhão, mas se trata de um estar junto diferente da reunião diante do padre na igreja, por exemplo.

No caso da folia, é o sagrado que rende homenagem e a uma família de cada vez. Ao entrar numa casa no caminho, a bandeira reconhece a especificidade de seus moradores. Do anonimato, emerge uma relação particular, não genérica. Durante o ritual que a andança implica, o dono da casa e sua esposa são chamados pelo nome. A família escolhe o que vai oferecer ao Divino, dando um pouco de si mesma em agradecimento pela oportunidade de receber a bandeira. Para cada devoto-família é feita uma cantoria particular, entoada de acordo com a esmola (a folia descreve o que está recebendo) e com o santo que aquele devoto-família dispõe em seu altar. Assim, cada um tem a chance de inscrever um pouco da sua história numa história comum.

⁴⁴ Turner, 1976.

Desse modo, o ritual da folia, num certo sentido, também imita a forma da Trindade. Sendo o Espírito Santo o vínculo de comunhão no amor entre o Pai e o Filho, esse amor não pode somente ficar numa relação de comunhão entre o Pai e o Filho, e sim se estabelecer entre todos os homens. Apesar e exatamente por significar a comunhão, é preciso que as pessoas da Trindade sejam distinguidas entre si, embora exista entre elas uma igualdade imanente. Segundo a Bíblia, Deus é o Poder de quem tudo procede; Jesus Cristo é o Filho por quem tudo foi feito, e o Espírito Santo é o Dom da perfeita esperança. Quando alguém ama, existe o amor, pois não existe o amor sem amar. E quando se ama, não se ama somente alguém, mas o próprio amor. Então, o amor supõe um amante, um amado e o amor. Em resumo, sem a diferenciação não pode haver a reciprocidade e a comunhão.

O pouso do Divino

O caranguejar da folia vai dar em alguns pontos destacados: os pousos tradicionais, esperados e lotados como os oferecidos no rancho do seu Renô Martins, no bairro da Cachoeirinha. Em pousos como este, a bandeira só não pausa em caso de doença, acidente grave ou morte.

Os pousos do Divino que não são tão tradicionais como os oferecidos pela família de seu Renô dependem da negociação entre parentes e vizinhos. Em geral, uma família se reúne na casa do patriarca para oferecer o pouso. Então, juntam-se filhos, genros e noras e outros parentes e amigos íntimos para arcar com o trabalho e os recursos envolvidos na preparação do pouso.

Evitam-se marcar pousos em casas muito próximas para que nenhum deles fique esvaziado. Os vizinhos combinam entre si quem dará o pouso e tem a prioridade quem já tiver feito promessa de oferecer a janta do Divino naquele ano ou de oferecê-la justamente por ter recebido uma graça.

Por sua vez, as folias de São Luís e Lagoinha também fazem acordos entre si para evitar esmolar num mesmo bairro ou região simultaneamente para não diminuir a quantidade de pousos. Os devotos aprovam essa alternância porque

assim têm condições de oferecer prendas e pouso a todas as folias, e, conseqüentemente, receber a bandeira do Divino em sua casa mais de uma vez por ano. Na cidade grande, a marcação dos pousos é um pouco diferente.

– A gente padece mais na zona urbana. Na roça você esmola o dia inteiro e esmola apenas umas 20 ou 22 casas só, porque as casas são mais longe uma da outra. Em Taubaté, você não tem tempo nem de fumar um cigarro. Você está numa casa e logo já está noutra. Você está cantando pra uma mulher numa casa e a mulher da outra casa já tá esperando você no portão. Você nem tem tempo de agradecer pra uma mulher, a outra já pega a bandeira da mão da outra... Lá a gente não conhece quase ninguém. Aí conhece alguém que conhece umas quarenta pessoas e então convida elas. Essa pessoa é quem leva a folia na casa dos conhecidos dela. Combina e o Divino vai lá: “na quarta-feira, dia 23, às seis horas da tarde, o Divino vai vir pousar na minha casa, você quer receber a bandeira?”.

Embora não seja uma regra rígida, é comum que uma família ofereça pouso à folia que esmola para a festa do seu município. Se for morador de São Luís, recebe todas as folias, mas dá pouso preferencialmente para a folia da cidade. Mas, caso se trate de pessoa muito devota e de condição, dá pouso para todas as bandeiras. Ser de condição aqui implica menos ter dinheiro do que fazer parte de uma família grande e disposta a arcar com a responsabilidade e o trabalho envolvido na preparação do pouso. O dono da morada pode ser amigo do festeiro ou de um dos foliões, e então receber a bandeira também para ajudar o compadre.

– O seu Dito não mora mais na chácara com o bambuzal, do outro lado do rio?

– Não, não mora mais. Ele arrendou a propriedade pra Votorantim e mudou pra cidade.

– Uma pena! Era um pouso tão bom.

O sumiço de uma morada de gente resulta no sumiço de uma morada do Santo no giro da folia. Em seu lugar, muitas vezes, eucaliptos clonados.

Os pequenos produtores tentam resistir, mas nem sempre conseguem ordenhar o suficiente para suprir a cota mínima que garante a compra do leite pela

cooperativa. Apelam, botam água, levam multa. Não têm dinheiro para comprar o filtro. Atolam na dívida.

– Quando produzo pouco, eles não pegam. Quando produzo muito, eles não pagam. Dizem que metade do que você produziu é excesso e aí pagam um quinto do preço.

– Não planto mais pra vender, planto só pro consumo só, às vezes nem isso, mas sou acostumado a lidar com a terra. Sempre que posso, planto alguma coisinha.

– Antes era plantar e ir vender no mercadão lá na cidade. Agora tem que pagar taxa e a gente não tem dinheiro.

– Tem muita gente da cidade mudando pra roça pra ficar tranquilo, fugir da barulhada, da poluição. Tem gente daqui mesmo que se aposenta do emprego da cidade e volta pra cá pra morar no sítio. E aí aumenta o emprego da gente. Eu lavo roupa pra um pessoal de fora. E também vou lá limpar a casa. O esposo vai cuidar do jardim e da horta. Assim, a gente ganha o dinheiro pra comprar as coisas. Antes plantava tudo, cebola, verdura, arroz, milho, feijão, batatinha, batata-doce. Não comprava nada, só comprava o que não dava, o sal e o açúcar, mas era pouca coisa.

– Não é minha casa, não. Eu sou o caseiro. Os donos moram em São Paulo. Vêm só no final de semana.

Chegando à casa do pouso

O toque da caixa convoca o espoucar de fogos. A bandeira vem chegando. Vem na dianteira do grupo de foliões cavaleiros. Os cachorros são os primeiros a acudir. Latem ardido ou grosso abanando o rabo. Entre eles, um pequeno valente ensaia mordiscar as patas da tropa.

– Sai pra lá, seu danado. Quer levar coice, é? Daí vai ver o que é bom! Que bom que vocês chegaram! Já estava ficando preocupada. Atrasou um pouco, né?

Dona Benedita pega a bandeira das mãos do alferes ainda montado. Beija-a, faz o sinal da cruz.

– Oi, dona Benedita, como vai a senhora? Esmolamos muita casa hoje à tarde. Aproveitamos o tempo bom, as muitas casas devotas no caminho. O bairro aqui é bom de esmolar, não é mesmo?

– É sim. A Barra tem muito evangélico, mas tem muito católico também.

– Com a graça de Deus, chegamos agora na casa da senhora, que é sempre pouso muito bom, não é?

– Pois então vamos entrando, seu Dirceu. Vamos também, os senhores foliões. Vocês estão todos bem, né? Deixem os animais amarradinhos aí na cerca, que ninguém mexe com eles. Sai pra lá, cachorro sem graça!

Dona Benedita conduz a bandeira e a fila de foliões de chapéu no peito e instrumentos nos ombros e mãos. Vai caminhando lépida pela varanda coberta de plantas. O cheiro fresco do café insinua a cozinha. Vestida com um sorriso de batom vermelho e vários colares de ouro e cruz no pescoço, dona Benedita contorna sua casa pelo calçamento em declive, ondulante e florido, que deixa ver outras casas, acenos de parentes e as muitas árvores lá para baixo. Ela entra por uma porta alta. Então se ouve o relincho da montaria que ficou de reserva no pasto, alegre com a chegada dos animais que haviam peregrinado naquele dia.

– Querem um cafezinho? Também é bom comer alguma coisa logo, né? Vocês devem estar cansados e com fome, claro! O carguereiro de vocês já chegou faz tempo. Já lidou com os cavalos lá embaixo, já está de banho tomado e tranquilo.

– Obrigado, dona Benedita. Primeiro, vamos fazer a cantoria pra pedir o pouso pra senhora. Depois a gente descansa um pouco.

Os foliões vão sendo cumprimentados pelos parentes e amigos íntimos da anfitriã. Falta pouco para as seis da tarde de uma terça-feira e muito convidado ainda está preso no trabalho ou noutro afazer. No momento da cantoria de pedido de pouso estão presentes apenas os familiares e os amigos mais chegados, que se desincumbiram de outras obrigações para ajudar na arrumação da casa para receber a folia e no preparo da janta do Divino.

– Recebo a bandeira há muitos anos. Recebo o Divino fazendo comida, com todos os meus amigos, convidando o povão. Faço as minhas panelonas de afogado.

Faço batata e macarrão, e tudo o que eles desejam. Então meus amigos vêm e ficam satisfeitos. Recebo também os foliões, meus amigos, que trazem a bandeira pra mim.

Entre uma cristaleira lotada de santos e um altar no canto principal da sala, dona Benedita se acomoda com a bandeira do Divino.

Vou percebendo que a casa inteira da dona Benedita é santo, vela e flor... Em cada canto, um altar. E também bonecas Barbie, Susi, Amiga e muitas outras fixadas na parede, na embalagem original de papelão colorido jamais aberta, feito santa em oratório.

– Minha irmã diz que a minha casa parece igreja de tanta imagem e altar espalhado: “Ué, se não gosta, então por que vem aqui?”; “Eu gosto sim, Benedita, nem preciso ir na igreja quando venho aqui.”

Cantoria para pedir pouso

A cantoria na casa da dona Benedita foi longa, cerca de meia hora. Longa, lenta, os versos alongados. Canto nasalado, lamento que parece sair pelo nariz como um choro. Exige muito fôlego dos foliões e também faz alguns devotos chorarem de perder o fôlego. Às vezes, o choro não passa de um brilho no olho, uma camada grossa de lágrima contida.

Dona Benedita se emociona. As lágrimas surgem em olhos atentos aos gestos dos foliões. Quando depois perguntei do que ela se lembrava naquela hora, falou-me do terceiro marido:

– Morreu novo, de acidente, na estrada aí em cima. Vinha do trabalho. O carro não viu, passou por cima. Deixou um filho muito novo, agora com onze anos, que sente muito a falta do pai. Mas o Divino dá força, né?

– É coisa do começo do mundo – disse um mestre de folia para um amigo pesquisador de folia.

– Aquilo ali é feito pra chorar. Não tem outra função. Aquela caixa batendo forte, bate aqui direto na caixa do pulmão e a gente chora. Aquela música atonal,

fanhosa, nasalada, que não se entende nada, pra que serve? Pra chorar, é evidente – assim me explicou o goiano João, funcionário de uma biblioteca municipal em São Paulo, num dia em que me viu com o livro do Carlos Rodrigues Brandão sobre a folia de Reis de Mossâmedes, em Goiás.

Logo após a cantoria de pedido de pouso, ainda com instrumentos nas mãos, em fila, os foliões tocam com o polegar a bandeira, a pombinha, o Divininho, e depois, a testa, a boca e o peito. Guardam os instrumentos no cômodo especialmente arrumado para recebê-los, em geral, o quarto da criançada, e estão liberados para prostrar, sentar no sofá da sala e descansar diante da televisão.

Com muito gosto, são servidos pelo dono do pouso, sua mulher ou alguém da família, com café fumegante, pão com manteiga, bolo de banha e cangalhinha. Quem fuma, aproveita para sair no terreiro e acender o merecido cigarro. Quem tem hábito de ligar para a família dando notícias, aciona o celular nessa hora.

Nesse momento retomam também a conversa com o cargueiro (em São Luís e região fala-se *cargueiro* e não *cargueiro*), contando as dificuldades, verificando os detalhes da logística da viagem. Folião que não canta nem toca, Hilton fica na retaguarda. Em vez de sair para esmolar, parte com os animais sobressalentes em direção ao local do próximo pouso da folia. Numa égua branca, carrega a cangalha com duas canastras pesadíssimas, feitas de madeira de lei, que transportam as roupas, os sapatos, os artigos de higiene pessoal e os remédios dos foliões.

– Remédios principalmente para dor de cabeça e dor de estômago que a gente pode ingerir alguma coisa que não faz bem. Não que a comida não seja boa. É que sempre nos dão muito e às vezes a gente passa mal. A roupa não é muita porque nos pousos as mulheres sempre se oferecem pra lavar a roupa da gente. Mesmo assim, você tá vendo aí, duas canastras que dão um suador danado para fechar.

Os foliões não usam farda, exceto nos dias de celebração da festa do Divino na cidade, quando estão de sapato e calça pretos, e camisa vermelha. Durante o giro, botina de couro, calça jeans, camisa, jaqueta de náilon e chapéu. Andei com

eles durante o verão, debaixo de muito sol e chuva, e acompanhei a andança de chapéu e bota emprestada. A capa de chuva, de que me vali várias vezes, já encontrei presa à sela da montaria. No inverno, os foliões também carregam blusas e luvas de lã ou couro.

Os convidados vão chegando

Depois de prosear e descansar um pouco, os foliões vão se revezando no banho e ficando prontos para a janta. Os convidados vão apontando no terreiro, lugar da horta, do galinheiro, do chiqueiro de porco, da mangueira e dos pousos do Divino.

Chegam a pé, a cavalo, de carro, de carona. Poucos de ônibus porque nos bairros mais enfiados não há outro transporte público além do ônibus escolar e da ambulância. Vão chegando perfumados, de roupa passada, os homens de cabelo penteado para trás, as mulheres de batom escuro. E vão ocupando o terreiro, a terra batida, os bancos de tronco, as mesas e cadeiras dobráveis, formando rodas animadas de conversa, de truco, de paquera.

– Minha namorada diz que eu sou um louco, um doido. Que ando por aí para conhecer mulher. Onde já se viu pensar uma coisa dessas?

– Minha namorada não gosta de namorar folião, mas não sai do forró. É uma briga. Ela força muito para casamento, quer que eu abandone meu serviço. Eu falo pra ela que eu não posso abandonar o meu serviço porque eu tenho um contrato com o Divino.

– Nos pousos a gente conhece um monte de menina. Elas ficam em cima da gente. Acham legal a gente fazer parte da folia. Ficam perguntando como é a nossa vida. Acham que é uma aventura. E é mesmo porque sempre temos histórias pra contar e conhecemos todos os bairros, todas as pessoas que moram lá.

– Estão pensando em fazer excursão de hóspede de pousada às festas da roça, especialmente as de santo, os pousos do Divino, que são mais tradicionais e abundantes.

– Tem gente trocando a novela pelos causos ao pé do fogão de lenha. A gente nunca deixou de fazer isso, mas agora tá virando atração pra turista... A gente não põe o preço. Eles dão o que querem, uma ajudinha só.

– Será que é boa ideia isso? Não vão pagar nada?

– Não tá me parecendo boa ideia não. Você achava bom convidar estranho pra sua festa, pra ficar te olhando como se você fosse bicho, achando você caipira? Não vão pagar nada não. Quem vai lucrar é o dono da pousada.

– Congadas e moçambiques são, acima de tudo, manifestações devocionais. Mas há grupos que se autodenominam folclóricos, e de bom grado se exibem fora do contexto, como a folia de Reis que se apresenta para os hóspedes de uma pousada em São Luís, e que a proprietária faz questão de ajudar financeiramente.

O folião e suas máscaras: franciscano, malandro, biscateiro...

– Faço parte da folia faz 18 anos. Comecei molequinho, tocando triângulo. Fui aprendendo tudo até chegar a mestre. É uma vida dura, mas o pessoal acha que é fácil. Acham que nossa vida é só passear, cantar, comer e beber do bom e do melhor. Mas não é bem assim. Passamos muito tempo longe de casa, dormindo cada dia num lugar. E você pensa que é fácil comer carne todos os dias? Não é não! Somos sempre recebidos com carinho, mas muitas vezes temos que dormir três homens na mesma cama. Um pra cima, outro pra baixo, outro pra cima. Não é fácil, mas não podemos reclamar. O que nos oferecem está sempre bom.

– A folia dos Reis canta mais no final do ano e de noite. A folia do Divino anda o ano inteiro e de dia. Esmola de domingo a domingo, só pára se tiver um tempo desses [chovendo]... Eu não queria ser folião de Santo Reis. Não por causa Dele, porque Ele é um santo que nem o Divino mesmo, mas por causa dos companheiros que andam atrás Dele e não têm respeito. Eu gosto das coisas certas, não gosto de palhaçada, de bobageira... E eles bebem muita cachaça, falam muita bobageira e não têm respeito no Santo. No Divino não tem isso. Se a gente falar um

nome feio perto da bandeira, o mestre avança em nós: “Você quer falar nome? Deixa pra falar lá na sua casa, aqui não!”.

– Quando não saio na folia, trabalho no açougue ou de motorista. Em Cunha é ruim de emprego porque não tem fábrica nenhuma, é tudo área de preservação, então as empresas fogem daqui.

– Nos cinco dias de folga do mês, eu cuido de algum roçado, da lavoura de feijão. Enquanto eu esmolo na folia, o roçado cresce. Noutra folga, colho, na seguinte, vendo. Assim ganho dinheiro de dois jeitos ao mesmo tempo, na folia e no roçado.

– Trabalho de várias coisas, já fui peão, já fiz roçado, já cuidei de animais, de plantação.

– Só toco viola quando saio na folia. Se não saio, fico meses sem tocar, aliás, nem viola eu tenho, essa aqui é emprestada do mestre.

... e trabalhador remunerado

Os foliões recebem salários para esmolar, o que é criticado por alguns como descaracterização do ritual, visto que, tradicionalmente, o motivo de sair na folia é cumprimento de voto. No entanto, os foliões acham indispensável serem pagos para esmolar:

– Sou alferes da bandeira e cargueiro. A nossa folia não sai a cavalo, mas mesmo assim tenho muito trabalho. Sou eu quem faço os preparativos pra viagem, vejo se as malas dos foliões estão todas no carro, ajudo na marcação dos pousos, chego antes nas moradas pra conversar, acertar os detalhes e arrumar o lugar pros foliões dormir. Ganhar pra trabalhar? Ganho, claro. A gente come na casa dos outros, mas a nossa família come o quê? A gente tem que ter um salarinho. Quanto? Isso aí eu não vou contar não!

O salário dos foliões é pago com uma parte do montante que eles mesmos arrecadam durante o giro.

– Ganho R\$ 700 na folia. O mestre e contramestre ganham mais, uns R\$ 1.000. O tipi e o contralto ganham mais ou menos igual a eu.

Reza para agradecer a janta do Divino

– Então, seu Dirceu, vamos rezar o terço pra gente ir jantar a comida do Divino?

– Xi, dona Benedita! Será que não tem ninguém melhor que eu pra puxar a reza. Eu me confundo um pouco, me perco. Se tiver alguém, eu prefiro acompanhar, não sou um bom puxador de reza não.

– Tudo bem seu Dirceu. O senhor já trouxe a bandeira aqui, já puxou a cantoria. Eu mesma puxo a reza, não tem problema.

Rezam todos o terço, o pai nosso, a ave Maria... pedindo ao Espírito Santo que derrame suas graças e proteja a todos de todos os perigos.

Lá pelas oito da noite, a comida começa cheirar mais forte. E a reza comprida torna o jantar mais merecido. A espera tem a gravidade fingida do menino danado preso pelas mãos da mãe depois do tombo e do joelho esfolado, a estridência do ganido do cachorro de rabo pisado na confusão do terreiro e a persistência da gritaria da criançada.

– Psiiu! Estão tudo rezando lá dentro, vocês não viram, não?

– Estou com fome, mãe!

– Fique quieto, que você já vai jantar.

Na mesa, toalha vermelha, ou florida, ou xadrez. O garrafão de vinho. Duas ou três garrafas de pinga luizense, a Matodentro. Coca-cola e ki-suco. A cerveja é cara, difícil de gelar, então rara nos pousos. A pilha de pratos cobertos pelo pano de prato com arremate colorido de crochê. Os talheres ajeitados na cesta de vime. A farinha de milho, a farinha de mandioca. O vidro de pimenta vermelha, o de pimenta verde. No fogão, o panelão fumegante de arroz, o de feijão. Como não são consideradas comidas fortes e, portanto, dignas de serem servidas em dias de festa, legumes e folhas verdes não são alimentos assíduos na janta do Divino, apenas a batata (misturada com carne) e a salada de tomate com cebola. Frutas também são raras, exceto a laranja e a banana, muitas vezes servidas como sobremesa.

O cheiro gostoso da cozinha começa a invadir a sala e o terreiro. As mulheres lavam um pouco mais de arroz, cozinham um pouco mais de batata,

amassam o alho e a cebola, terminam de temperar a quirerinha. Botam água no panelão para cozinhar o macarrão padre-nosso para misturar na carne de boi. Botam mais óleo para acabar de fritar o frango e o porco.

Nos banquetes em homenagem ao Divino, a carne é o principal alimento. A comida típica da divindade na região é o afogado, muito farto, com muito tempero e tempo no fogo, abençoado pelo rezador de prontidão e oferecido aos devotos na comunhão ruidosa e poeirenta do terreiro, onde há fartura de comida e revezamento de prato, colher e copo, e, depois, de par para dançar.

Depois da janta do Divino...

Vem a dança do sabão, do caranguejo, da baianinha, a catira. Homens e mulheres dançavam ao som das violas em coreografias em fila, fila dupla, roda, pares, trocando de pares, cantando e batendo palmas. As crianças nem sempre conseguem acompanhar as evoluções e ficam olhando, batendo palmas. Já ficavam meio zonzas e sonolentas de acompanhar tanta volta, mas logo se animaram quando os violeiros pousaram as violas e alguém ajeitou o som na varanda da casa para ouvir o CD de Jorge & Mateus. Dançaram todos animados, crianças, adultos e velhos.

– Bom, já é tarde, já vou indo dormir, que já passou da hora, que são muitas as casas pra esmolar amanhã.

– Pode ir, ué, não dorme com meus zóio –, um dos foliões cochicha fazendo troça do mestre. Mais um cigarro, mais uma pinguinha, não demora e os foliões já estão todos recolhidos.

A observação ou não do louvor à pinga e dos horários de dormir depende de cada mestre e folia. Ouvi casos de foliões, mestre incluído, que caem bêbados em quase todos os pousos. A água corrente dos pousos é a aguardente, água benta, *spirits*, o espírito santo do pouso. Alguns tanto se fartam que a pança de pinga e carne rouba-lhes a disposição moral requerida para passar meses montando e desmontando burros e cavalos:

– Esmolar em lombo de animal não dá, só vou se for de carro!

Tem gente que garante que são esses os foliões mais animados, que fazem cantoria até a pinga acabar, e, como a marvada dificilmente seca, esticam a noite e os divertimentos até de madrugada.

– Os pousos vão até quatro horas da manhã, bebendo pinga, vinho, comendo carne e jogando baralho. Hoje custei a acordar, tomei um banho, fui levar o dinheiro da semana pra festeira na cidade, e vim encontrar agora com os outros foliões.

Num pouso, a irmã do dono da casa estava de cara feia, com braços escoiceando o ar. Os foliões, barriga cheia e bunda espalmada no sofá, assistiam tranquilos ao *Fantástico*.

– Eu passei o dia inteiro aqui agachada no calorção dos fogão no chão, a cara vermelha, os olho tudo ardido. Desde ontem picando carne. Limpei o terreiro bem limpinho pra esses um aí chegar e se empoleirar na sala? Não tá certo não, tá? Tô com cara de besta, é?

Os foliões tinham cantado bonito a cantoria de pedido de pouso, recusado respeitosamente a pinga, aceitado com vontade a janta e, tudo feito, informavam-se sobre os acontecimentos do mundo diante da tevê. Sair para o terreiro enfeitado e lotado de gente para cantar mais pouco não passou pela ideia deles.

– Por que não chama eles aqui fora?

– Não chamo, não. Se eles não sabem o que é trabalho deles fazer, não sou eu que vou ensinar.

... é hora de contar milagres

Chega a hora dos foliões irem dormir.

A família às vezes fica acordada, tentando não fazer barulho para não incomodar os foliões. Chega a hora de contar milagres.

– Um menino de oito anos, filho de uma conhecida, estava desenganado, sofrendo de câncer na espinha. Eu fiz um pedido para o Divino Espírito Santo no começo do ano passado, e hoje ele está bem. Faz oito dias que foi operado e correu tudo bem. Meu coração sente pelo coração de todas as mães. Vêm aqui no pouso

meus amigos, como se fossem tudo meus filhos. Eu sou mãe de trinta filhos, fora os avulsos. E, graças a Deus, estou levando a minha vida. Tenho 76 anos e pretendo cuidar de muito mais gente.

– O médico me devolveu meu filho no colo e disse que eu podia levar ele pra casa pra esperar ele morrer. Era um médico muito bom, careiro, muito conhecido em Taubaté. E a minha patroa, que é muito boa, estava pagando o tratamento dele. Câncer espalhado, metástase. Nesse mesmo dia, Nossa Senhora apareceu pra mim no meu quarto e disse que meu filho não ia morrer. Eu arregalei o olho e chorei. Ela pediu confirmação. Pediu pra eu dizer se acreditava no que ela estava me dizendo. Fui correndo contar pro meu marido. Ele chorou, mas não acreditou. Fui falar com o médico pra ele continuar tratando meu filho como a Nossa Senhora tinha falado. É aquele menino magro que você está vendo ali jogando videogame com as outras crianças. Ele é magrinho, ainda precisa de cuidado, mas está aqui com a gente, não morreu. Depois disso, passei a dar pouso todos os anos, pra todas as folias que passam aqui, a de São Luís e a de Lagoinha.

... e mais milagres

– Endireitou a minha vida. Todas as coisas que eu tinha. A menininha que eu peguei pra criar, Paula, a mãe dela faleceu, dona Maria José. Agora a menina está com 23 anos e já vai casar. A mãe faleceu num acidente de carro. Na justiça perguntaram “quem é o padrinho da criança?”. Aí, passei ela no meu nome. Até ela eu tinha abandonado por causa da pinga.

– Olha, se contar eu pra você que nem precisei operar, você acredita? O Divino me curou. Está aqui a minha mãe de 90 anos que não me deixa mentir.

– Eu era um cara que gostava de tomar umas marafa aí. Perdi tudo aí. O Divino me ajudou eu tanto. Pedi um trabalho. Ele arrumou de eu trabalhar pra ele mesmo. Agora tô no meu suor, sem malandragem, na minha inteligência de cabeça. Fiz a promessa quando tava na pior. Ia no bar e ninguém me dava mais pinga. Serviço ninguém me dava também. Quem ia confiar em mim?

O lugar precisava de bênção. Amanhecia o dia, um boi era encontrado virado no pasto, olho arregalado, sem ferimento nem motivo. Noutro dia, outro boi morto. Veio veterinário, mandou fazer exames, nada apurou. Fizeram testes na água do rio, nada encontraram. Renata combinou com o marido de passar a dar pouso ao Divino. No mesmo ano, os bois pararam de morrer.

– É o Divino que não deixa morrer. Eu sabia que seria assim.

No dia do pouso do Divino em que estive ali, um boi morria aos poucos dentro do rio, atolado há dois dias. No bate-cabeça com outro boi, rolou pasto abaixo e virou peixe estranho no rio. Boi brabo. Homem não chegava perto. De lá tentaram tirar de todo jeito. Os cavalos espumaram. O trator rugiu. O bicho não moveu um tico. Ainda esbravejava. Seu destino era morrer de tiro.

*Toma as bênção, meu senhor
Do Divino amoroso
Queremos a sua licença
Prá nós agradecer o pouso*

*Deus lhe pague
Do almoço e da janta
Do bom café
Das boas misturas*

*O Divino que conserve
Sua casa na fartura
Deus lhe pague
Do seu bom pouso*

*Da boa cama
E do agasalho
O Divino que lhe pague
Pro senhor os seus trabalhos*

*A bandeira vai-se embora
É hora da despedida
Foi tão alegre a chegada
E vai ser triste a despedida*

— Alguns pousos mais marcantes do que outros, mas todos são bons. O Divino é sempre bem recebido, e nós [os foliões] também.

Depois do giro da folia, a festa do Divino. Os preparativos são intensos, especialmente na casa da festa, onde é preparado o afogado, a comida do Santo, e no império, a morada do Santo, no centro cidade.

Império

Quando a novena do Divino foi aberta na noite de sexta-feira, o povo, o festeiro e o padre encontraram uma sala toda enfeitada nas cores do Divino, o vermelho e o branco, e muito dourado. A sala transformada em império pertence a um comerciante da cidade e fica nas imediações da praça matriz.

“Estrelas cintilam luz, brilho e beleza em louvor ao Deus Realeza” foi o tema escolhido pela dona Didi para decorar o império. Todo ano é ela quem escolhe o tema, que precisa ser aprovado pelo padre.

— Mas ele sempre aprova o que eu escolho.

Uma espécie de carnavalesca das festas de santo em São Luís, essa professora de educação artística aposentada de 82 anos se incumbiu da decoração do império e dos andores da festa do Divino desde 1944.

— Hoje existem mais recursos para fazer a decoração do império. Antes eu tinha que fazer todas as flores com papel crepom. Agora existem flores de plástico lindas, parecem de verdade.

E a decoração precisa ser luxuosa para agradar os olhos dos devotos e demonstrar ao Divino a reverência do povo, que o trata como rei nesses dias:

— Não por vaidade, mas por louvor.

A Igreja católica inspira os pensamentos dos devotos durante a vigília no império. De uma caixa de papelão forrada com papel laminado dourado, os devotos luizenses retiraram uma das dezenas de tirinhas de papel onde estão escritos os conselhos supostamente do Divino: “Seja caridoso com os outros”, “Não brigue com

seus familiares e amigos”, “Doe uma cesta básica para uma família carente”, “Vá sempre à Igreja”...

É no império que os devotos fazem guarda pagando promessas. Vêm orar para o Divino, fazer pedidos e agradecer as graças atendidas, beijar a bandeira, invocar dias melhores. Também pegam saquinhos de sal amarrados com uma fitinha vermelha em que se vê pendurada uma pombinha dourada do Divino. O sal desses saquinhos abençoados pelo padre traz fartura.

– É bom acrescentar um pouquinho do sal do Divino ao sal que vai sendo usado para cozinhar ou colocar o saquinho inteiro no pote onde se guarda arroz ou outro mantimento, ensina seu Geraldo Miguel, um lavrador aposentado de quase oitenta anos, que todos os anos zela pelo império durante a novena do Divino.

Seu Geraldo organiza a entrada dos devotos, troca as velas que já queimaram no altar, vigia a caixa de saquinhos com o sal do Divino benzidos pelo padre para evitar que as crianças peguem vários deles para brincar. Diz que não precisa vigiar o dinheiro que os devotos vão deixando na caixa de papelão enfeitada, junto com as orações ao Divino:

– Dinheiro do Divino ninguém pega não. Imagine roubar de quem lhe dá tudo! O Divino? O Divino é a própria vida, é o sopro divino, é a razão de eu estar vivo. E de você também. A pombinha é o Divino que desceu do céu na hora do batismo de Jesus. A festa? Ah, é coisa muito antiga, coisa dos antigos. Quando era criança já ouvia todo mundo falar da festa do Divino e da pombinha.

– A festa do Divino é importantíssima porque o Divino Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. É o sopro de Deus, o próprio Deus presente no homem que, sem Espírito ou Alma, seria apenas um ser terreno inerte. É bem verdade que muita gente em São Luís nem sabe disso, nem compreende o sentido profundo do Divino Espírito Santo. Acham que Deus é a pombinha branca e que é só isso. Para o cristão supersticioso e inculto, o Divino representa uma explicação fácil para mistério da vida e da morte, ao mesmo tempo em que é considerado o responsável pela vida, opina o pároco emérito de São Luís, o monsenhor Tarcísio.

Para remediar essa falta de conhecimento mais abstrato, monsenhor acredita que a novena e as missas sejam essenciais e, em sua opinião, compõem a parte mais importante da festa, já que é o momento em que os fiéis podem realmente expressar profundamente seu temor a Deus, entrando em contato com os sacramentos, com a Eucaristia.

– Por outro lado, é preciso dar espaço para a festa dos escravos, para as manifestações folclóricas dos grupos de congada e moçambique, que têm danças interessantes, e, também, à cavallhada, argumenta o monsenhor.

O cetim vermelho e o seu duplo, o cetim branco, cobrem a sala com desperdício. Uma abundância de maciez escorre das paredes e do teto. Tenda de sultão? Protuberâncias corporais. Peitos, bundas? O vermelho é o amor de Deus e o sangue de Cristo. O branco, a paz, a pureza, a pombinha do Divino. A luminosidade interna, também arredondada e exagerada, inspira o toque. Os lustres em forma de peitos redondos com bicos salientes são feitos com fundos de garrafa pet amarrados uns aos outros e iluminados por dentro com lâmpadas vermelhas. Os antúrios de plástico num vermelho reluzente. Os anjos, cada um segurando um dos sete dons do Divino: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus. As bandeiras enfileiradas nos cantos das paredes, carregadas de fotos e bilhetes para a divindade. Na parte de fora, na fachada, uma placa com um IMPÉRIO escrito em vermelho e circundado por pequenas lâmpadas coloridas, convida a entrar naquilo que por instantes parece um alegre bordel ao lado da igreja matriz de Lagoinha. Faz frio lá fora, mas o interior da sala é quente. Incita a reza, num torpor místico e carnal diante da imagem da pombinha, dos cachos de uva vermelha, que ali dentro representam o sangue de Cristo, e fora, decoram as barracas de batida com suas frutas frescas e de plástico, umas e outras carnudas e viçosas, misturadas entre garrafas de pinga e outros spirits, liquidificadores e latas de leite condensado, esperando os devotos para matarem a sede quando a missa da novena do Divino acabar.

Afogado

A cozinha da casa da festa tem sido organizada num enorme galpão numa área em frente à rodoviária, do lado da pequena rodovia que dá acesso à cidade. É o Centro de Exposições Pecuárias de São Luís do Paraitinga.

Para dar conta de promover a comilança divina, um exército de voluntários, em grande parte, promesseiros, se reúne uma semana antes do início da festa. Em 2008, por decisão do festeiro, os bois já foram comprados abatidos e limpos em açougues de Taubaté. Mas a tradição é o seu Dorvo sair para escolher os melhores bois na zona rural e abatê-los com seus auxiliares.

– Eles decidiram assim, acham que é mais fácil, mas eu gosto de escolher eu mesmo os animais. Assim, compro apenas boi gordo, que não são duros de cozinhar e rendem bastante. Sair para comprar boi e depois matar eles já é festa pra nós. Não é mais trabalho, é devoção no Divino. Antes, a boiada atravessava a cidade. O matadouro era aqui no centro, onde hoje é o banheiro do Mercado Municipal. Era uma festa ver aqueles bois todos invadindo a praça pra serem benzidos pelo padre ou pelo festeiro antes do abate.

Pedreiros e carpinteiros voluntários, improvisados ou de profissão, preparam a cozinha da festa. Erguem imensos fogões de tijolos no chão, sobre os quais o afogado cozinha por horas nos panelões de aço.

Entre 100 a 150 pessoas trabalharam direta ou indiretamente para a cozinha da festa e estima-se que umas quarenta mil pessoas⁴⁵ entre devotos e turistas se fartem com o afogado nos dias de distribuição gratuita.

Uma tonelada de macarrão padre-nosso foi cozida e misturada à carne sem osso dos bovinos abatidos. Dois mil quilos de batata inglesa cozida foram acrescentados aos pedaços de carne de primeira.

Dorvalino Rodrigues da Paula, um metalúrgico aposentado de mais de 70 anos, começou na cozinha do Divino como ajudante.

⁴⁵ Em campo, sempre ouço números destoantes. A polícia militar, por exemplo, estima dez mil pessoas. No entanto, ainda que fossem cinco ou mil, o que não é pouco, o sentimento é que a cidade inteira está na fila do afogado.

– Coordeno a cozinha há quase vinte anos. Minha família é de São Luís do Paraitinga, mas eu saí daqui novo para trabalhar como metalúrgico em Taubaté. Quando me aposentei, comprei um pedacinho de terra aqui e o homem que comandava a cozinha do Divino, seu José Nunes, me convidou para ajudar. Comecei carregando saco de batata, lavando panelas, rachando lenha, buscando água e indo comprar o que faltava no armazém. Nos intervalos, ficava ali ao lado do seu Zé, olhando como ele fazia o afogado.

Logo no início da preparação da comida, no terceiro ano em que seu Dorvo trabalhava como auxiliar na cozinha do Divino, seu Zé passou mal:

– Pessoa de idade, com o calor do fogo, dá uma crise, né?

Apenas como chefe da cozinha do Divino, seu Zé ficou por quarenta anos.

Seu Dorvo conta que alguém naquela hora tinha que tomar a frente do afogado. Uns trinta bois já tinham sido abatidos e o povão já estava formando fila lá fora. Seu Dorvo foi o escolhido, ou melhor, o empurrado pelo Divino para assumir o lugar de seu Zé:

– Eu não queria não, ninguém queria. Não parece, mas é uma baita responsabilidade: se queimar um pedacinho de carne na panela, perde a comida inteira. Se o afogado ficar com muito ou com pouco sal, o pessoal fala.

Para seu Dorvo, São Luís do Paraitinga é um lugar abençoado por Deus e por isso ele faz questão de servir ao Divino como cozinheiro para alimentar o povo dali. Sua família mora em Taubaté para onde ele só volta nos finais de semana:

– Minha família é toda criada na cidade e não se acostuma na roça. Crio quatro netos que estão na escola e fica complicado pra eles pegar o bondão que faz o caminho de São Luís a Taubaté. Além disso, o sítio onde moro fica a 8 km do centro, no bairro do Lobo.

Em 1957, ele começou a trabalhar na empresa Mecânica Pesada, em Taubaté.

– Ser metalúrgico foi uma graça que eu recebi do Divino porque não sei nem escrever a letra ‘O’ com o fundo do copo. Quando eu entrei lá, era o tempo dos caipiras, entende? Hoje as coisas são modernas, mas naquele tempo o que valia era

o braço do homem. Se você tinha um braço bom, estava empregado. Pra entrar na Mecânica Pesada, fui pegado a laço, assim como se pega um boi no pasto. O francês, dono da fábrica, subiu numa plataforma em frente do portão principal, onde uns oitocentos homens se amontoavam à espera de um emprego. Como eu era analfabeto, fiquei bem afastado dali porque sabia que não tinha chance. O francês, que não falava uma palavra em português, pegou uma escala de um metro e meio de comprimento e ia apontando pros homens assim como quem laça boi na mangueira com um laço invisível. Dessa boiada, eu fui um dos escolhidos, e lá passei a vida trabalhando dia e noite, às vezes, até no Natal

Os olhos do seu Dorvo ficam molhados. A mãe de seu Dorvo morreu quando ele tinha três anos e ele foi morar com uma tia no bairro da Água Santa, em São Luís. Aos cinco anos, começou a trabalhar na roça. Não podia fazer serviço muito pesado, era criança, então juntava as vacas no pasto de um fazendeiro, tocava-a para mangueira onde amarrava suas patas para tirar o leite. Fez isso até os dezenove anos, quando entrou para a Mecânica Pesada e mudou para Taubaté. Pouco tempo depois, seu Dorvo se casou, porque a vida é dura para um homem sozinho:

– Já pensou, aos 19 anos, ter que levantar cedo, fazer café, lavar e passar roupa, fazer uma janta? Então eu casei com a Vicentina!

Seu Dorvo era quem melhor sabia lidar com a prensa de 3,5 toneladas por onde passava todo aço que saía da Mecânica Pesada:

– Tudo passava pelas minhas mãos. E tudo o que eu pude fazer na minha vida saiu daquela prensa. Como eu não tinha leitura, meu serviço foi sempre bruto. Cheguei a perder parte de um dedo da mão, mas isso não é nada perto do que eu consegui na fábrica.

O metalúrgico aposentado fica novamente com os olhos vermelhos e quase sem voz ao se lembrar da fábrica. Diz que deixou muitos amigos lá, desde os pequeninhos como ele, os peão, até os grandão. E lembra que viveu numa época conturbada:

– Tinha muita greve, e eu nunca gostei de participar porque a greve não dá camisa pra ninguém.

Ele conta que a polícia chegava batendo e que os funcionários faziam arruaça, arrumavam confusão na rua, viravam carros. Seu Dorvo só voltava para a fábrica quando a greve terminava:

– Eu não participava da greve, mas também não passava por cima dos meus amigos, não furava a greve.

Seu Dorvo passou trinta anos nesse emprego, de onde saiu sem aprender a ler nem escrever.

Hoje a empresa ainda existe, mas com outro nome e dono. Segundo seu Dorvo, foram a Volkswagen, a Ford e a Mecânica Pesada as três firmas que fizeram Taubaté.

– Vou preparar o afogado até morrer. O Divino é o Espírito Santo. É o nosso pai. Nos dá tudo. Quando vamos na festa do Divino, vamos na casa dele.

Tijolos substituem os ninhos de cupim, chamados tucuruva, uns montes duríssimos de 30 cm ou mais que os tropeiros aproveitavam para improvisar um fogão. Juntavam-se uns três deles para apoiar a panela e atiçava-se fogo embaixo. Diz-se que o afogado tenha sua origem no tropeirismo.

Nos dias que antecederam a distribuição do afogado, seu Dorvo e seus ajudantes passam madrugadas sem dormir. Este ano não houve matança de gado, já que a carne chegou direto de Taubaté. Mesmo assim, dá trabalho preparar a carne para cozinhar. Na noite anterior à distribuição do afogado, a carne foi levada para a casa da festa onde vários homens passaram a madrugada picando, cortando as partes ossudas com uma serra elétrica, tirando a gordura e lavando a carne em três águas frias e três águas quentes. São apenas os homens que manipulam a carne, formando uma roda de prosa ao redor de uma comprida mesa de madeira.

Lá pelas quatro horas da manhã, seu Dorvo começou a pôr a carne no fogo para cozinhar até umas dez horas. O afogado tinha que ficar pronto ao meio-dia. Logo que pôs a carne no fogo, seu Dorvo acrescentou dois quilos de sal, dez quilos de cebola, dois pacotes grandes de cebolinha verde, dois pacotes de cheiro verde,

dez pacotinhos de Sazón, umas vinte folhas de louro, e deixou tudo cozinhar em fogo baixo, sempre mexendo de quinze em quinze minutos, durante as seis horas em que a carne ficou no fogo. O tempero — sal, cebola, alho e cheiro verde — é colocado aos poucos. E detalhe, deve ser sempre colocado pela mesma pessoa: seu Dorvo.

– Cada um tem uma mão, umas mais leves outras mais pesadas, e aí o afogado pode ficar sem sal ou salgado demais. E já pensou estragar duas toneladas de comida de uma vez só?

Seu Dorvo inspeciona os panelões de aço que cozinham o banquete do Divino e avisa:

– Nessa cozinha não tem fogão a gás. Tudo é feito no calor da lenha.

Quando a carne já estava bem molinha, seu Dorvo fez outro tempero com os mesmos ingredientes – sal, cebola, cebolinha, cheiro verde, Sazón, louro – só que agora refogados em gordura bem quente. Colocou o tempero nos panelões, e mexeu com vigor. O afogado estava pronto.

Alívio (a fila é longuíssima), gratidão e alegria são alguns dos sentimentos de milhares de pessoas que botaram roupa bonita e enfrentaram uma longa fila debaixo do sol carregando panelas, tupperwares, baldinhos de maionese, potes de sorvete, latas e pratos, que levantavam para o alto como troféus, quando estavam prestes a provar a comida do Divino. Muitos deles nem experimentavam a comida ali. Levavam-na para casa onde repartiam com os familiares que os esperavam ansiosos.

A distribuição do afogado também atrai estudantes e pesquisadores da cultura popular e fotógrafos ávidos em capturar imagens da cultura caipira paulista. Estes têm que driblar a segurança da casa da festa, que libera a entrada depois de muita súplica, a menos que o penetra pronuncie a frase mágica: “seu Dorvo”. Este se divide entre explicar o significado do Divino e pedir aos visitantes que se afastem dos panelões fumegantes.

Acompanhavam o movimento da casa da festa desde estudantes do ensino médio, que buscavam depoimentos e, principalmente, imagens da festa para

compor um trabalho que a professora tinha pedido, até alunos de graduação e pós-graduação, em sua maioria, de jornalismo e ciências sociais, de faculdades do Vale do Paraíba e da Grande São Paulo.

Hóstia popular

Chega a hora da ceia, da eucaristia, do ritual de comunhão na casa da festa. A hóstia na casa da festa não é uma pequena rodela fina de pão ázimo, sem gosto, e sim carne muito bem temperada, forte, servida pelando e sem economia. Carne e pinga, corpo e sangue de Cristo. Boi abatido e consagrado como prato principal na devoção ao Divino. A comunhão passa longe da abstração. Passa pela boca, pelo estômago, é impregnada de cheiro, sabor e textura. Uma forma de pensar, sem dúvida, mas a partir da experiência concreta, de um comungar com o corpo. No entanto, não se trata de matar a fome física ou de apenas partilhar um alimento por vezes raro na mesa. Ao me aproximar do início da fila do afogado da festa do Divino em 2009, passei por uma descompostura oportunamente elucidativa:

– Não adianta querer passar na minha frente só porque você é jornalista! Eu cheguei aqui às quatro da manhã, sou o primeiro da fila e você, que chegou agora, não vai passar na minha frente, não!

Desculpei-me, disse que de modo algum estava ali para passar na frente dele, “onde já se viu?”. No entanto, a bronca continuou:

– Vocês vêm aqui, passam na frente da gente e ainda falam tudo errado na televisão. Eu não estou aqui pra matar a fome. Eu estou aqui porque essa comida é sagrada. É a comida do Divino!

3. POR QUE ELES CHORAM?

O poder do fraco

*Mas recebeis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo,
e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém,
como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.*

(At 1,8)

*O padre tava dando entrevista e mandou eu dar o fora dali.
Mas a moça da televisão pediu pra eu ficar e mostrar como se dança
o moçambique. Daí eu mostrei pra ela pra que é que serve o paiá!*

(Seu Zé Lau, mestre da Companhia de Moçambique São Benedito)

Chegamos ao fim do giro da folia. E o fim da andança é a distribuição do afogado, da comida sagrada do Divino, pois, como vimos: “Com um pouquinho de todos, dá um festão lá no final, e dá pra tratar do povo um bocado de dia”.

Que o ápice do mistério da comunhão entre os devotos do Divino ocorra fora da igreja matriz não deveria causar espanto nem ao bispo de Taubaté nem ao papa, uma vez que recria a própria experiência do Espírito Santo entre os homens. No entanto, o clero se vale de um respaldo teológico construído ao longo dos séculos para deslegitimar a experiência dos devotos do Divino.

Quando surgem os primeiros tratados de eclesiologia no XIII, eles já nascem como tratados sobre a hierarquia, dando ensejo a uma compreensão piramidal da Igreja católica.⁴⁶ Essa hierarquização teria sido resultante do esquecimento progressivo da dimensão trinitária⁴⁷ na tradição católica.

⁴⁶ Pinho, 2003.

⁴⁷ Ou seja, da doutrina cristã em que se baseia a compreensão de Deus como trino e uno, como o Pai, o Filho e o Espírito, que implica a manifestação de Deus em Jesus, que, sendo Filho, revelou o Pai e derramou o Espírito Santo sobre os homens.

O triunfo da escolástica significa então a instauração de uma teologia de caráter racionalista, uma vez que o clero passa a se sentir incomodado com o simbolismo e o misticismo que o mistério do Espírito implica. Grosso modo, a estratégia da Igreja católica foi se refugiar nos terrenos seguros da cristologia, isto é, no estudo teológico sobre a identidade e a obra de Jesus, que se torna Cristo ao ser ungido pelo Pai. Consequentemente, as iniciativas do Espírito Santo que suscitavam carismas, inquietudes e tendências renovadoras foram sendo relegadas. Após a Reforma, esse esquecimento logo se tornou perseguição, visto que, devido aos questionamentos suscitados pelas correntes espiritualistas e místicas, e pelo próprio movimento reformista, a teologia católica oficial rompeu com a mística e manteve uma atitude contrária a tudo o que excedia ao entendimento da teologia escolástica.

Graças à opção racionalista, que implica no esquecimento do princípio pneumatológico, ou seja, na doação do Espírito Santo pelo Pai por meio do Filho, sobre o qual a própria Igreja católica concebe a sua instituição, ela passa a se entender como o prolongamento de Cristo e, com base nessa premissa, justifica a concentração da autoridade no papa e também a centralização da Igreja católica em Roma, iniciada com Gregório VII, e que culminaria no Concílio de Trento.⁴⁸

Ao abrir mão do Espírito Santo, proclamando-se como a própria representação de Cristo entre os homens, a Igreja católica transforma os leigos, ou seja, todos – à exceção do clero – em sujeitos passivos, fadados a receber os dons salvíficos exclusivamente por meio da autoridade e da hierarquia da instituição eclesiástica. Desse modo, na visão da Igreja católica, para ter acesso aos dons da salvação, os fiéis passam a depender das mediações docentes: o papa, os bispos e os sacerdotes.

Essa concentração de poder suscitou o quase desaparecimento da teologia dos carismas, ou seja, dos dons extraordinários e divinos concedidos a um devoto

⁴⁸ Na arguição desta dissertação, a profa. Maria Lucia Montes ressaltou ser preciso explicitar com mais mediação o sentido da racionalização da teologia católica. Ela advertiu que a ênfase no século XIII não foi apenas crítica, nem promoveu o abandono total do misticismo. É justamente nessa época que a Igreja católica institui a celebração do Corpus Christi, justamente para lembrar aos fiéis que, se o Cristo está morto, Ele vive no corpo da igreja, na união daqueles que se reúnem em seu nome.

ou grupo de devotos para o bem da comunidade. Um exemplo da atitude centralizadora e do esquecimento da visão trinitária é tema de um texto recente, dos anos 1950:

O carisma aparece como um ministério que complementa a concessão regular da graça divina assim como foi outorgada no primeiro Pentecostes. Uma vez que Jesus Cristo instituiu uma hierarquia à qual, por meio do Espírito Santo, outorga sua graça no desempenho das funções que lhe incumbem, os carismas são uma espécie de luxo dentro da ordem sobrenatural. *Todos os carismas, porém, devem ter como limite natural os ministérios da Igreja católica e sua constituição hierárquica.*⁴⁹

Vê-se pelo trecho acima que os carismas não são negados e sim considerados uma espécie de luxo furtivamente incorporados pela Igreja católica como dependentes da sua atuação e poder. Sabiamente, os devotos do Divino não se deixam abalar pela teologia dos sermões e assumem em si mesmos os dons do Espírito Santo celebrando o mistério da comunhão fartando-se com o afogado: “Eu não estou aqui pra matar a fome. Eu estou aqui porque essa comida é sagrada. É a comida do Divino!”. Também não deixam de experienciar graças, milagres e aparições da Nossa Senhora alcançados pela conexão direta com a divindade por meio das promessas, rezas e festas que – eles sabem – prescindem da mediação da Igreja católica.

Nicolau Sevcenko⁵⁰ discute as razões da deslegitimação sistemática da religiosidade popular pela Igreja católica em geral. A primeira se manifesta preferencialmente pela recriação de experiências de presentificação da divindade, enquanto, a segunda, exige práticas de representação da divindade. No primeiro caso, exprime-se a herança de religiões em que a conexão com o sagrado era direta, tanto presente na cultura africana e indígena, quanto na cultura portuguesa medieval. No segundo, o legado de um catolicismo renascentista que legitima a repressão da conexão direta com a divindade, substituindo práticas de

⁴⁹ Brosch apud Pinho, 2003, p. 63.

⁵⁰ Sevcenko, 2002.

presentificação por práticas de representação e, como o trecho citado acima revela, pela mediação eclesial e hierárquica da ocorrência dos carismas.

Eis aí a ambiguidade das heranças barrocas⁵¹ do imaginário brasileiro, resultante da justaposição tensa de cosmologias distintas, onde o deus transcendente, que exige mediação, ora está reluzente, ora está opaco. Ora o contato com Deus é mediado apenas pelo Espírito Santo, ora pela Igreja católica. Não é por acaso que o catolicismo no Brasil seja marcado tanto pela sobriedade, contrição e experiência voltada para a dor, como também, especialmente nas devoções populares, pelo excesso das festas, promessas e milagres. Neste último caso, eis que irrompe o poder do fraco.

Se, numa relação desigual de poder, a Igreja católica deslegitima a andança da folia como forma de devoção ao Espírito Santo, uma compreensão informada pela antropologia da experiência permite deslocar o ponto de vista para ver que, na realidade, o poder está onde a experiência do sagrado está.

No caso do giro da folia, esse poder emerge na chegada milagrosa do Divino encarnado na bandeira trazida pelos foliões. Com a sua chegada, o Espírito Santo torna poderoso não apenas cada devoto que o recebe como também a si próprio.

Ser considerada uma parte acessória da devoção ao Espírito Santo talvez contribua para que a folia mantenha seu aspecto liminar dentro da própria festa do Divino e, desse modo, exiba uma grande imunidade às cristalizações teológicas. Em vez disso, sua natureza necessariamente impura e contagiante instaura um tempo e um espaço fecundo para a invenção de experiências. Pode-se dizer então que a sua força é exatamente a sua natureza liminar.

Em “Peregrinações como processos sociais”, Turner discute o risco de uma “teologização da experiência”,⁵² isto é, da redução do que é essencialmente um processo a um estado, em outras palavras, a estruturação da antiestrutura. Em sua visão, as andanças seriam o antídoto para isso: talvez as peregrinações constituam um derradeiro bastião do catolicismo popular contra a modernização iconoclasta e

⁵¹ Montes, 1997a.

⁵² Turner, 2008, p. 189.

racionalizante; talvez elas sejam uma reação e uma alternativa às tendências despersonalizadas da organização burocrática moderna.

Em sua andança, a folia liga espaços e tempos, sobrepondo paisagens e gerando anacronismos. Pode-se dizer que, com a longa duração do seu giro, a folia mimetiza a longa duração da história. Num tempo e num espaço também fragmentados pela racionalização da vida social e da produção econômica – como vimos, muitos festeiros já não podem seguir com a folia porque hoje são empregados na indústria onde não têm como justificar uma licença de quase um ano do trabalho para sair em esmolação –, a folia instaura um tempo primordial e um espaço lendário. Um tempo denso, desacelerado, espiral. A espacialidade do agricultor, do pecuarista, regulado pelas águas e pelas secas, pela temporalidade da sementeira, da colheita, da pausa para a terra repousar, do cio, do acoplamento, da gestação, do parto e do abate. Um espaço descentrado, uma topografia ritual que nasce da memória afetiva dos devotos e foliões acionada em cada conversa ocasionada pela passagem e pelos pousos de folia, pela visão das fotos e dos pedidos presos à bandeira. Uma topografia sagrada que nasce do *caranguejar* com a bandeira por grandes distâncias: São Luís do Paraitinga, Lagoinha, Redenção da Serra, Guaratinguetá, Taubaté, Aparecida.

Outro aspecto que torna o giro da folia um ritual liminar é o fato de ela peregrinar preferencialmente na zona rural e na periferia das grandes cidades, configurando-se numa expressão devocional supostamente arcaica e subalterna. E se ela chegasse até o centro, qual passaria a ser a sua natureza? Sua atuação se tornaria mais um evento sob os auspícios da secretaria de cultura, como em Paraty e Ubatuba? O que restaria do seu dom de instaurar relações de *communitas* se, ao ser absorvida pelo calendário turístico da cidade grande, ela passasse a esmolar apenas em determinadas casas centrais nos dias de festa, em vez de perfazer seu longo giro anual, incluindo os lugares mais afastados?

Qual seria então o lugar da folia? Polaridades como erudito e popular, sagrado e profano continuam sendo acionadas para interpretar manifestações religiosas como a folia do Divino como folclore, algo simpático e ingênuo, uma

reliquia a ser preservada na e da modernidade. De que tipo de reliquia a folia do Divino pode ser considerada?

De acordo com sua etimologia,⁵³ *reliquia* [lat. reliquiae] refere-se à migalha, ao resto que fica entre os dentes depois de comer. Entre suas acepções estão ruínas, destroços, resíduos e excrementos. E, ainda, o que resta do corpo de um santo, os restos mortais, as cinzas, e, por derivação, os objetos que a ele pertenceram ou que tiveram contato com seu corpo.

Uma reliquia é então o índice de uma falta, de uma falha, de algo que já não está lá em sua inteireza e também o resto mortal que se torna precioso e digno de adoração. Numa perspectiva barroca, talvez a folia seja um pouco de tudo isso: uma manifestação folclórica em extinção e, também, a esmola oferecida por cada devoto que, ao final do giro, é divinamente corporificada no afogado; o Cristo que, cumprindo o plano do Pai, morre na cruz e depois envia o Espírito Santo; a bandeira santa que se deixa impregnar pelos resíduos corporais e pelas fotografias das pessoas queridas, dos animais de estimação, da criação, do carro, da casa, e pelos bilhetes e nozinhos votivos, encarnando e fazendo circular tudo o que é mais importante para os devotos. Desse modo, considerada mero folclore, a folia emerge como o resíduo da tradição que fecunda e cria o novo. E talvez não pudesse mesmo ser diferente, uma vez que a experiência do Espírito Santo é a da chegada de um novo tempo.

Uma técnica de adensamento expressivo da linguagem,⁵⁴ o *éthos* barroco impele a criação de uma experiência de excesso porque não se trata apenas de informar – é preciso tirar os participantes do giro de um estado de plenitude contemplativa e transportá-los para um estado de intoxicação, de embriaguês, de afogamento nos sentidos. Aliás, como vimos, a comida sagrada do Divino na região exibe um nome sugestivo: afogado.

Discorrendo sobre a influência do estilo barroco nas vanguardas, Ávila⁵⁵ comenta uma das acusações mais frequentes levantadas contra elas: a liberalidade

⁵³ Cf. Houaiss, 2009.

⁵⁴ Ávila, 1971.

⁵⁵ Ávila, 1971. Cf. Cap. 3: O artista barroco e a rebelião pelo jogo.

com que se entregam ao jogo das formas. Ao acusá-las de formalistas, de cultoras da arte pela arte, ele argumenta, seus adversários reiteram um equívoco – o de ver absenteísmo onde há apenas projeto de pesquisa.

Será que os devotos do Divino também não são acusados de heresias semelhantes, de cultores da festa pela festa, tão-somente por estarem eles mesmos reinventando a experiência com o sagrado a cada visita e pouso de folia, em vez de se submeterem aos sermões do bispo?

Por que eles choram?

Por que fazer parte da folia provoca um choro convulso? Por que receber a folia e sua cantoria incita o choro copioso ou pequenos diamantes engastados no olhar? O que expressaria esse choro? O que aquela cumulação de luz e som e fogos de artifício teria tocado nos foliões para ocasionar um transbordamento de lágrimas em grupo? Do que se lembram os devotos quando a bandeira chega? O que é esquecido? O que passam a compreender mais profundamente? O que acontece nos pousos do giro da folia? De quais transformações as pessoas vão se dando conta durante a peregrinação da bandeira? Que histórias são contadas? Que milagres?

Com base em Tambiah,⁵⁶ é plausível afirmar que o choro dos devotos do Divino seja uma expressão de uma comunicação ritual que se distingue da comunicação cotidiana. Se os atos cotidianos expressam sentimentos diretamente, na situação ritual, ao contrário, a atitude é deliberadamente realizada para expressar e comunicar.

Tambiah⁵⁷ argumenta que a formalização no ritual envolve a adoção do gesto convencionalizado, socialmente aprendido, em oposição à ação improvisada. E, sendo uma atividade simbólica, o ritual envolve *concepções* além da liberação imediata dos sentimentos.

⁵⁶ Tambiah, 1985.

⁵⁷ Tambiah, 1985, p. 133-134. Tambiah baseia sua argumentação na proposição da filósofa da arte norte-americana Suzanne Langer.

Dar forma a *concepções* implica *articular* sentimentos e assim gerar uma atitude mais complexa e permanente diante do *insight* fornecido pelos símbolos sagrados. Desse modo, Tambiah conclui, o ritual não é propriamente o lócus da livre expressão de emoções e sim um treino disciplinado das atitudes certas.

Retomando: por que os devotos do Divino choram? Parece-me que a articulação dos sentimentos por meio do ritual proposta por Tambiah é compatível com a estrutura processual de uma experiência significativa, tal como Turner/Dilthey⁵⁸ a formulam: algo acontece ao nível da percepção, fazendo com que a dor ou o prazer sejam experimentados de forma mais intensa do que no cotidiano, possibilitando que imagens do passado sejam evocadas de forma aguda, permitindo que emoções sejam revividas e que o passado seja articulado ao presente criando um novo significado, que precisa ser posto em circulação.

Abaixo, um exemplo dessa estrutura da experiência articulada com fragmentos de experiências do giro da folia:

Algo acontece no nível da percepção: a folia chega trazendo o Divino e faz uma cantoria: “aquela música atonal, fanhosa, nasalada, aquela caixa batendo forte, bate aqui direto na caixa do pulmão”; a dor ou o prazer são experimentados de forma intensa e imagens do passado são evocadas de forma aguda: “[Meu marido] morreu novo, de acidente, na estrada aí em cima”, “Nossa Senhora apareceu pra mim no meu quarto e disse que meu filho não ia morrer”; emoções são revividas e o passado é articulado ao presente, criando um novo significado: “Mas o Divino dá força, né?”, “É aquele menino magro que você está vendo ali jogando videogame com as outras crianças. Ele é magrinho, ainda precisa de cuidado, mas está aqui com a gente, não morreu. Depois disso, passei a dar pouso todos os anos, pra todas as folias que passam aqui”.

Pode-se admitir que o giro da folia institui um tempo e um espaço ritual em que é dada aos devotos a oportunidade de falar deles mesmos, de seus problemas e de suas esperanças. Ao fazer isso, eles destacam da uniformidade da passagem do tempo certos acontecimentos que então são narrados como experiências

⁵⁸ Turner, 2005, p. 178.

significativas que convergem para a compreensão profunda de serem consolados ou terem seus pedidos atendidos pela divindade.

Como vimos, Tambiah afirma que, sendo uma forma de comunicação simbólica, o ritual envolve a formulação de *concepções* – o que, com base em Turner e Dilthey, prefiro chamar de *experiências vividas*. No contexto do giro da folia, o choro pode ser considerado a expressão do encontro do significado, pois, boas ou ruins, as experiências narradas pelos devotos articulam a percepção aguda da presença do Espírito Santo. Por que eles choram (especialmente enquanto a folia faz sua cantoria e os devotos benzem suas casas e pessoas queridas com a bandeira)? Provavelmente porque nesse instante eles percebem de modo fulgurante que a mediação entre eles e Deus está neles mesmos – o Espírito Santo – experiência que o giro da folia performatiza de forma inapelável. O choro, nesse caso, seria a expressão da experiência da desmedida humana diante de Deus. Afinal, como suportar a percepção de que se faz parte da imensidão do sagrado, de que se é receptor e receptáculo da incomensurável bondade divina?

Em sua compreensão da religião como sistema cultural, Geertz⁵⁹ enfatiza que a cultura é *contexto* e não *conteúdo*, ou seja, é um conjunto de textos no qual outro texto pode ser descrito, daí afirmar que a religião é um contexto e não uma evidência *a priori*. Geertz sustenta que todo sistema religioso implica uma forma de enfrentar o sofrimento ao colocá-lo num contexto significativo e, desse modo, fornecer uma forma de ação expressiva desse contexto e, assim, permitir que o sofrimento seja entendido e, conseqüentemente, suportado [ou mesmo curado: vimos que vários devotos relatam casos de milagres e graças alcançadas].

O giro da folia pode ser interpretado como a produção e a expressão desse contexto significativo no qual cada devoto pode inserir o seu texto particular e então torná-lo compreensível, suportável e passível de transformação. Durante o giro, as pessoas trocam dádivas entre si e com a divindade ao compartilharem suas experiências por meio da celebração festiva do Espírito Santo, cuja ação –

⁵⁹ Geertz, 1989c.

mimetizada na andança da folia – confere significado às experiências subjetivas ao fornecer um modo de ação, ou seja, uma forma de devoção.

A andança da bandeira de casa em casa pode ser compreendida como mimese da ação do próprio Espírito Santo que se derrama sobre os seguidores de Jesus Cristo. Em Pentecostes, inicia-se um novo tempo de atuação do Espírito no mundo – se antes Ele iluminava e inspirava apenas alguns, agora se comunica não só com os apóstolos, e sim com todos os devotos por meio de uma variedade de manifestações carismáticas: “Olha, se contar eu pra você que nem precisei operar, você acredita? O Divino me curou. Está aqui a minha mãe de 90 anos que não me deixa mentir”.

Com base em Geertz,⁶⁰ pode-se argumentar que a performance de uma sequência de ações devocionais durante o giro da folia revitaliza, de fato e pela simples reiteração, uma cosmologia aceitável de participação, um todo convincente. Um sistema de comunicação simbólica culturalmente construído, o giro da folia se faz de sequências mais ou menos padronizadas e ordenadas, que reiteram significados conhecidos dos participantes habituais: “Todo mundo sabe o que a folia canta mesmo que não entenda as palavras. Ouve desde pequeno, sabe que a folia está ali para abençoar, pedir prendas e agradecer. Todo mundo sabe!”.

Na forma do giro, o mito e o rito se engastam: trata-se de uma cosmologia que se forma por meio da andança, e vice-versa, já que não só os devotos, como também o Divino, precisam “andar por esse mundão de Deus” para constituírem uma experiência de comunhão: “A festa aqui em Cunha tem patrocínio. Faz parte do calendário de inverno. Tem dinheiro certo, não precisa esmolar pra fazer. Mas aí não respeita a tradição do povo, que é sair com a bandeira e ir em tudo o quanto é casa pra esmolar. O povo quer fazer a festa, quer a bandeira andando, não quer ir só na festa e pronto”.

E essa andança revolve e dá sentido a diferentes camadas sedimentadas de história, da história dos devotos e da história do Espírito Santo: “Agora tô no meu suor, sem malandragem, na minha inteligência de cabeça. Fiz a promessa quando

⁶⁰ Geertz, 1986, p. 379.

tava na pior. Ia no bar e ninguém me dava mais pinga. Serviço ninguém me dava também. Quem ia confiar em mim?"; "Eu caí de cara no chão, me machuquei muito, tudo dói. Mas Deus teve pena de mim por isso vocês vieram aqui. Olha, não é fácil o que eu estou passando, mas agora [com a chegada do Divino com a folia] eu sei que vou ficar boa".

O giro da folia instaura um ciclo geral e permanente de festejos, banquetes, prestações e contraprestações, que culmina na destruição suntuária das riquezas acumuladas durante a esmolação na distribuição do afogado. Antes disso, a cada pouso e a cada visita a uma casa devota, a lógica da escassez é negada para reiterar a lógica da dádiva mediada pelo sagrado: "Recebo a bandeira há muitos anos. Recebo o Divino fazendo comida, com todos os meus amigos, convidando o povão. Faço as minhas panelonas de afogado. Faço batata e macarrão, e tudo o que eles desejam. Então meus amigos vêm e ficam satisfeitos. Recebo também os foliões, meus amigos, que trazem a bandeira pra mim".

O giro da bandeira não apenas é o glacê no bolo da devoção.⁶¹ O giro é o glacê e o bolo. Que o significado da devoção ao Divino esteja profundamente imerso no sensível não deveria ser visto com desconfiança. A aposta no caráter necessário do giro da folia para devoção ao Divino Espírito Santo também é promovida pela leitura de Geertz:⁶² "A passagem daquilo que é feito para aquilo que é significado, assim como daquilo que é significado para aquilo que é feito, envolve, sobretudo, uma capacidade de transcender nossa hipótese profundamente fragmentada de que os signos são uma coisa e as experiências são outra": "Vou preparar o afogado até morrer. O Divino é o Espírito Santo. É o nosso pai. Nos dá tudo. Quando vamos na festa do Divino, vamos na casa dele".

⁶¹ Turner, 2008, p. 189. A metáfora de "glacê no bolo da devoção" é utilizada por Turner para argumentar que as peregrinações não têm nada de superficial, ao contrário, como vimos, são uma forma de reação à modernização iconoclasta e racionalizante e às tendências despersonalizadas e anômicas da organização burocrática moderna. Como exemplo de modernização iconoclasta e racionalizante, Turner cita Calvino, para quem tudo o que é necessário para alcançar a salvação é viver uma vida sóbria, diligente e pura, sendo as peregrinações um incompreensível desperdício de tempo e de energia. De certo modo, Calvino tinha razão, a peregrinação é puro desperdício. É potlatch. E, no entanto, ou por isso mesmo, de uma eficácia devocional impressionante.

⁶² Geertz, 1986, p. 380. (Trad. do autor)

Em outra obra,⁶³ Geertz explicita a imbricação entre Estado e pompa, demonstrando o caráter essencial da simbologia na afirmação política. E ressalta que, para compreender a necessidade de expressar o poder por meio de símbolos sensíveis,⁶⁴ o antropólogo, ou quem quer que seja, precisa se desvencilhar de dois preconceitos recorrentes, quais sejam: considerar a dramaturgia do poder como algo exterior ao funcionamento deste e acreditar que o que é considerado simbólico numa cultura se oponha ao real, assim como o extravagante ao sóbrio, o estético ao prático, o místico ao mundano e o decorativo ao substancial, uma vez que, Geertz arremata, o real é tão imaginado quanto o imaginário.

Prosseguindo sua argumentação, Geertz⁶⁵ sublinha que as ideias não são uma substância mental não-observável. Elas são significados veiculados, sendo os símbolos seus veículos, sendo um símbolo tudo o que denota, descreve, representa, exemplifica, rotula, indica, evoca, retrata, exprime, ou seja, tudo o que, de um modo ou outro, *significa*. Por isso, sobre o poder e a pompa em Bali, ele conclui que: “Os dramas do Estado-teatro, miméticos de si mesmos, não eram, ao fim e ao cabo, nem ilusões nem mentiras, nem prestidigitação nem faz de conta. Eles eram o que existia”.

Com base na experiência dos devotos, torna-se despropositado considerar o giro da folia como mera andança de lá para cá com bandeira ou o Divino como uma explicação fácil do mistério da vida para cristãos supostamente supersticiosos e incultos. Ao contrário, o giro da folia – mimético de si mesmo, da ação dos devotos e da ação do Espírito Santo – é o que existe. Sua forma é a própria devoção ao Espírito Santo: “O Divino não se intimida com as distâncias, com as dificuldades do caminho. Se tem que ir até a casa mais distante, no lugar mais pobrezinho, não importa, tem que chegar lá. E, a cavalo, chega mesmo. Nem que seja pra folia fazer a cantoria e não receber nenhuma esmola: o que importa é levar o Divino”.

Isso posto, é plausível afirmar que a verdade da devoção ao Divino é a sua forma, uma vez que, pela etnografia, foi possível evidenciar a semelhança entre a

⁶³ Geertz, 1991, p. 132.

⁶⁴ No campo pesquisado por Geertz: um léxico de esculturas, flores, danças, melodias, gestos, cânticos, ornamentos, templos, posturas, máscaras etc.

⁶⁵ Geertz, 1991, p. 170.

ação do Espírito Santo e a configuração de um ritual de matiz barroco que imbrica espaços e temporalidades e se expressa pela multiplicidade de mídias e pelo exagero como forma de expressão da devoção ao Santo.

Talvez a folia seja a fração mais *significativa* da celebração ao Divino Espírito Santo. É *significativa* no tempo: atua antes, depois e durante a festa do Divino, pois transita o ano inteiro e não apenas nos nove dias de festa; é *significativa* no espaço: percorre a área urbana e a rural, pois seu âmbito de atuação é muito mais inclusivo do que a celebração oficial da festa no centro da cidade; é *significativa* em sua natureza: evidencia a caduquice da oposição entre sagrado e profano, contagiando o cotidiano com a divindade durante o ano inteiro por meio de animados pousos-potlatch em bairros rurais e nas periferias urbanas do Vale do Paraíba.

Apesar das previsões pessimistas da ortodoxia católica (que vê na religiosidade popular mera superstição) e dos defensores da tradição (que sempre diagnosticam sua perda), a folia do Divino continua viva e significativa. Sua linhagem e linguagem não foram extirpadas: os foliões do Divino ainda estão cantando, ainda estão sendo recebidos com festa nas moradas, na roça e na cidade, ainda estão abençoando e sendo abençoados. Estão em risco, evidentemente. No entanto, correr risco faz parte do giro, da travessia. Do estar vivo. Do constituir-se como experiência.⁶⁶

Uma antropologia da experiência implica a primazia da esfera do sensível para sondar memórias talvez menos dizíveis do que exprimíveis pelo corpo, pela música, pelo canto, pela comida, uma memória do sagrado inscrita no corpo e em constante (re)inscrição, passível ao acesso do pesquisador durante os nove dias de festa do Divino e, de modo especial, e esta foi a aposta central deste trabalho, durante a andança da folia.

Tanto em relação à descrição etnográfica, quanto em relação à abordagem teórica, o ponto de partida e o ponto de chegada desta pesquisa são a experiência.

⁶⁶ Para compor uma etimologia para experiência, Turner averigua que per, na base indo-europeia, relaciona-se à tentativa, aventura, risco e perigo; na base germânica, passagem, medo, transporte; e, em grego, perao implica passar através e perigo. Cf. Turner, 2005.

Ao se configurar em torno da noção de *experiência vivida*, a antropologia da experiência pareceu-me uma abordagem fecunda para empreender um relato etnográfico e uma interpretação antropológica que buscaram se desviar de uma compreensão geral da festa como instrumento de controle social ou arma de resistência de uma população subalterna. Embora essas visões mereçam ser consideradas, pois expressam o desafio proposto pela interpretação das devoções populares, o desvio empreendido neste estudo pretendeu aprofundar a questão que me pareceu mais instigante – a forma da experiência de devoção ao Divino como mimese da própria experiência do Divino Espírito Santo.

*É... só nós sabe o que é carregar a bandeira
por esse mundão de Deus...*

*(Coruja, alferes da bandeira da folia do Divino,
diante do choro convulso de seus companheiros de folia
no encerramento da festa do Divino de 20*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O choro dos foliões sob os fogos de artifício na noite de encerramento da festa do Divino propiciou o insight necessário para eu começar a compreender o choque causado em mim numa visita inesperada à casa de dona Madalena.

Um dia, esta senhora passou em frente da casa que aluguei com uma amiga, Camila, como tenda das aprendizas de antropólogo para fazer a pesquisa de campo. Na arrumação, deixamos um estrado de cama velho na parte da frente da casa para pensar depois no que fazer com ele. Dona Madalena bateu palmas, perguntou se a gente estava dando aquilo, se a gente era de lá mesmo, se íamos ficar muito tempo, de qual das duas o Leco era marido. Um pouco mais tarde, Camila, Leco, o namorado dela, e eu fomos até a casa de dona Madalena, a uma quadra e meia da nossa, entregar o estrado. Era uma casa de fundos com um quintal com várias galinhas, ervas, laranjeiras, abacateiros e o imenso maracujazeiro que a dona Madalena queria escorar com a madeira doada por nós. Ofereceu-nos os frutos e ervas do seu quintal. Eu peguei um maço de capim-cidreira. Camila, um punhado de hortelã. Além dessas ervas, havia arruda, comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge. Ela ofereceu um cafezinho, educadamente recusado por nós, enfaticamente oferecido por ela. Então nos convidou para entrar em sua casa. Logo nos deparamos com um pequeno banheiro, ocupado apenas por um vaso sanitário com um odor forte. Ao lado, separado por uma parede, estava a cozinha, onde vimos as ruínas de um fogão improvisado, panelas com restos de comida e um bule gigante. Quando ela abriu a janela – a casa era muito escura, não sei se tinha luz elétrica – vimos, no mesmo cômodo, um senhor idoso de olhos azuis e fundos deitado numa cama de casal, cercado de roupas aparentemente deixadas para passar e guardar. Dona Madalena nos apresentou seu marido. Disse que ele não andava mais, que mal conseguia falar. Cumprimentamos o homem e percebemos que o odor de urina que impregnava a casa vinha dele. Aceitamos enfim o cafezinho, e já devidamente presenteados com o café, o capim-cidreira e o hortelã, ela nos convidou para

conhecer o outro cômodo da casa, ou melhor, seu altar do Divino Espírito Santo. Num quarto, outra cama de casal também atulhada de roupas e, no canto mais reservado, o altar. Imenso, ornado com muito vermelho, dourado, muitos santos, a pombinha, e a bandeira do Divino pousada bem ao lado. A ordenação caótica de vermelho e dourado me chocaram, me cegaram com uma iluminação que eu nunca seria capaz de supor naquela casa. Então dona Madalena nos disse:

— Esse Santo me dá tudo o que eu preciso, não me falta nada.

Ainda não voltei à casa de dona Madalena. Durante a festa do Divino, avistei-a nas procissões e na fila do afogado. Ela ainda me impressionava com seu carrinho de feira, revirando lixo, carregando coisas de lá para cá. Via-a sempre. Fomos vizinhas. Não consigo me lembrar dos detalhes do seu altar do Divino. Não me esqueci da comoção que me causou e confesso que essa foi a experiência marcante que passou a nutrir a elaboração desta pesquisa.

A hospitalidade e a confissão da dona Madalena abriram em mim um abismo entre o que eu achava que sabia e o que eu estava prestes a começar a entender. Sem saber ao certo o motivo, senti o tremor de um choro me desestabilizar, e me contive. Afinal, por que eu choraria ali, naquele instante? Seria por pena? Pena de uma mulher que, devota que é, talvez se enganasse a si mesma, pois como dizer que o Divino lhe dá tudo, que não lhe falta nada, morando onde ela mora, vivendo do lixo como ela vive, num instante em que a morte parecia compartilhar o café conosco?

Eu era um abismo. Com aquele sorriso luminoso, a dona Madalena não me pareceu em nada alienada.

Ao poucos fui me dando conta de que a mulher alienada naquele dia na casa da dona Madalena era eu. Alienada porque me supunha engajada ao dedicar-me ao estudo da cultura popular, à investigação das razões de uma conversa sempre difícil entre as chamadas classes subalternas e a elite. Supostamente engajada porque, até encontrar a dona Madalena, de fato, eu achava bastava explicitar, por meio da

etnografia, a tessitura de um discurso difícil entre os que estão em cima e os que estão embaixo.

Se a festa e o giro da folia do Divino estão ameaçados, alguns diriam descaracterizados e cooptados pela Igreja católica e pelo poder local, no entanto, tentando observar por sobre os ombros dos devotos, ocorreu-me que isso não era o mais importante a pesquisar naquele momento. Depois do choro dos foliões, quando tive o insight para começar a compreender sobre o que a dona Madalena falava naquele dia em sua casa, tornou-se evidente que tanto aderir quanto contrapor-me a uma temática que idealiza o passado e, baseada nisso, valoriza a cultura popular e as festas religiosas poderia me afastar demais da compreensão da devoção.

O que eu quis tentar compreender ao fazer esta pesquisa foi a experiência de devoção dos meus interlocutores. Para isso, era preciso começar a me desvencilhar de meu pessimismo sentimental e das abordagens mais preocupadas em demonstrar a perda da aura, a perda da tradição e as agruras da indústria cultural, da cultura de massa e do capitalismo. Com base nelas, provavelmente eu iria continuar sem começar a entender o que o Divino significa para os foliões, dona Madalena e outros devotos.

Minha estratégia foi seguir com a folia do Divino, foi seguir o choro. O choro dos foliões no encerramento da festa, o choro que a sua cantoria faz irromper nos devotos durante a andança e o choro que eu achei melhor engolir diante da dona Madalena e do seu altar do Divino.

Seguir com a folia significou para mim a travessia do meu próprio abismo. Do meu abismo como pesquisadora e pessoa. Pude perceber melhor o quanto minhas ideias e sentimentos estavam (ainda estão) emaranhados em teorias racionalizantes e também numa atitude tutelar em relação aos meus interlocutores. Nesse sentido, mesmo não querendo, tinha (tenho) afinidades com o bispo.

Seguir com a folia também foi para mim uma experiência de comunhão. Participar da andança me deu a oportunidade de experienciar vários momentos e trocas de dádivas em meio à religiosidade festiva de um ponto de vista muito

diferente da minha atitude tão engajada quanto confusa do início da pesquisa. Depois de seguir com a folia, fui capaz eu compreender de fato, e não apenas por compaixão ingênua, que é preciso muita andança, cantoria, reza e festa para louvar o Santo e fazer irromper um choro digno de quem experiencia em si e na comunhão com os outros a presença do Divino Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. (1999). *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1890)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ALMEIDA, Jaime de. (1987). *Foliões*. São Paulo. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- ALMEIDA, Jaime de. (2001). Revisitando São Luís do Paraitinga: continuidades e rupturas. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. (1998). *Festa à brasileira: significados do festejar no País que “não é sério”*. São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- AMARAL, Rita de cássia. (1998) A alternativa da festa à brasileira. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora, n. 2, ano 2, p. 109-115.
- ARAUJO, Alceu Maynard (1957). *Poranduba paulista: festas*. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo. (Poranduba paulista, 1).
- ÁVILA, Affonso. (1971). *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva.
- BAKHTIN, Mikhail. (2002). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Annablume.
- BATCHELOR, Mary. (1995). *A Bíblia em foco*. São Paulo: Melhoramentos.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1977). *A folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de folclore, n. 20, Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1978). *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Funarte.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1980). *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1981). *Sacerdotes de viola*. Petrópolis: Vozes.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1985). *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1989). *A cultura na rua*. Campinas: Papirus.
- BRUNER, Edward. (1986). Experience and its expressions. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (Eds.). *The anthropology of experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, p. 3-30.

- CAIUBY NOVAES, Sylvia. (1986). *Mulheres, homens e heróis: dinâmica e permanência através do cotidiano da vida bororo*. São Paulo: FFLCH/USP.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. (2008). Imagem e memória. In: Mammi, Lorenzo; Schwarcz, Lilia Moritz (Orgs.). *8 x fotografia: ensaios*. São Paulo: Mariantonia/Companhia das Letras.
- CAMPOS, Haroldo de. (1983). Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade, v. 44, janeiro, p. 107-127.
- CANDIDO, Antonio. (1970). Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, São Paulo: USP, p. 67-89.
- CANDIDO, Antonio. (2001). *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (2001). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Revisto, atualizado e ilustrado. Global Editora: São Paulo.
- DAMATTA, Roberto. (1988). A mensagem das festas: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora, n. 2, ano 2, p. 72-81.
- DARTON, Robert. (2001). *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal.
- DAWSEY, John Cowart. (1999). Fósseis. *De que riem os "bóias-frias"? Walter Benjamin e o teatro épico de Brecht em carrocerias de caminhões*. São Paulo. Tese (Livre-docência em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (Capítulo 1, versão atualizada em 2007).
- DAWSEY, John Cowart. (2004). Clifford Geertz e o "selvagem cerebral": do mandala ao círculo hermenêutico. In: *Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*, São Paulo, n. 12, p. 113-118.
- DAWSEY, John Cowart. (2005a). Victor Turner e a antropologia da experiência. In: *Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*. São Paulo, n. 13, p. 163-176.
- DAWSEY, John Cowart. (2005b) O teatro dos bóias-frias: repensando a antropologia da performance. In: *Horizontes antropológicos*, 24: 15-34.
- DAWSEY, John Cowart. (2006a). Festa. In: *Informe - Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo: FFLCH/USP, p. 1-4.
- DAWSEY, John Cowart. (2006b). O teatro em aparecida: a santa e a lobisomem. In: *Mana: estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1.
- DEL PRIORE, Mary. (1994). *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo, Brasiliense.

- ETZEL, Eduardo. (1995). *Divino: simbolismo no folclore e na arte popular*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos.
- FERNANDES, Rubem César. (1982). *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDES, Rubem César. (1994). *Romarias da paixão*. Rio de Janeiro: Rocco.
- GEERTZ, Clifford. (1986). Making experiences, authoring selves. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (Eds.). *The anthropology of experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, p. 3-30.
- GEERTZ, Clifford. (1989a). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 3-21.
- GEERTZ, Clifford. (1989b). Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 185-213.
- GEERTZ, Clifford. (1989c). A religião como sistema cultural. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 65-91.
- GEERTZ, Clifford. (1989d). *Ethos*, visão do mundo e a análise de símbolos sagrados. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, p. 93-103.
- GEERTZ, Clifford. (1991). *Negara: o estado teatro no século XIX*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- GEERTZ, Clifford. (1997a). Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. São Paulo: Editora Vozes, p. 85-107.
- GEERTZ, Clifford. (1997b). Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. São Paulo: Editora Vozes, p. 33-56.
- GEERTZ, Clifford. (2004). O selvagem cerebral: sobre a obra de Claude Lévi-Strauss. In: *Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*, São Paulo, n. 12, p. 119-132.
- GRUZINSKI, Serge. (2001). *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. (2009). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUIZINGA, Joahn. (1993). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris (Orgs.). (2001). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EDUSP/Hucitec/Imprensa Oficial.
- MACEDO, Valéria. (1998). Os impérios da festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora, n. 2, ano 2, p. 84-95.

- MACEDO, Valéria. (2002). *O império das festas: o império do Divino e outras festividades católicas no Rio de Janeiro oitocentista*. Dissertação (Mestrado em antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MAIA, Tom; MAIA, Thereza Regina de Camargo. (1981). *O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: MEC-SEC: Funarte: Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Universidade de Taubaté.
- MAUSS, Marcel. (1979a). *A expressão obrigatória dos sentimentos*. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *Mauss*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- MAUSS, Marcel. (1979b). *A prece*. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *Mauss*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- MAUSS, Marcel. (2003). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henry. (2005). *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. (2004). Um Tangolomango para Aristóteles: ou, vida e morte no limiar da Lagoa. In: *Comum*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 156-172, jan.-jun.
- MONTES, Maria Lucia. (1997a). Barrocas heranças: cultura e mentalidade. In: RIBEIRO, Maria Isabel Branco. *Heranças barrocas*. Brasília: Fundação Armando Álvares Penteado/Ministério das Relações Exteriores.
- MONTES, Maria Lucia Montes. (1997b). O erudito e o que é popular: estética negra e espetáculo de massa nas escolas de samba do Rio de Janeiro. In: *Revista USP*. São Paulo: Edusp, n. 32, p. 6-25.
- MONTES, Maria Lucia Montes. (1998a). Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas da festa na construção da identidade brasileira. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora, n. 2, ano 2, p. 142-159.
- MONTES, Maria Lucia. (1998b). As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; NOVAES, Fernando (Orgs.). *História da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras. (História da vida Privada no Brasil, 4).
- MONTES, Maria Lucia. (2007). Patrimônio intangível e manifestações religiosas na cultura popular. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- PEIRANO, Mariza. (2001). A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PEIRANO, Mariza. (2006). Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e performance. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Do ritual à performance*:

abordagens teóricas num campo emergente no Brasil, 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia.

- PINHEIRO, Amálio. (1993). Sobre Los Angeles: forma e cultura. In: ALBERTI, Rafael. *Sobre os anjos*. São Paulo: Art Editora. (Introdução).
- PINHEIRO, Amálio. (2002). Euclides: a crônica da paisagem. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, p. 331-340.
- PINHEIRO, Amálio. (2004). Jornal: cidade é cultura. In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*. São Paulo: Annablume, v. 12
- PINHEIRO, Amálio. (2007). Por entre mídias e artes, a cultura. In: *Húmus*. Caxias do Sul: Lorigraf, n. 2, p. 67-73.
- PINHO, J. P. de. (2003). *Para uma compreensão do Espírito Santo na cultura açoriana*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. (1964). *The Andaman Islanders*. New York: The Free Press.
- RAVELI, Flávia Albergaria. (1998). *A reforma ultramontana e a festa do Divino: São Luiz do Paraitinga entre os séculos XIX e XX*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, Herbert. (2006). *Entre o espetáculo e a devoção: a festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes (SP)*. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SAHLINS, Marshall. (1997). O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção”. In: *Mana*, vol. 3, n. 1, 2.
- SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. (2008). *A festa do Divino de São Luiz do Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo.
- SARDUY, Severo. (1989). *Barroco*. Lisboa: Vega.
- SCHECHNER, Richard. (1985). Restoration of behavior. *Between theater and anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, p. 35-116.
- SEVCENKO, Nicolau. (2002). Imaginário, longa duração e heterogeneidade cultural. In: SEVCENKO, N.; ARAÚJO, E.; BRUNO, M. C.; BELLUZZO, A. M.; MOURA, C. E. M.; TEIXEIRA. *I Museu do Imaginário do Povo Brasileiro: projeto museológico e plano de implantação*. (mimeo)
- SILVA, Adriana de Oliveira. (2004). *Festeiros, foliões e afogado: festa do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga*. São Paulo. Livro-reportagem (Graduação em Jornalismo) – Faculdade Cásper Líbero.
- STEIL, Carlos Alberto. (1996). *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, BA*. Petrópolis: Vozes.

- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. (1985). A performative approach to ritual. *Culture, thought and social action: an anthropological perspective*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- TOLEDO, Marcelo Henrique Santos. (2001). *Espaços individuais e coletivos de sacralidade nos meios populares*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- TURNER, Victor. (1974). Liminaridade e “communitas”. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, p. 116-159.
- TURNER, Victor. (1976). Entre lo uno y lo otro: el periodo liminar en los rites de passage. *La selva de los símbolos: aspectos del ritual ndembu*. Mexico, DF: Siglo Veinteuno.
- TURNER, Victor. (1982). *From ritual to theatre*. New York: PAJ Publications.
- TURNER, Victor. (1986). Dewey, Dilthey, and drama: an essay in anthropology of experience. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (Eds.). *The anthropology of experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, p. 3-30.
- TURNER, Victor. (1987). *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications.
- TURNER, Victor. (2005). Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência. Trad. Hebert Rodrigues. In: *Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*, São Paulo, n. 13, p. 177-185.
- TURNER, Victor. (2008). Peregrinações como processos sociais. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niteroi: EdUFF, p. 155-214.
- VAN GENNEP, Arnold. (1978). *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.